



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGHIS

JÚLIA NAIRA MATOS OLIVEIRA

Da Religião à Restrição:

A trajetória do Nativismo norte-americano entre os séculos XIX e XX

BRASÍLIA
2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGHIS

JULIA NAIRA MATOS OLIVEIRA

Da Religião à Restrição:

A trajetória do Nativismo norte-americano entre os séculos XIX e XX.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB), como requisito para a obtenção do título de mestre em História. Linha de Pesquisa: *Políticas instituições e Relações de poder.*

Orientador: Dr Virgílio Caixeira Arraes.

BRASÍLIA, SETEMBRO DE 2016

JULIA NAIRA MATOS OLIVEIRA

Da Religião à Restrição:

A trajetória do Nativismo norte-americano entre os séculos XIX e XX.

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Dr Virgílio Caixeta Arraes.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes – (Presidente) – UnB

Prof.^a Dr.^a Neuma Brilhante Rodrigues – (Avaliadora) – História UnB

Prof. Dr. Leandro Bulhões de Jesus – (Avaliador) – História UnB

Prof. Dr. Thiago Gehre Galvão – (Suplente) – IREL UnB

BRASÍLIA, 2016

Para aqueles que não acreditaram.
Principalmente para aqueles que
acreditaram que essa pesquisa fosse
possível.
Eu dedico a vocês esses dois anos de
trabalho.

Agradecimentos

Em fim chegamos ao fim. Em 2014 quando fiz a seleção para o programa de pós-graduação em história da UnB não acreditava que seria possível passar por todas as etapas do processo. Para minha surpresa não só fui aprovada como os dois anos de mestrado apesar das correrias, livros de difícil importação, livros extraviados ou cancelados, mudança de objeto, de foco, de metodologia. Chegamos a um final.

Algumas pessoas tornaram essa jornada mais fácil de ser suportada. Meu orientador Virgílio Arraes por ter visto algo que nenhum outro professor viu; acreditou na minha capacidade de pesquisa, de passar na seleção e realizar um trabalho com uma bibliografia de difícil acesso e em língua inglesa. Pela liberdade na escolha bibliográfica e concordar com a mudança de tema. Principalmente pela ajuda e paciência com minhas crises de ansiedade e momentos de procrastinação.

Esse trabalho não seria o mesmo sem as professoras Neuma Brilhante e Tereza Kishiner. Obrigado por me mostrar que não era possível trabalhar o projeto inicial e me ajudar a delimitar o que este trabalho se tornou. Obrigado professora Neuma pela ajuda com o tema, com a estrutura, por todas as aulas de *História do Pensamento Político*, todas as xícaras de café e pela paciência.

Maria Luísa (@malu_mad) que me salvou na UERJ, foi uma simpatia e fuçou metade da internet para me ajudar a encontrar parte dos livros que tornaram possível a realização desse trabalho. Malu e Jô que aguentaram meus surtos durante o TCC, durante as noites insones antes da qualificação e aguentaram os surtos da dissertação. Ao Cosme por me hospedar me animar e acreditar que eu sou mais inteligente do que aparento. Aliane, Sara, Tatiana, Débora e Ana Letícia esse trabalho seria muito mais chato sem as risadas, piadas e o apoio de vocês. Gabriel, Sara, Lelê, Leko e Leo obrigado por todo apoio.

Rafael e Diogo por não terem sumido quando eu sumi.

A minha família pela paciência durante esse período. Mesmo sem entender o que eu estava estudando apoiaram com carinho e com a compra de livros.

Texugo obrigado por me buscar na biblioteca me animar e me fazer acreditar. Obrigado por ceder sua televisão quando ninguém faria isso.

Todas as pessoas fantásticas que apareceram no meu caminho durante essa jornada. Os senhores simpáticos da secretária, os professores, colegas de aula, bate papo, pesquisa, até os dois lindos que me abasteceram de *funk food* por dois anos. Todos que passaram pela minha vida de alguma forma nesses dois anos de trabalho, tornaram meus dias mais felizes e me fizeram crescer de uma forma ou de outra.

Seria impossível não agradecer a Aline e Gabriel que apareceram quando ninguém mais apareceu. Pelas noites no escritório e as capsulas de café pra me ajudar a ficar acordada. Aline por colar minha bunda na cadeira quando eu não acreditava que seria possível terminar o trabalho. Obrigado por não me fazer fugir para o Uruguai. Ajudar com correção e principalmente por ser uma amiga.

A minha mãe Iansã pela força e coragem que me fez continuar no caminho.

Ao CNPq pelo apoio que tornou esse projeto possível,

A todos, o meu mais sincero muito obrigado.

O Captain! my Captain! our fearful trip is done,
The ship has weather'd every rack, the prize we sought is won,
The port is near, the bells I hear, the people all exulting,
While follow eyes the steady keel, the vessel grim and daring;
(Walt Whitman)

Da Religião à Restrição:

O caminho do Nativismo norte-americano entre os séculos XIX e XX.

Resumo:

Definido genericamente como oposição a imigração ou presença de determinados grupos dentro de um território. O nativismo dentro dos Estados Unidos foi uma presença constante nos anos formativos de sua história. Esta forma de pensamento pode ser percebida na forma como a conhecemos durante a virada do século XIX para o século XX. Os princípios do Darwinismo social, somados aos constantes influxos de imigrantes que entravam em números cada vez maiores ajudaram a firmar o pensamento de que a imigração era algo nocivo aos valores da sociedade estadunidense. Embora o nativismo foi um sentimento muito presente na primeira metade do século XX, ele nunca deixou de existir. E no século XXI é possível perceber os mesmos discursos sendo utilizados, apenas com alvos diferentes.

Palavras chave: Nativismo, Estados Unidos, Séculos XIX, XX.

From Religion to Restriction:

The Nativism patherns from the XIX to the XX century.

Abstract:

This project has as main goal the study of American nativism between the end of the 19th century and the beginning of the 20th. For this purpose understanding the meaning of Americanism and the concept of nativism needed to be delimited for a better comprehension of the meaning of nativism, as its tactics and whom its attracts were meant to.

Nativism in the work is not perceived as just a meaning but as an agent able to promote changes. The understanding how a sentiment became a concept than an agent is one of the intentions of this work. Although nativism was a very present feeling in the first half of the twentieth century, it never ceased to exist. And in the 21st century it is possible to perceive the same discourses being used, only with different targets.

Key Words: Nativism, United States, 19th and 20th Century.

Lista de Abreviações e Siglas

AFL- American Federation of Labor

APA- American Protective League

C.E.A- Chinese Exclusion Act.

ERO- Eugenics Recorder Office.

ISSEI- Imigrante japonês.

IRL - Immigration Restriction League

IWW - Industrials Works of the World

GOP - Great Old Party. Outro nome do Partido Republicano.

K.O.L- Kights of Labour

K.K.K- Ku Klux Klan

U.O.A - United Order of America

W.A.S.P - White Anglo Saxon Protestant.

Sumário

Introdução	5
Capítulo 1. Nativismo, Identidade Nacional e Nacionalismo	11
1.1 Nativismo.....	12
1.1.3 O Nativismo Norte-Americano.....	21
1.2 A identidade Nacional	24
1.2.1 Pensando a identidade nacional norte-americana, uma perspectiva teórica. ...	28
1.2.2 De Ingleses a Americanos, formando e redefinindo uma identidade.	32
1.2.3 Primeiro passo para americanidade: a criação da ideia do americano.....	33
1.2.4. O que é um Americano?	39
1.2.6 Restringindo a Americanidade.	42
1.3.4 Identidade, Nação e Nacionalismos: Encontrando motivos para odiar os outros.	50
1.4. Conclusão: o nativismo dentro deste trabalho.	52
Capítulo 2 Os três nativismos.	55
2.1 O Nativismo Religioso.	58
2.1.1 O anticatolicismo.....	60
2.2 O Ressentimento.	77
2.2.1 O início de uma Era Dourada.....	78
2.2.2. A Era da Imigração.....	81
2.2.3 Mancha na Era dourada, Reconstrução e Segunda Guerra Civil.....	87
2.2.6 Formação do movimento sindical.	95
2.3. Nativismo ganha respaldo científico.	105
2.3.1. O medo do suicídio racial.	107
2.3.2. A Eugenia ganha os Estados Unidos.....	109
Capítulo 3: Nativismo e Restrição.	110
3.1. A imigração chinesa para a Califórnia.....	111

3.1.1 O sentimento Anti-chinês	117
3.1.2 O caminho até a Restrição.	124
3.1.3 O que a restrição representou para a comunidade chinesa.	128
3.2 Então vieram os japoneses	130
3.2.1 Novo alvo mesmo nativismo	132
3.1.2 O caminho para a restrição.	134
Conclusão	142
Bibliografia	145

Introdução

A imigração nos Estados Unidos é uma questão preponderante em jornais, editoriais televisivos e debates presidenciais. Discussões a respeito do que fazer com os imigrantes que entram legal ou ilegalmente e como impedir com que eles cruzem as fronteiras dos Estados Unidos levantam ânimos e dividem a opinião pública. As justificativas usadas por aqueles que desejam barrar a entrada de imigrantes não se alteraram significativamente nos últimos 100 anos: perda do emprego do “homem branco” para o imigrante; queda dos salários, uma vez que imigrantes aceitam trabalhar por salários mais baixos e em condições degradantes; perda da identidade nacional; mudança na configuração demográfica do país; aumento da criminalidade. São de certa forma, argumentos repetidos desde metade do século XIX e que continuam até a primeira década do século XXI. Outro ponto que os opositores da entrada de imigrantes defendem reside numa possível incapacidade de assimilação cultural por determinados grupos que resultaria na destruição dos hábitos e instituições e no estilo de vida americano. Imigrantes pertencentes a religiões não cristãs são comumente acusados de planejar ataques aos valores no qual a sociedade americana foi fundada¹.

O nativismo está profundamente ligado aos movimentos migratórios, sejam esses legais ou ilegais. Apesar da popularidade obtida a partir de 1850, ele não é fruto do século XIX e muito menos morreu com a aprovação da lei geral de imigração de 1924². O sentimento nativista reverbera até hoje na sociedade norte-americana, apesar de não ter os mesmos alvos do século XIX, a percepção de que alguns grupos de pessoas não possuem capacidade ou vontade de pertencer à sociedade norte-americana continua.

Após o primeiro decênio do século XXI, um candidato à Casa Branca conseguiu a candidatura do Partido Republicano com promessas de construir um grande muro para separar a fronteira do México com os Estados Unidos. Entre suas promessas de campanha também está uma proposta de proibir a entrada de muçulmanos e expulsar aqueles já presentes no país. Sob uma perspectiva ideológica, parte do GOP do século XXI não parece tão diferente do *Native American Party* do século XIX. Principalmente ao observar o comportamento dos candidatos que fazem parte ao *Tea Party* (ala mais conservadora do partido republicano)³ o

¹ O uso da 3ª pessoa do singular nos textos de introdução e conclusão são intencionais.

² Lei que criava cotas para diminuir a entrada de imigrantes indesejados e banir os consideráveis inassimiláveis do país

³ O movimento do Tea Party é uma resposta a primeira eleição do 44º presidente dos Estados Unidos Barack Obama em 2009. O grupo deseja uma diminuição do Estado, menos impostos, e o funcionamento da economia sem interferência do governo.

ponto de congruência dos dois partidos se encontra principalmente no desejo de restringir a entrada de imigrantes no país.

As narrativas que exigiam a exclusão não se alteraram com o tempo – muito mais uma consequência da mudança da sociedade do que do sentimento de integração. O desprezo por grupos distintos da visão que os americanos possuem de si mesmo continua muito similar aquelas que dominaram país na virada dos séculos XIX e XX.

Durante a convenção do Partido Republicano Americano realizada em 18 de julho de 2016 um dos palestrantes terminou sua fala afirmando excepcionalismo norte-americano está vivo e bem. Pelo comportamento de membros partido e de alguns grupos midiáticos, que constantemente invocam o sentimento de que os valores americanos estão sob-ameaça. Seria possível complementar a fala desse palestrante dizendo que não apenas o excepcionalismo está vivo e bem. Assim como o nativismo norte-americano ainda invoca reações de medo e ressentimento em diversos grupos.

Este trabalho tem como proposta a observação dos desdobramentos do fenômeno nativista nos Estados Unidos entre o século XIX e início do século XX. Perceber as mudanças em sua ideologia, nos alvos escolhidos assim como as justificativas usadas para exigir a exclusão de determinados grupos. Assim como observar o nativismo como um dos agentes transformadores da sociedade americana, capaz de impor comportamentos, criar atritos e propor leis. Consequente, o trabalho dirige-se na tentativa de responder duas perguntas: se podemos considerar o nativismo como um fenômeno uniforme em todo território nacional? E se seus objetos tanto de ataque quanto de resistência foram os mesmos em todo país?

Embora os primeiros estudos sobre o nativismo sejam anteriores a Segunda Guerra (1939-1945), há um aumento quantitativo de trabalho a respeito do tema no Pós Guerra. A Guerra fria, a luta contra o comunismo interno, a chegada de outros imigrantes, chamaram atenção não apenas de grupos de extrema direita que exigiam medidas duras contra esses grupos, como também de pesquisadores.

O estudo das questões nativistas durante esse período pode ser definido heurísticamente em quatro blocos: A primeira vertente é focada na herança do nativismo colonial, o nativismo religioso, e seu desdobramento no período *antebellum*⁴. Esse estudo se concentra no *American Party* e nas ideias políticas, assim como a permanência das mesmas.

⁴ Período que compreendido entre a era Jacksoniana e o começo da Guerra de Secessão..

Um exemplo de estudo desenvolvido a respeito deste período é o trabalho de Ray Allen Billington (1903-1981), *The Protestant Crusade, 1800-1860: A Study of the Origins of American Nativism*, escrito em 1953, o livro de Billington tenta buscar as causas do nativismo norte americano, procurando essas dentro das atitudes dos primeiros colonos para as interpretações e representações negativas em relação aos católicos e traça um paralelo entre o declínio da intolerância na Inglaterra e o aumento na América.

A segunda vertente estuda o desenvolvimento do nativismo após a Guerra de Secessão (1861-1865) e como gradativamente, a atividade anti-imigrante se organizou até conseguir aprovar as leis que restringiam a entrada de imigrantes. Essa vertente se foca no que John Higham (1920-2003) chama de *tribal twenties*. Dentro desse espaço de tempo é quando a sociedade começa a se organizar e pedir a restrição em massa de determinados grupos étnicos. É dentro dessa realidade de intenso repúdio pelos não americanos que grupos de extrema direita são criados ou ressurgem como é o caso da Klu Klux Klan. Livros como *Strangers in the Land* de John Higham e *The Party of Fear* de David H. Bennett podem servir de exemplo do tipo de estudo realizado sobre esse período.

A terceira vertente tem como foco o ressurgimento do nativismo pós II guerra e as características que esse passa a assumir, pois os antes considerados “novos⁵” imigrantes, como italianos, russos, poloneses, começam a exigir restrição contra os novos “novos” imigrantes, essa restrição tinha como foco os latinos. Sobre a forma que o nativismo norte-americano viria a se organizar no pós- II Guerra, podemos recorrer a obra *de Immigrants Out!: The New Nativism and the Anti-Immigrant Impulse in the United States* organizado por Juan Pera. Focado na imigração em massa ocorrida pós 1965, o autor advoga a favor de novas restrições contra imigração, relacionando as dificuldades econômicas enfrentadas pelo país depois da década de 70 como resultado da entrada desenfreada de imigrantes pouco qualificados que cobram baixo por sua mão de obra.

A quarta vertente de estudos nativistas busca a compreensão de um tipo bem mais recente: o voltado contra os muçulmanos. Esse nativismo foi acentuado pelos eventos ocorridos em 11 de Setembro de 2001. Um exemplo de estudo desta quarta vertente é o livro *In defense of interment* de Michelle Malkin, a proposta da autora em seu livro é comprovar que em casos de necessidade, ou segurança nacional, ações mais drásticas devem ser tomadas

⁵ É comum em estudos sobre o nativismo do século XIX a descrição de novos imigrantes para se referir aos imigrantes que chegam ao país após a Guerra de Secessão.

para proteção da população. A autora, para defender, tanto os campos de internamento de japoneses durante a segunda guerra, quanto medidas mais duras contra o combate ao terrorismo, advoga que “durante período de guerra, a sobrevivência da nação vem em primeiro lugar” (Malkin, 2004 p.5).

Dentro do escopo do estudo do nativista, esse trabalho se divide em 3 capítulos.

O primeiro tem como meta a definição do conceito de nativismo a ser utilizado dentro deste trabalho. Para realizar tal objetivo foi necessário dialogar com questões identitárias, conceitos de nação e nacionalismo. Este capítulo teórico exige um cuidado com as definições uma vez que a palavra nativismo existe no português, e assim como no inglês é uma categoria explicativa da história. Entretanto o nativismo brasileiro foram batalhas para expulsão de estrangeiros que ameaçavam a anexação do território nacional. Embora a questão relacionada aos estrangeiros esteja presente nos dois casos, a forma com que o nativismo brasileiro e o americano se desenvolveram é bastante distinta. Além do problema do conceito de nativismo a ideia de nativo americano amplamente utilizada durante esse trabalho se difere da concepção atual do termo. Nesse caso, o empréstimo de explicações da linguística ajuda a resolver esse problema.

O segundo capítulo trata do nativismo em si, e como ele agiu nos Estados Unidos, suas premissas, grupos de apoio e quem foi perseguido por esse grupo. Por se tratar de um tema extenso, o segundo capítulo é dividido em três partes, cada uma delas devotada ao tipo de nativismo mais forte dentro do país. Ao longo do segundo capítulo a análise de leis ou decisões da suprema corte estão inseridas dentro do texto buscando uma compreensão melhor da sociedade americana e do pensamento destes americanos.

No terceiro capítulo, será tratada a imigração asiática e porque ela se difere de tantos outros imigrantes que entraram no país durante o “século da imigração”. No caso da imigração asiática com intuito de produzir um trabalho focado, restringimos a imigração chinesa e japonesa. Há registros de outros asiáticos que chegam na América do Norte durante o período, mas o número de imigrantes é pequeno demais para uma análise da situação. Além disso, a imigração chinesa e japonesa, apesar de representar um número menor se comparado com outros grupos que entraram no mesmo período, foi responsável por uma forte onda nativista nos Estados Unidos. Assim como no segundo capítulo o apoio em leis aprovadas no período é utilizada para uma melhor compreensão do sentimento nativista em relação aos asiáticos.

O trabalho também conta com um epílogo onde será discutida a lei geral de imigração de 1924. A primeira lei que controla de maneira ampla a imigração para os Estados Unidos. Apesar de muitos considerarem a lei uma necessidade de sua época. O que se pretende com a discussão a respeito da lei é verificar o nativismo existente por trás da formulação da lei.

Considerando as questões nativistas como intrinsicamente ligadas aos estudos relativos à imigração, não é de se espantar o fato de grande parte de pesquisadores a respeito do tema também pesquisarem o fenômeno migratório dentro dos Estados Unidos e utilizarem o nativismo como uma categoria explicativa, tanto para a forma como os nativos se relacionaram com imigrantes, assim como as mudanças na política norte-americana relacionadas a migração no século XX.

A despeito de representar uma categoria importante em livros sobre a imigração para os Estados Unidos, a questão nativista não é tão explorada por pesquisadores brasileiros, estando assim, a bibliografia desse estudo, se não inteiramente, em grande parte, composta por livros em língua inglesa sem tradução oficial para o português. Doravante, para uma melhor compreensão e fluência narrativa do trabalho, foi feita a escolha de traduzir as citações utilizadas.

Além da bibliografia convencional esse trabalho foi composto por fontes primárias: leis interpretadas como nativistas ou que foram aprovadas com pressão de grupos nativistas. Notícias de jornais, decisões da suprema corte e transcrição de votações do senado. Com o intuito de enriquecer este estudo fontes alternativas como. Filmes, documentários e *podcasts*⁶ acrescentaram outras percepções e ajudaram a aprofundar o conhecimento sobre o tema.

Essas novas fontes, além de contribuir com o trabalho, transformaram-se em um desafio metodológico. Por exemplo, muitos livros foram adquiridos via plataforma digital *kindle*⁷. Os livros nesse formato não possuem páginas e sim posição de leitura. Por falta de indicação oficial da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) de como tratar desse tipo de bibliografia, foi estipulado que a abreviação **ps** seria utilizada para indicar a posição das passagens usadas em livros nesse formato. Entretanto é necessário avisar que a posição dentro de livros virtuais pode variar de acordo com o tipo e tamanho de fonte utilizada no

⁶ O podcast é um conteúdo de mídia (geralmente áudio) transmitido via RSS. Você pode usar agregadores como iTunes ou Ziepod para PCs, BeyondPod ou PodStore para Android, Wecast ou o nativo Podcasts para iOS e mais uma infinidade de aplicativos para todas as plataformas definição de < <https://mundopodcast.com.br/artigos/o-que-e-podcast/>>

⁷ Kindle é um dispositivo eletrônico criado para leitura de textos. Ele é mais usado para leitura de ebooks, ou livros digitais.

aparelho. No caso dos livros em formato *kindle* utilizados nesse trabalho a fonte utilizada foi *Bookerly* tamanho: 6. Também não há regulamentação oficial a respeito de como citar *podcasts*, mas pela proximidade desse tipo de mídia com outros produtos de áudio foi decidido manter as instruções da ABNT para citação de músicas.

Pela grande quantidade de material em língua inglesa sem tradução oficial que foi analisado, teorias da tradução, apoiando-se metodologicamente na noção de equivalência. A equivalência dinâmica, ou equivalência funcional, proposta por Eugene Nida (1914-2001) foi uma das categorias aplicadas para a tradução de leis ou partes da bibliografia utilizada. Tendo ciência de intradutibilidade de alguns termos e expressões (a incapacidade de encontrar uma equivalência satisfatória em português), nos apoiaremos na noção de Levý que insiste em que nenhuma contração ou omissão de expressões difíceis em tradução é imoral. E que o tradutor “tem responsabilidade de encontrar uma solução para o mais desencorajador dos problemas” (BASSNETT, 2005 p.45) essas palavras serão deixadas em seu texto de saída, ou, reproduzidas na íntegra em notas de fim. Uma vez que, todas as traduções não oficiais foram feitas pela responsável deste estudo. Sendo de qualquer erro, interpretação equivocada sua responsabilidade.

Capítulo 1. Nativismo, Identidade Nacional e Nacionalismo

1.1 Nativismo

A compreensão do que é o nativismo, e de se sua importância para os estudos sobre a política e sociedade norte-americana constitui um intrincado desafio epistemológico. Esta dificuldade encontra-se no fato que o conceito de nativismo está intrinsecamente ligado ao conceito de americanidade. A partir da definição de John Higham compreendemos que o nativismo pode ser compreendido como: “Um tipo inflamado de etnocentrismo nacionalista” (HIGHAM, 2000, p.300) e “como a intensa oposição de uma minoria interna, na base de suas conexões estrangeiras (não-americanas)” (HIGHAM, 2002, p.4).

O conceito de nativismo não é um conceito estático. Ao longo do século XX ele foi se modificando, seu significado passou a incorporar as idiossincrasias de cada grupo estudando dentro do escopo de nativismo. Desta forma, noções de nativismo como: “um tipo de patriotismo combinado com xenofobia” (HALL, 2009), a “exclusão de maneira hostil de imigrantes simplesmente para proteger a preponderância cultural de um tipo de cidadãos” (MOYERS, 2007). Nativismo é historicamente confundido com racismo como aponta Higham: “Racismo e nativismo são coisas diferentes, embora aliados” (HIGHAM, 2000).

A historiografia estadunidense durante muito tempo definiu nativismo como a agitação política antimigratória que tomou conta do território dos Estados Unidos a partir de 1830. Eric Kaufmann em seu artigo *American Exceptionalism Reconsidered: Anglo-Saxon Ethnogenesis in the 'Universal' Nation, 1776-1850* afirma que:

As origens dessa abordagem pode ser traçada até o começo da “Corrida Progressista”⁸. Teóricos das décadas de 1920 e 30 com suas crenças que ódios raciais e nacionais ou por grupos sempre se enraizaram na luta do homem por meio de subsistência (KAUFMANN, 1997, p.3)ⁱ.

Essas abordagens das décadas de 20/30 do século XX restringia o nativismo apenas a agitação anticatólica. Para essa primeira geração de estudiosos o nativismo se restringiria ao do tipo religioso e o único grupo considerado como perseguido foram os católicos. Aitana Guia em seu artigo *The concept of Nativism and Anti-immigration in Europe*, explica que a historiografia norte-americana:

Não voltaria sua atenção para o nativismo até a década de 1920, e teria que esperar até o fim de 1930 para que [o nativismo] se tornasse um assunto aceitável nas principais universidades (GUIA, 2016, p.2)ⁱⁱ

⁸ Corrida progressista refere a um período específico da Era progressista dos Estados Unidos 1890-1920. A Corrida Progressista é caracterizada pelo grande número de reformas que eram exigidas pela população – em sua maioria – de classe média.

Mesmo assim, o conceito de nativismo ficaria fortemente ligado a noção de nativismo religioso. Seria com a popularização do termo no fim da década de 80 e começo de 90 que as outras correntes de nativismo ganhariam o público (GUIA, 2016). Enquanto a questão do ressentimento seria a corrente nativista que ganharia mais força durante o último decênio do século XX, o nativismo científico continuaria a ser considerada por diversos pesquisadores do assunto como um retrato de sua época.

O Nativismo do tipo religioso voltaria a ganhar destaque após os ataques de 11 de Setembro de 2001, quando uma série de ações contrárias à entrada de imigrantes muçulmanos aconteceria no país. O nativismo não é apenas um modelo explicativo para as ações dos norte-americanos no passado. O nativismo continua como um importante fator político, capaz de criar legislações e eleger – ou não – candidatos nos mais diversos Estados como explica Guia:

O deputado Patrick J. Buchanan e o Governador republicano da Califórnia Peter Wilson fizeram da restrição a imigração a base de suas promessas de campanha. Os eleitores do Estado apoiaram o nativismo ao adotarem a proposta 187, que limitou severamente a assistência aos imigrantes sem documentação. Alguns anos depois o estado do Arizona aprovaram uma lei anti-imigração ainda mais severa em 2010 (GUIA, 2016, p.8)ⁱⁱⁱ.

As novas medidas contrárias à imigração possuem com base o sentimento de ressentimento em relação aos imigrantes e a visão de que a vida da população estaria melhor se essas pessoas não estivessem em seu país absorvendo recursos sem investir no país. Embora a justificativa do discurso sobre o nativismo baseado no ressentimento tenha como grande parte de sua razão *raison d'etre* questões econômicas. O discurso que imigrantes são uma ameaça para as economias, qualidade de vida e empregos pode ser ouvido mesmo durante períodos de estabilidade econômica.

A despeito de ter seu conceito conectado com a noção de americanidade, o conceito de Nativismo não está restrito a experiência dos Americanos. É possível perceber traços nativistas em narrativas de imigrantes em países por todo o globo nos séculos XX e XXI. O anticatolicismo em que parte da experiência nativista estadunidense pode ser vista sob a ótica de um sentimento anti-islâmico. Da mesma forma que questão do ressentimento pode se percebida em movimentos e legislações que dificultaram o processo de entrada e permanência de imigrantes nos países europeus. Sobre a utilização do conceito de nativista para a descrição de vivências de imigrantes em outras nações Guia explica:

A pesar das limitações, o nativismo é um conceito útil para entender a maioria dos nacionalismos sob as condições da imigração em massa tanto em territórios coloniais como em New Bruswick em 1840, e em países com democracias liberais

como nos Estados Unidos (Higham 2002, Tatalovich 1995, Anbinder 2006), Austrália (Blackton 1958), Argentina (McGee Deytsh 1999) além de diversos outros países. Também pode ser aplicado a pequenos nacionalismos como na região de Flandres desde a década de 1970 e Quebec. O nativismo também pode ser encontrado em regiões pós-coloniais como regiões ao norte da África na metade da década de 80 (GUIA, 2016, p.16)^{IV}.

Desta forma, percebe-se que o nativismo além de não ter um conceito único, também exprime experiências de imigrantes não só nos Estados Unidos como no globo. É preciso sim levar em conta as vicissitudes de cada país, e principalmente questões de identidade nacional, uma vez que, a noção de nativismo é sempre construída em relação a um outro grupo.

1.1.2. Os Nativos americanos não são os índios.

Para o americano da segunda metade século XIX o termo nativo-americano não possui o sentido denotativo utilizado nos dias de hoje. Os povos nativos da América, as tribos que já habitavam o local antes da invasão europeia, eram chamados de diversas formas, mas nativo americano não era uma delas. Esses povos eram apenas um empecilho para que os verdadeiros americanos realizassem seu “Destino Manifesto de possuir e povoar a totalidade do continente que a providência divina deu para o desenvolvimento da grande experiência de liberdade e governo federativo” (FONSECA, 2007 p.173).

Então quem seriam os verdadeiros nativos americanos?

A partir de uma visão simplificada sobre o assunto um nativo americano seria qualquer pessoa nascida no território americano. Mas para parte da população esse ter nascido nos Estados Unidos não era o suficiente para tornar alguém americano. Essa noção de não pertencimento pode ser percebida na forma que os descendentes de imigrantes eram chamados por sua ancestralidade + americano, como por exemplo, é o caso dos descendentes italianos que mesmo após gerações dentro do território eram chamados de ítalo-americanos. Essa designação chama atenção por deixar claro que esse grupo não faz parte da identidade eleita como americana. E é exatamente a ações das pessoas que acreditavam que apenas uma parcela das pessoas que moravam no país era verdadeiramente americana que podemos entender como o movimento nativista.

Tentar encontrar a origem ou um conceito definitivo para o nativismo norte-americano seria um propósito infundado. Dado que, assim como são abundantes interpretações de nativismo para os pesquisadores do assunto, assim são os objetos a serem estudados. O que esse capítulo propõe é: expor algumas definições utilizadas pela historiografia norte-americana, montar uma definição que servirá como guia para essa pesquisa. Em uma definição mais generalista o nativismo pode ser entendido como:

Uma consequência da imigração e da diversificação étnica da cidadania americana. Alguns mais preocupados com o contexto do estilo de vida americano, somado a um temor social em particular que pode levar a seu desenvolvimento. (OXX ps.505)^v

Por essa primeira observação a respeito do tema, pode-se perceber que sua compreensão está intrinsicamente ligada à questão da americanidade. Deste modo, o Nativismo pode ser encarado como ruído no que Anderson (2008) define como “comunidade imaginada”. Os grupos estabelecidos não reconhecem os recém-chegados como seus possíveis pares pelas mais distintas razões. No caso americano, os motivos para o não reconhecimento da americanidade são: religiosos, linguísticos e étnicos. Os grupos não reconhecidos são colocados à margem da socialização. Embora residam no mesmo território essas pessoas não são legitimadas como iguais pelos habitantes mais antigos. Esses recém-chegados tendem a estabelecer pequenas comunidades, nas quais mantêm seus hábitos, costumes e idioma originais, justificando assim o argumento daqueles já estabelecidos (ELIAS, 2000).

Katie Oxx em *The Nativist Movement in America*, ao fazer uma revisão historiográfica a respeito da produção sobre o assunto nos Estados Unidos, demonstrou como a definição de nativismo é fluída, e pode ser (re)interpretada de acordo com o objeto observado.

Em um primeiro momento, o nativismo é encarado como um sentimento de forte oposição aos imigrantes. Baseado em medo de mudanças sociais, preconceitos, competição entre as forças de trabalho. Esse medo foi forte o suficiente para agregar pessoas que compartilhassem do mesmo sentimento e organizassem grupos para combatê-los. Sentimentos podem transmutar-se em agentes sociais assim como podem se transformar em conceitos. Como explica Koselleck:

Um grupo pode se constituir por meio do comando ou do consenso, do contrato ou da propaganda, da necessidade de parentesco de alguma outra coisa ou de uma outra maneira qualquer. Mas não podem estar ausentes os conceitos pelos quais o grupo possa se reconhecer e se autodeterminar, caso deseje apresentar-se como uma unidade de ação. No sentido empregado aqui, o conceito serve não apenas para

indicar unidades de ação, mas também, constitui grupos políticos ou sociais. (KOSELLECK,2006, p.192)

Ainda que haja uma consonância entre os estudiosos de nativismo que se trata de um sentimento contra imigrantes, dentro da historiografia ele deve ser interpretado como um conceito histórico, com um significado próprio, capaz de invocar sentido. Koselleck compreende como:

Um conceito não é somente um indicador dos conteúdos compreendidos por ele, é também seu fator. Um conceito abre determinados horizontes, ao mesmo tempo em que atua como limitador de experiências possíveis e de teorias. (KOSELLECK, 2006 p.306)

Uma das dificuldades do estudo do nativismo encontra-se na falta de entendimento quando se trata do escopo do mesmo. Não há um limite claro para um movimento ser considerado nativista ou xenofóbico o que leva à ambiguidade entre esses dois conceitos. Por ser um conceito amplamente ligado à imigração para os Estados Unidos, há uma amplitude de autores que trabalham nativismo, enfatizando um ou outro ponto do assunto. Ao examinar como autores que trabalham, definem e colocam limites para seu entendimento a respeito do conceito de nativismo que permite achar uma definição que se enquadra ao nativismo a ser examinado.

Roger Daniels (2004 p.8) trabalha com uma visão ampla sobre nativismo. Em sua concepção ele deve ser usado para “descrever pessoas, organizações e movimentos que se opõem à imigração ou a um grupo de imigrantes, sob qualquer condição”^{vi}. Dessa forma, a visão proposta com a de Daniels é muito mais parecida com o conceito moderno de xenofobia⁹. Pode-se acrescentar à visão de Daniels sobre o nativismo que ele seria a substituição de temores e ansiedades dos problemas intrínsecos a uma sociedade com problemas causados por outros. Essas ansiedades podem ser geradas pelos mais diversos motivos; questões raciais, transformações nos papéis de gênero ou mesmo uma ansiedade provocada pela intolerância contra todos os estrangeiros.

Higham em *Strangers in the Land* (2002 pp.4-5) entende o nativismo como qualquer ação contra um imigrante baseado na sua não americanidade, ou falta de capacidade de se americanizar. E que apesar do termo só ter sido cunhado por volta da década de 50 do século

⁹ Segundo o Oxford English Dictionary, xenofobia (do grego, medo ou aversão a estrangeiro ou a fenótipos semelhantes ao de um estrangeiro) pode significar uma aversão não apenas a indivíduos de outros países, mas a outras culturas, subculturas ou subconjuntos de crenças (um entendimento que abarca a ideia de “hóspede” do radical xeno). Dicionário Houaiss não se afasta muito dessa definição, e destaca que a desconfiança, temor e antipatia podem direcionar-se àquele que é incomum, incluindo indivíduos de uma mesma nacionalidade.

XIX, seus ideais já estavam presentes do sentimento ganhar um nome. Na definição de Higham:

Nativismo deve ser definido como uma intensa oposição a uma minoria interna por serem estrangeiros (não americanos). Demarcado por amplas antipatias culturais e julgamentos etnocêntricos muito mais abrangentes. Os nativistas os traduzem em um zelo para destruir os inimigos do Estilo de Vida Americano (HIGHAM, 2002, pp.4-5)^{vii}.

Pode ser notada dentro do conceito de nativismo cunhado por Higham a influência da visão que o próprio presidente Andrew Jackson possuía sobre alguns tipos de imigrantes. Que pode ser compreendida pela percepção que imigrantes vindos de monarquias absolutistas, como era o caso dos espanhóis e franceses. Vindos dos territórios recém-anexados por Jackson, era o tipo de imigrante que eles não ansiavam por receber. O entendimento do presidente a respeito desse grupo era que eles não seriam capazes de compreender o autogoverno e a democracia americana. Uma vez que eram acostumados com os regimes monárquicos e absolutistas. A incapacidade de compreender as instituições levaria a sua incapacidade de americanização.

Ainda sob o entendimento do nativismo na visão de Higham, este seria composto por três pilares: anticatolicismo, que tem seu período mais forte durante o *antebellum*¹⁰, mas, apareceria com maior ou menor intensidade ao longo dos anos. O antiradicalismo, que se traduz no temor que ideias estrangeiras consideradas antiamericanas se espalhassem pelo país e, principalmente, contaminassem os trabalhadores norte-americanos. O sindicalismo, socialismo e anarquismo faziam parte do tipo de ideias nocivas aos trabalhadores americanos. O último ponto considerado por Higham é o racismo.

A existência de tratamentos distintos para diferentes raças é anterior ao próprio conceito de raça. O contraste com a população indígena encontrada na América e da inserção da população africana acrescentou uma nova gama de estereótipos usados para reafirmar sua condição de superioridade que os europeus acreditavam.

O sentimento de que algumas raças eram inferiores a outras não é uma visão puramente americana. Esse estranhamento em relação ao outro e de valorização da raça¹¹

¹⁰ Período compreendido entre o pós-independência (1776) e o começo da Guerra Civil (1861).

¹¹ Durante o século XIX o termo raça é utilizado para diferenciar populações diferentes. Pelo constante uso durante a literatura do período estudo o termo raça aparecerá nesse trabalho como uma categoria histórica, e compreendida como uma das formas de compreender o pensamento científico do período.

anglo-saxã, principalmente ao contrastá-las aos indígenas, negros, e asiáticos é uma consequência anterior à fomentação do racismo científico nos Estados Unidos.

Postulado de que a raça branca e principalmente anglo-saxões eram superiores às demais raças e, por isso, teriam como missão liderar esses grupos, e não apenas civilizá-los, como ensinar a verdadeira fé. E ao tutelarem esses grupos, consideravam que parte de sua missão messiânica estava na exploração desses povos, uma vez que esses eram incapazes de se autogovernar.

As últimas décadas do século XIX foram normativas, não apenas pelas mudanças proporcionadas pelas descobertas científicas que na mente europeia só consolidaram e justificaram todo sentimento de superioridade dos WASPs. Todavia, o racismo científico proporcionado principalmente por uma interpretação equivocada e em alguns momentos seletiva das ideias de Charles Darwin (1809-1882) – seleção natural – e Gregor Mendel (1822-1884) – genética – que ganharam grande força no país ao fim de década de 90 do século XIX e primeiras décadas do século XX. Além do que viria ser conhecido como Darwinismo social, o movimento Eugênico também passa a ganhar força entre as principais mentes norte-americanas. Charles Davenport e a *Eugenic Research Society* (Sociedade de pesquisa Eugênica) são responsáveis pela propagação do movimento eugenista dentro do meio acadêmico.

Higham liga os surtos nativistas norte-americanos a dois pontos-chaves: As crises econômicas que afetaram o país e ao próprio espírito da nação. E sua capacidade de acreditar em si mesma¹². Dessa forma, ele compreende o nativismo como uma onda. Com sua crista nos momentos de maior exigência por legislação que restringe a entrada dos imigrantes e seu vale, nos períodos nos quais os imigrantes eram bem vindos (até incentivados a virem).

Katie Oxx em *The nativist movement in America* (2013, ps.529) faz uma crítica à definição de Higham a respeito do “anti-catolicismo” que o autor elege como uma das categorias de análise. Para a autora considerar o sentimento contra os católicos como sinônimo de nativismo “não faz justiça a nenhuma das definições”. Na visão de Oxx o anti-catolicismo sozinho não é uma questão nativista. Ela se torna uma questão nativista quando “Os seguidores da Igreja se transformam em agentes estrangeiros na vida da nação”^{viii}.

¹² Quando Higham refere-se ao humor da nação significa mais a como a nação respondeu os distúrbios de seu tempo. Por exemplo, nos períodos pós guerra civil, e pós guerra de secessão apesar da fragilizada economia, e da destruição de diversas áreas. O povo americano foi tomado por um grande otimismo.

A crítica feita pela autora permite que futuros trabalhos a respeito do tema fujam da questão do anti-catolicismo e coloque a religiosidade em si como um fator para o nativismo. Dessa forma, é possível analisar o medo de outras religiões de interferir ou ameaçar o estilo de vida norte-americano.

Hofstadter em *The paranoid Style in American's politics* (1967) acrescenta a esse raciocínio a tendência do “estilo paranoico americano¹³” de ganhar força principalmente dentro do movimento nativista. O que eleva o escopo do sentimento anti-imigrante. Transformando-o não só em um competidor, mas em um agente dentro de um plano maior para destruir os Estados Unidos e seu estilo de vida. Esse paranoico proposto por Hofstadter pode ser bem observado principalmente dentro de jornais e em discursos de políticos.¹⁴ O *yellow peril*¹⁵ (O perigo Amarelo) e toda a agitação da Califórnia para a expulsão de chineses e depois dos japoneses é apenas um dos exemplos da interação entre o estilo paranoico e o nativismo.

O estilo paranoico não é restrito apenas a teorias conspiratórias de que forças estrangeiras estariam se organizando para destruir a América. O “estilo Paranoico” de Hofstadter pode ser usado pra compreender fobias comprovadas, de uma forma ou de outra. Por exemplo, quando a ERO (*eugenics record office*) começa a prever um futuro sinistro para a América, um futuro no qual pela presença de imigrantes e a diminuição da taxa de natalidade das mulheres americanas, levaria ao suicídio social da raça anglo-saxã, alguns grupos começaram a realmente pressionar partes do governo para que algo fosse feito.

David Bennett em *Party of Fear* analisa o que ele compreende como a “constelação de medos e frustrações” que fomentam o movimento nativista. Bennett (1998 p.2) afirma que o nativismo é a manifestação particular do excepcionalismo americano e se justificava pela: “Visão que estrangeiros [eram] intrusos na terra prometida – pessoas que não podiam ser assimiladas na comunidade nacional por causa de sua religião ou etnicidade”^{ix}. Bennett invoca o lado religioso e mítico que os americanos elegeram para explicar sua própria existência. Essa relação entre o nativismo e o excepcionalismo coloca os imigrantes inaptos

¹³ Hofstadter explica que a sua decisão de chamar de estilo paranoico se deu porque nenhuma outra palavra descreveria adequadamente as qualidades de ódio exagerado, desconfiança e fantasia conspiratória que ele tinha em mente quando pensou em descrever essas atitudes de parte dos americanos.

¹⁴ Jules Baker aborda a forma como os asiáticos foram retratados nos principais jornais de São Francisco Chronicle e o Examiner em the course of exclusion, 1882 - 1924: san francisco newspaper Coverage of the chinese and japanese in the united states (1986).

¹⁵ Entre o fim do século XIX e começo do século XX havia um temor de grande parte da população da Califórnia que uma ordem de chineses invadissem o estado e o transformassem em uma extensão da China.

para americanidade como culpados pela falha da realização da “cidade sob a colina”. Dentro do pensamento nativista a ameaça encontra-se na maneira que a nação americana e o estilo de vida americano podem ser infectados por atitudes, hábitos e mentalidades “não americanas”.

O excepcionalismo e suas manifestações estão enraizados no medo em duas formas: Primeiro, no medo daqueles que acreditam que a América está sob ameaça. O segundo medo reside naqueles condenados a serem não assimiláveis (BENNET,1988, p.13). Assim como Hofstadter, Bennett percebe a importância do medo para o crescimento do movimento nativista.

Sharg em *Not Fit For Our Society* (2010 pp.2-4) parte de uma concepção semelhante à de Higham. Classifica nativismo como “a vontade de restringir aqueles imigrantes classificados como inaptos para ser tornarem americanos”. A dificuldade encontra-se na definição de quem era inapto para a americanidade, uma vez que, os americanos abraçaram e excluíram grupos distintos ao longo do tempo. Um grupo tido como inapto poderia ser visto como apto vinte anos depois. Tal transformação ocorria no momento em que grupo percebido como ainda mais inapto chegasse ao país.

O autor chama atenção para como desde o período colonial os imigrantes “indesejados” encontraram formas de resistência e com tempo adequavam-se à americanidade. Não raro, indivíduos que aclamavam pela restrição de um determinado grupo étnico são descendentes de grupos que há poucas gerações eram considerados inaptos para americanidade. E conclui com:

Pelo menos, desde a sacralização dos ideais renascentistas de igualdade e inclusão na constituição da nova nação, ser um nativista nesse país [Estados Unidos] significava estar em conflito com seus principais princípios (SHARG, 2010 p.2)^x.

Dale Knobel em **America for the Americans: the nativista movement in the United States** considera que o Nativismo é uma resposta aos problemas sociais do período. Por possuir um espectro ideológico amplo, o nativismo serve para “responder uma grande quantidade de questões e preocupações”. Um dos principais pontos da interpretação de Knobel está na visão de que:

O nativismo construiu uma auto percepção americana em relação aos outros, além de moldar as identidades e narrativas pessoais e coletivas. O Nativismo respondeu as inseguranças a respeito do que a América era e o que se tornaria tanto na escala nacional quanto na individual. (Knobel, 1996, p.33)

As definições observadas pela historiografia norte-americana são posteriores à criação do movimento nativista. Entretanto, é possível encontrar uma definição de nativismo em um editorial do *New York Times* de 1853. Essa definição nos permite perceber como a sociedade americana observou o nativismo em sua época:

Nativismo implica nada mais, em geral, que o sentimento de pertencimento de nascer em qualquer porção do globo. Nesse país, está sendo ultimamente usado para designar doutrinas de uma classe de americanos que extrairiam vantagens especiais pelo fato de terem nascido nesse solo, e, excluíram estrangeiros de postos de influência e distinção, por temerem que sua nomeação possa se provar prejudicial ao país¹⁶.

Nota-se que nesse primeiro momento o que era entendido como nativismo na metade do século XIX se aproxima muito com a definição que Daniels propõe sobre o tema, e é muito mais parecido com que entendemos como xenofobia.

1.1.3 O Nativismo Norte-Americano

Por não se limitar a um tipo étnico ou grupo religioso exclusivo, e sim, a uma pretensa ameaça que um determinado grupo pode causar na sociedade, o nativismo pode ser compreendido como um “conceito político que atravessa regimes e gerações” (REMOND, 1996) com capacidade de se adaptar à ameaça do momento.

Hofstadter chama atenção para a questão do ressentimento presente no nativismo e como o mesmo conceito pode afetar diferentes grupos em diferentes momentos.

Entre um ressentimento e um revanchismo em relação aos novos imigrantes. Esse sentimento dos antigos patrícios vai se deslocando a medida que os imigrantes começam a se defender (HOFSTADTER, 1969 p.55).

Embora o nativismo religioso seja predominante durante o período colonial, Sharg (2010, p.3) demonstra que o nativismo não religioso também já estava presente durante o mesmo período, como demonstra a fala de Benjamin Franklin¹⁷ (1706-1790) em 1751 sobre a entrada de germânicos na colônia:

Pensilvânia estava se tornando uma colônia de estrangeiros, que em pouco tempo seriam tão numerosos, ao ponto de nos germanizar invés de nós os anglicizarmos. Eles nunca adotarão nossa língua ou nossos costumes, assim como nunca conseguirão adquirir nossa aparência^{x1}.

¹⁶ Editorial do New York Times em 20 de Junho de 1853 <<http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E02E2D81230E23AA15753C2A9609C946592D7CF>> acesso em 30/05/2015

¹⁷ Foi com intuito de frear a germanização da Pensilvânia que lei que mandava condenados a mais de 14 anos de prisão serem enviados para a colônia.

Franklin não foi o único dos pais fundadores a temer a entrada de um tipo específico de imigrantes. Jefferson inquietava-se com a entrada de imigrantes vindos de países monarquistas – sem importar a religião –; para ele esses imigrantes “irão despejar na direção da legislação americana seu espírito pervertido e tendencioso e transformá-lo em uma massa heterogênea, incoerente e distraída” (Tomas Jefferson, *Notes on the State of Virginia*, Query VIII 1782, pp. 211-12 *apud* SHARG, 2010, p.3)^{xii}. Daniels (1991 p.265) afirma que “Nunca houve um período onde atitudes nativistas não estivessem presentes na sociedade Americana”. Ao observar o pensamento dos próprios pais fundadores, Daniels possui certa razão ao dizer que nunca houve um período sem a presença nativista na América.

A designação nativismo está ligada ao *Native American Party* (Partido Nativo Americano) criado em 1845. No sentido do partido a ideia de “nativo” não possui relação com a população indígena, mas sim, para as pessoas nascidas no país que mereciam usufruir de sua “glória”, os descendentes dos colonos, ou que se enquadravam dentro do projeto de americanidade. O partido possuía como sua principal plataforma purificar a política americana, livrando o país das ameaças que rondavam a América (GRAHAM, 2001, p.105).

Não obstante, o que torna o estudo a respeito desse conceito dentro das experiências norte-americanas notável está na questão dessa prática “ser quase que diretamente contrária aos ideais que fundaram a nação” (SHARG, 2010, p.2).^{xiii}

Hofstadter ao analisar os padrões da política norte-americana percebe no movimento político nativista um grande “senso de paixão política, falta de individualidade e um patriotismo tão intenso que intensifica a noção de certo e errado e sua indignação moral” (HOFSTADTER, 1964 p.4)^{xiv}.

Essa tendência de observar acontecimentos sob a ótica do ódio, exagero, desconfiança e fantasia conspiratória que Hofstadter menciona é definição de uma categoria intitulada por ele como “estilo paranoico¹⁸”. O nativismo se encaixa dentro desse estilo uma vez que seus apoiadores “em tem mais a ver com a forma com que as ideias são apresentadas e defendidas do que com a veracidade ou falsidade do seu conteúdo”^{xv}. É possível identificar outra semelhança entre as atitudes de grupos nativistas e o estilo paranoico proposto por Hofstadter. “O porta voz do estilo paranoico enxerga hostilidade e conspiração global direcionada à

¹⁸ Hofstadter em seu livro faz uma grande explicação sobre a paranoia como doença e esse estilo paranoico que ele observa dentro dos padrões da política americana. Nas palavras dele, ele optou por essa denominação por não conseguir encontrar outro nome que explicasse o comportamento de diversos atores políticos.

nação, à cultura, ao estilo de vida cujo destino afeta não a si mesmo, mas a milhões de outros” (HOFSTADTER, 1964, p.4)^{xvi}. Os grupos como os *Know Nothing*, *American Protective Association*, e a *Klu Klux Klan* são exemplos de como o estilo paranoico levado ao extremo pode ser perigoso.

Oxx (2013) afirma que os surtos nativistas aconteceram durante vários intervalos regulares dentro da história dos Estados Unidos e “é imperativo acessar minuciosamente seus apelos, poder e consequências” (OXX, 2013, ps 2016)^{xvii}. Compreender os apelos dos nativistas ajuda a traduzir as tensões entre o pensamento da elite, as questões das classes trabalhadoras, quais grupos a entrada desses imigrantes enfurecia.

Apesar de questões econômicas se mostrarem um fator que atiçava ondas nativistas, outros fatores devem ser observados. Higham (2002) considera o próprio humor da nação como um desses fatores. O sentimento de que todos os obstáculos seriam superados, que todo e qualquer imigrante seria assimilado que toma conta do país após períodos de provação como foram os casos dos períodos logo após a Guerra de independência e da Guerra Civil (1861-1865).¹⁹ Apesar da economia durante esse período não estar sólida, o sentimento de orgulho e patriotismo proporcionado por esses acontecimentos levou a uma estabilidade entre os grupos antagônicos presentes no país.

Propor estudar o Nativismo norte-americano exige mais do que compreender a história do conceito no seu tempo, o que torna o caso do nativismo estadunidense interessante encontra-se na existência de múltiplos nativismos convivendo simultaneamente, em lugares diferentes e tendo como alvo grupos completamente diferentes.

Um exemplo desse fenômeno é a preocupação com os negros libertos no *Deep South*²⁰ enquanto os estados do norte se preocupavam com a entrada de italianos. Ao mesmo tempo a Costa Oeste expulsava chineses de seus territórios. A despeito de somente o governo federal poder regular questões migratórias, isso não significou que os estados não reagiram. Leis estaduais passaram a limitar alguns trabalhos apenas aos nascidos nos Estados Unidos ou imigrantes já naturalizados.

¹⁹ Higham divide seu livro em partes cronológicas e alguns capítulos refletem o espírito da época. Era da confiança (logo depois da guerra de independência) O nacionalismo da década de 90 (um reflexo da crise econômica da década de 80). E o retorno da confiança (durante a era progressiva e a expansão colonial do país)

²⁰ O *Deep South* é a terminologia pela qual ficaram conhecidos alguns estados norte-americanos. Baseados no plantation do algodão e muito dependente da mão de obra escrava. Os estados da Georgia, Alabama, Carolina do Sul, Mississippi e Louisiana historicamente formam o *Deep South*.

Apesar de os historiadores possuírem definições complementares a respeito do nativismo, o mesmo não deve ser compreendido como um fenômeno único. A tão temida não americanidade ou incapacidade de se americanizar significou coisas distintas em momentos congruentes, tendo como alvo grupos divergentes, ao variar da região do país em que o nativismo será investigado.

Apesar de possuir múltiplos agentes ao longo do tempo, a agenda nativista se manteve ininterrupta em um ponto. A proibição de determinados grupos de entrarem nos Estados Unidos, e se possível, a expulsão daqueles já presentes. Simultaneamente compreendiam que a entrada de imigrantes era necessária em alguns casos. Neste caso se imigrantes tivessem que entrar que fossem os que possuíam a capacidade de se americanizar.

1.2 A identidade Nacional

Para um melhor entendimento a respeito da formação do movimento nativista nos Estados Unidos, é necessário tentar compreender o conceito de identidade e por consequência, o de nação e nacionalismo. Bem como, os traços que os estadunidenses reconheceram como os pertencentes aos povos que possuíam a capacidade de se americanizarem.

Mesmo que em um primeiro momento a resposta para a pergunta «o que compõe uma identidade?» não pareça ser intrincada. Tentar definir a identidade de um indivíduo ou de uma nação é mais laborioso do que parece. Para os estudos do nativismo norte-americano, a compreensão da identidade nacional é imperativa. Embora Huntington em *Who are we* descreve o conceito como “tão indispensável quanto incerto, diverso e difícil de definir e desvia de vários métodos comuns de medida” (HUNTINGTON, 2004, p.21)^{xviii}. Adamec em **A formação da identidade nacional Brasileira** (2014 p.18) acrescenta a discursão do estudo de nação, nacionalismo e identidade o fato que:

O nacionalismo, a nação, a identidade nacional, têm sido discutidos por inúmeros autores, com vários fins e sob diferentes abordagens nos últimos dois séculos. Seu caráter político é apontado, primordialmente, em conjunto com a ascensão do Estado-moderno, mas também com diferentes buscas por autonomia, autodeterminação e soberania popular. Do ponto de vista sociológico, encontramos afirmações sobre seu papel na transição de sociedades feudais ao capitalismo, assim

como sobre sua crescente irrelevância num mundo globalizado, de identidades líquidas. De uma perspectiva antropológica, vemos a busca de suas bases identitárias e relacionais primárias. Economicamente, temos a importância do estabelecimento de unidades nacionais para o desenvolvimento do mercado, seja livre ou planejado. Do ponto de vista psicológico, trabalha-se a necessidade ou não do pertencimento nacional à auto-realização do indivíduo. Os estudos sobre o nacionalismo, assim, abrangem diversas disciplinas e, dentro delas, uma miríade de possíveis interpretações. Isso, afinal, não contribui para deixar seu campo de estudos mais claro e palatável (ADAMEC, 2014 p.18).

A identidade tanto de uma pessoa quanto de um grupo pode ser compreendida como a noção de si mesmo. É o produto das distintas qualidades, que, tanto *eu* quanto *nós* reconhecemos que possuímos e que difere o *nós* do *eles*. Além de possuir a característica marcante de mutabilidade: pessoas podem assumir identidades diversas ao mesmo tempo e se comportar de forma distinta de acordo com cada identidade exercida no momento²¹. Seja ela moldada por questões territoriais, religiosas, econômicas, políticas, hierárquicas, culturais. Um indivíduo pode participar de diversos grupos identitários simultaneamente ao longo de sua vida. Quanto à mutabilidade, é necessário diferenciar a identidade pessoal, de grupo e a nacional.

Todas as identidades são passíveis de transformação. Todavia, algumas podem ocorrer com mais espontaneidade que outras. Por exemplo, mudança na identidade nacional é o resultado direto de transformação nas identidades pessoais e de grupos o que torna a mudança de identidade de um país algo mais difícil e demorado de acontecer.

Ao contrário da identidade nacional, a identidade pessoal é a mais plural e mais maleável entre elas. Ela se altera durante a trajetória da vida e pode ser influenciada pela identidade do grupo. Já as identidades de grupo são menos transmutáveis, agrupando as pessoas em causas ou ideologias em comum.

Karmela Liebkind (1978 p.21-60 *apud* HUNTINGTON, 2004, p.23) observa a seguinte característica a respeito de identidade de grupos: “apenas em extremas situações sociais, como, durante batalhas e guerras, todos os grupos podem se erradicar, mesmo que temporariamente, para o mesmo lado, sobrando apenas uma grande identidade^{xix}”.

²¹ Considerando a mutabilidade da identidade, o conceito de identidade pessoal muitas vezes se assemelha e se mescla ao conceito de papel social utilizando na sociologia.

Quando se pensa na identidade nacional, essa definição se torna menos elástica, uma vez que não se restringe a identidades étnicas, religiosas, territorial ou política. Esses fatores são partes que compõem a identidade nacional. Mas ela não se restringe apenas a isso:

A identidade nacional seria um tipo específico de identidade coletiva, uma consciência de pertencimento a um grupo – à nação. Nesse sentido, pressupõe laços emocionais, de solidariedade, que enquadram as relações sociais básicas do ser humano. Naturalmente, não é a única forma identitária de seus integrantes, mas supõe ser a mais abrangente e fundamental, atravessando divisões de classe, status, gênero etc... (ADAMEC, 2014, p18).

Identidades em sua grande maioria são construções feitas e criadas pela própria sociedade. “Pessoas criam suas identidades que podem variar de acordo com graus de pressão, persuasão e liberdade que possuem”^{xx} (HUNTINGTON, 2004, p.22). Greenfeld em **Cinco Caminhos para Modernidade** (1998, p.22) define identidade como uma percepção: “Ela é necessariamente a visão que o ator em questão tem de si mesmo”.

Um ponto importante para absorver questões identitárias é compreender que todo e qualquer tipo de identidade é uma construção. Para Huntington “elas são o que nós pensamos que somos e o que queremos ser”^{xxi} e complementa “as pessoas são relativamente livres para definir a identidade que desejarem, embora nem sempre sejam capazes de colocar essas identidades em prática.” (HUNTINGTON, 2004, pp.22 23)^{xxii}.

Mesmo que uma identidade seja uma construção pessoal, ela é produto da interação entre o *eu* e os *outros*. “Como os outros percebem um indivíduo ou um grupo afeta a definição própria deste indivíduo ou deste grupo”. Huntington esclarece que a forma com a qual o indivíduo é percebido por um grupo afeta a sua própria definição. Pois, se estes se encontram em uma situação em que são definidos pelos outros de uma forma negativa, como intruso, por exemplo, é provável que eles internalizem esse sentimento e adotem essa identidade para si mesmos.

A respeito das diferenças entre identidade nacional e pessoal Greenfeld esclarece que: “Gerar uma identidade pode ser uma necessidade psicológica, um dado da natureza humana. Gerar uma identidade nacional não é.” (GREENFELD.1998,p.22)

Como comentado anteriormente, a identidade é uma construção que a pessoa ou um grupo faz de si, mas isso não basta para que essa identidade seja reconhecida. Essas pessoas ou grupos precisam que aqueles que já possuem essa identidade os identifiquem como tal.

Norbert Elias²² (1894-1990) trata desse assunto em **Estabelecidos e Outsiders**. Como pessoas recém-chegadas em uma cidade, apesar de possuir traços identitários muito semelhantes aos já estabelecidos, eram considerados como invasores na comunidade aqueles que chegam para deturpar a ordem já estabelecida no local. A problemática levantada por Elias pode ser apropriada e aplicada dentro da situação dos estrangeiros que chegavam aos Estados Unidos, ou aos americanos que não correspondiam ao ideal de americanidade.

Pode-se compreender a problemática a respeito de quem almeja uma identidade e aqueles que já a possuem nessa fala de Elias:

As pessoas que pertencem a um círculo de "famílias antigas" são providas de um código comum por seus vínculos afetivos específicos: uma certa união das sensibilidades subjaz a todas as diferenças. Nesse aspecto, elas sabem onde se situar em relação umas às outras e o que esperar umas das outras, como sabem "instintivamente" melhor, como se costuma dizer, do que onde se situar em relação aos outsiders e o que esperar deles. Ademais, numa rede de "velhas famílias", as pessoas geralmente sabem quem são em termos sociais (ELIAS, 2000, p.172).

Outra consideração levantada por Elias sobre os grupos já estabelecidos e os que desejam entrar é:

No sentido sociológico, portanto, a "antiguidade" refere-se a relações sociais com propriedades específicas. Elas dão um sabor especial às inimidades às amizades. Tendem a produzir sentimentos ou atitudes muito exclusivos — uma a preferência por pessoas com a mesma sensibilidade, que reforça a frente comum contra os outsiders. Embora alguns membros isolados possam afastar-se ou até voltar-se contra o grupo, a íntima familiaridade de várias gerações confere a esses "velhos" grupos, por algum tempo, um grau de coesão que falta aos grupos menos "antigos" (ELIAS, 2000 p.172).

Até que se possua a aprovação do grupo já estabelecido, ou de quem já possui a identidade reconhecida por seus pares, essa pessoa ainda não a conquistou. Huntington deixa esse ponto bem claro ao afirmar que: “Pessoas podem aspirar por uma identidade, mas não serão capazes de possuí-las até que sejam aceitos pelos que já possuem essa identidade” (HUNTINGTON, 2004, p.23).

Para definir uma identidade é necessário a existência de uma outra identidade. Muitas vezes a compreensão da identidade de uma pessoa ou grupo se faz possível pela percepção da diferença. Mais uma característica que se deve ressaltar sobre a identidade está na questão que ela está intrinsecamente ligada as tentativas de legitimidade e hegemonia daqueles que estão no poder.

²² A pesquisa de Norbert Elias é realizada em uma pequena comunidade da Inglaterra, mas, como o próprio autor deixa claro: “concentrada sob a forma de um modelo, a configuração encontrada em miniatura em Winston Parva mostra com mais clareza suas implicações para um campo mais amplo” (Elias, 2000 p.172).

Não obstante, as diferenças entre grupos, principalmente pela idealização que um grupo faz de si quando constrói sua identidade baseado na negação da identidade do outro. Pode levar a competição entre grupos. Essas competições tendem a gerar antagonismos principalmente em períodos de crises econômicas.

E o que pode ter começado como a percepção de pequenas diferenças, se estenderam para algo mais intenso e fundamental. Estereótipos foram criados e os oponentes demonizados, o outro foi metamorfoseado em inimigo (HUNTINGTON, 2004, p.26)^{xxiii}.

Outra faceta a respeito da identidade que precisa ser esclarecida está no fato que existem diferentes projetos de americanidade em disputa. Dentro dos territórios que formaram os Estados Unidos outros grupos reclamavam ,outras nações e outras noções de pertença, caso mesmo dos indígenas (que nas palavras dos colonizadores eram estrangeiros) e dos negros que mesmo após a abolição foram completamente excluídos do discurso oficial de americanidade. Isso posto, percebemos a importância do debate indetitário para os estudos nativistas. Já que parte das justificativas usadas para legitimar o discurso de exclusão de alguns grupos teve como sua base argumentativa a incapacidade americanização. Ou seja, na incapacidade de algumas comunidades conseguirem se enquadrar nas características eleitas que identificariam a americanidade.

1.2.1 Pensando a identidade nacional norte-americana, uma perspectiva teórica.

Ao pensar a identidade nacional norte-americana, o debate se torna um tanto quanto labiríntico. A busca por uma definição da identidade para os norte-americanos é tão complexa quanto definir quem são esses americanos. Ao longo de sua formação desde colônia ao seu amadurecimento como país, questões sobre a americanidade ganharam menos ou mais força de acordo com o contexto do momento.

Huntington (2004 p.8) levanta algumas questões necessárias para compreender a formação da identidade nacional; a formação se deu por um povo ou por vários povos? Se há uma dicotomia que representa os «nós» americanos e os «eles» estrangeiros e como identificar a diferença entre o *nós* e o *eles*.

Longe de um debate estático, a americanidade está em constante ressignificação. Principalmente quando a pergunta se refere a «quem pode se considerar um americano?». A resposta obteve diferentes significados ao longo da construção do próprio país. Por exemplo,

grupos tidos como incapazes de assimilar a cultura e as instituições norte-americanas durante século XVIII foram assimilados com o tempo e, por isso, passaram a insistir que os grupos que chegaram durante o século XIX eram incapazes de se americanizarem.

Gunnar Myrdal em *American Dilema* (1944, ps.37) classificou esses ideais coletivos como “o cimento na estrutura desta grande e peculiar nação”. Foi Myrdal quem popularizou o termo “credo americano” (*American Creed*)²³. Essas crenças muitas vezes serviram para orientar a sociedade, uma bússola moral. Podendo ser definida como uma arraigada crença no estilo de vida americano, especificamente na "igualdade de oportunidades perante a lei" (1996, p.38).

Este é o conceito de ideário americano e sua presença na constituição é uma lembrança no que os Estados Unidos foram fundados: “todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade...²⁴”. E também uma lembrança constante das contradições existentes nos Estados Unidos desde sua formação.

De certa forma, guardada as devidas proporções, podemos colocar as próprias contradições internas como uma das características da americanidade. Tocqueville (1805-1859) ao visitar os Estados Unidos já apontava as contradições entre norte e sul. Livre vs. escravos, nativos vs. imigrantes, leste vs. oeste. As contradições americanas existem desde sua formação e continuaram a existir por um longo período de tempo.

A identidade foi forjada em suas instituições e constituições e marcada pelo sentimento das pessoas serem livres, iguais perante a lei, que possuíam direito de buscar a liberdade e felicidade²⁵ enquanto ainda havia exclusão de alguns grupos e a escravidão continuava a imperar no país.

Junto com as transformações ocorridas, principalmente a partir da metade do século XIX, historiadores perceberam outras características que passaram a definir a identidade nacional norte-americana.

²³ Alguns historiadores optam por traduzir esse termo como ideário americano. Em ambos os casos tratam de crenças que os americanos alimentam e sustentam sua americanidade.

²⁴ IN CONGRESS, July 4, 1776. The unanimous Declaration of the thirteen united States of America <http://www.archives.gov/exhibits/charters/declaration_transcript.html>

²⁵ A falácia desse discurso era percebida pelos próprios americanos ainda no começo do século XIX e cresceria com o passar do tempo, mas discutiremos os problemas do que alguns americanos elegeram com marca de sua americanidade posteriormente nesse capítulo.

Para muitos historiadores norte-americanos, esse ideário seria uma das bases da formação identitária dos americanos. Myrdal (1944) indica que a interação política e social nos Estados Unidos se estabeleceu em uma “Crença” enfatizada dentro dos ideais de liberdade, igualdade, justiça e tratamento justo para todas as pessoas. De acordo com Myrdal, a coesão dos diversos grupos populacionais dentro do país se deu graças a crença de todos americanos – brancos, negros, ricos, pobres, homens, mulheres e imigrantes – em uma causa universal. É a crença nessa grande causa que permitiu a coexistência desses diversos grupos no país. O que o historiador vai definir é que “[os] norte-americanos têm em comum um *ethos* social, um credo político” (MYRDAL, 1996, p.45).

Não obstante, essa característica preponderante a respeito da convicção nas bases quase idealísticas em que se formou esse primeiro entendimento sobre a identidade americana não parecia responder todas as questões que permearam a sociedade. Ao longo do século XX outros estudiosos buscaram descobrir no que a identidade nacional americana se constituiu.

Greenfeld (2008, p.439) também parte da ideia que o nacionalismo norte americano foi formado de uma maneira idealista.

A identificação da nação americana com uma sociedade democrática cujos membros eram livres e iguais, se baseava no respeito pelo indivíduo e em que a humanidade composta por indivíduos e em que a humanidade composta por indivíduos encontrava a sua realização, era universal (GREENFELD, 2008 p.439).

Além de idealista, o nacionalismo norte-americano teria se constituído nas instituições que o estado americano encarnava, e não em um território definido por fronteiras, ou por um passado em comum. A falta de algo em comum, algo que traria coesão social, vai de encontro com as ideias de Anthony Smith (1986 p.127 *apud* FONSECA, p.154), para o historiador a formação norte americana: “Carecia de fatores que frequentemente servem como fonte de coesão social – uma historia comum ou uma solidariedade étnica, uma *ethiense* dominante”.

Sob a perspectiva de entender as contradições americanas pode ser percebido em um “nacionalismo racial” exclusivista e hierárquico que inclui o racismo doméstico somado ao sentimento anti-imigrantes e xenofóbico com um “nacionalismo cívico”, enfatizado na igualdade perante a lei independentemente da raça, etnia ou origem. Gerstle acredita que esses dois tipos de nacionalismos eram os “ingredientes” que compunham a identidade norte-americana (GERSTLE, 2001 *apud* STREICH, pp267-268).

Seymour Lipset parte do pressuposto que a identidade nacional norte americana é um ideário que se apoia nos princípios de “liberdade, igualdade, individualismo, populismo

(governo do povo) e laissez-faire” (1992 p.56)^{xxiv}. Enquanto Bellah (1998 p.98) considera esse *American Creed* um somatório de mitos utilizados como “instrumentos discursivos”, que vincula política e moralidade, que seria para Bellah a religião civil. O que proporciona um consenso social mais fácil e oferece o sentimento de existência na comunidade.

O ideário americano se estende e garante direitos, liberdades e oportunidades iguais para todos os cidadãos (Hartz 1955, Schlesinger 1998). Nos momentos em que os Estados Unidos falharam de proporcionar esses ideais – seja na forma das leis que permitiam a escravidão, a segregação possibilitada pela Jim Crow, ou pela subjugação das mulheres – são constituídas como formas de aberrações, anormalidades ou exceções à regra. As diferenças raciais são para Lipset a “maior exceção” dentro do ideário americano, mas ele trata esse assunto como um caso de hipocrisia que não deixa nenhuma dúvida a respeito do ideário americano (LIPSET 1996, p. 113 apud STREICH, 2009, p.268)^{xxv}

Lieven percebe a identidade nacional como uma entidade composta por “duas almas”. A primeira seria uma alma cívica alimentada pelo ideário americano. A proposta dessa alma cívica de Lieven é similar ao que Gerstle categorizou como o nacionalismo cívico. A “segunda alma” dessa identidade nacional seria constituída por uma religiosidade étnica – no caso a religiosidade dos WASP– ou um “nacionalismo Jacksoniano” que mistura o direito racial com o fervor evangélico (LIEVEN, 2004, pp 4-5).

Huntington em *Who are We?* (2004) identifica quatro pontos que podem ser considerados como partes historicamente presentes na formação da identidade norte-americana; são eles: raça, etnicidade, cultura e o que ficou popularmente conhecido como *American Creed*; um conjunto de valores e crenças políticas articuladas por Thomas Jefferson na declaração de independência (HUNTINGTON, 2004). Huntington para concluir seu raciocínio a respeito da formação da identidade nacional retoma a ideia de «religião Civil» proposta por Robert Bellah. Fonseca ao explicar a proposta de Huntington descreve os elementos da religião civil como:

Entre eles, a ideia de que o sistema de governo norte-americano se assenta sobre bases religiosas, o que explica, por um lado, a prevalência de alusões e símbolos religiosos na retórica pública nacional, nos rituais e nas cerimônias cívicas; e, por outro, a crença de que os norte-americanos são o “povo escolhido por Deus” (ou, na frase de Lincoln, a quem atormentava a guerra civil, o “povo quase escolhido”) (FONSECA, 2007 p.155).

Apesar das distintas compreensões que Myrdal, Gerstle, Lieven e Huntington obtiveram sobre o que formula a identidade americana sob a perspectiva da mentalidade, pode-se perceber alguns pontos convergentes entre esses autores. O mais forte entre os fatores de americanidade está na crença na liberdade, igualdade e oportunidade.

Curiosamente o que foi considerado como o cerne da americanidade por esses historiadores e se firmou no imaginário popular: a terra da liberdade e das oportunidades. Essas garantias não podiam ser usufruídas por todos seus habitantes. Grupos que habitavam nos Estados Unidos só conseguiram estar plenamente inclusos dentro do que foi compreendido como marcadores da identidade nacional no decorrer do século XX.

1.2.2 De Ingleses a Americanos, formando e redefinindo uma identidade.

A formação da identidade nacional norte-americana esteve durante muito tempo ligada a identidade inglesa. Os colonos se reconheciam como membros do império britânico. Alguns pontos do nacionalismo inglês acompanharam aqueles que partiram e se tornaram parte formação de um nacionalismo americano. John Locke (1634-1704) apresentou pontos que se tornariam imprescindíveis na formação de diversos Estados Nacionais. Todavia, no caso americano as ideias de Locke se confundiriam às vezes com a própria americanidade: Liberdade e igualdade dos homens na sociedade. Nas palavras do filósofo *Whig* do final do século XVII o terceiro duque de Shaftesbury (1671-1713) “De todos os afetos humanos o mais nobre e mais de acordo com a natureza é o amor pelo próprio país...” (SHAFTESBURY, *Characteristics of Men, Manners, Opinion Times*, 1790, pp.119, 124-125, 120-121 *apud* GREENFELD,1998, p.391). A lealdade ao lugar que habitava se tornou um traço do nacionalismo inglês que muitos colonos trariam consigo e que se tornaria parte determinante para da caracterização da identidade norte-americana. Sobre a questão da lealdade o duque acrescenta:

Derivar a lealdade nacional do local de residência e nascimento era tão absurdo. Se tivesse acontecido que um de nós, homens britânicos, tivesse nascido no mar, não poderíamos por isso ser chamados de homens britânicos?... não deve portanto ser considerado senão um mero subterfúgio de mentes estreitas atribuir-se esta paixão natural por uma sociedade e um país a uma relação como a de um simples fungo ou excrescência comum para com seu fungo progenitor ou o seu monte de esterco de origem (SHAFTESBURY, *Characteristics of Men, Manners, Opinion Times*, 1790, pp.119 *apud* GREENFELD,1988, p.390)

A fala do conde Shaftesbury é solidificada pela Plataforma de Cambridge²⁶ de 1648 “Nós que somos por natureza ingleses e desejamos manter a mesma doutrina e religião ... que nos vemos e sabemos ser mantida pela igreja da Inglaterra” (GREENFELD 1988 p.396).

Essa primeira geração de colonos, apesar de estarem separados por um oceano, possuíam o mesmo orgulho, religião e nacionalismo dos ingleses, em seus discursos falavam da Inglaterra como se a ilha fosse uma mera extensão do continente. Para eles as duas estavam

²⁶ Doutrina em que separa e indica quais são os poderes das organizações civis, e das congressionais.

num mesmo patamar, separação da terra mãe era apenas espacial. “O nacionalismo norte-americano seria uma continuação do começado na Inglaterra” (GREENFELD, 1988 p.396).

Entretanto, embora se reconhecessem como ingleses do além-mar, os residentes das treze colônias não se reconheciam como uma unidade. A lealdade deles residia ao pedaço de terra em que os acolheu. A noção de pertencimento a um local, uma cidade ou uma vila. Handlin argumenta em *Uprooted* (1973) que até as transformações parte da identidade pessoal estava mais ligada a sua vila do que ao seu país. Era a comunidade que o conhecia, onde seus parentes se fixaram gerações antes, que se tornou ponto de referência para sua identidade pessoal.

Sempre, a vila era o começo. «Eu nasci em tal vila em determinada paróquia.» – o camponês invariavelmente começa a se descrever. Deste modo ele indicava a importância da vila para si. Ela era um ponto fixo no qual ele conhecia sua posição no mundo e sua relação com a humanidade (HANDLIN,1973 p.8).^{xxvi}

O sentimento de pertencimento da vila foi transportado com os primeiros imigrantes, eles eram ingleses de Boston, da Virginia, da Nova Inglaterra. A transformação de Ingleses do além-mar para americanos não foi um movimento que começou durante a revolução e terminou com o fim da Guerra de Interdependência em 1776. Foi um processo lento começado antes mesmo da independência e que só se concluiu após a Guerra de Secessão (1861-1865).

Gordom Wood em *The Radicalism in American Revolution* (1991) discute a alomorfia ocorrida de monarquistas para republicanos e finalmente para democratas. Wood afirma que essa transformação se deu pelas próprias características da colônia. A quantidade de terras disponível permitiu uma participação política maior do que na Inglaterra (Wood, 1991,ps.1700). Além da participação política os colonos que se estabeleceram não retornavam a Inglaterra distanciamento gerou ao longo dos anos, uma parcela da sociedade que nunca esteve na Inglaterra e o amor que o Duque de Shaftesbury menciona, não estava mais direcionado a terra de seus antepassados, e sim a colônia que o abrigou. nacionalismo inglês aos poucos se torna um nacionalismo colonial.

1.2.3 Primeiro passo para americanidade: a criação da ideia do americano.

A concepção de que os Estados Unidos era um país de imigrantes e que sua formação foi moldada por traços e contribuições de cada um dos grupos que participou de sua formação, é um equívoco alimentado principalmente da ideia do *melting pot* (o conceito de

que diversas culturas se fundiriam em um grande caldeirão étnico de onde emergiria uma única cultura).

A noção da americanidade como um elemento de amálgama de povos não era novidade quando esse conceito surgiu no começo do século XX²⁷. Crèvecoeur (1735-1813), um escritor francês naturalizado em Nova York, em seu livro *Letters from an American Farmer* (1782) dedica um capítulo para definir o que seria esse novo ser: o americano. No século XVIII, para o francês, o americano seria uma mistura de grupos. Nas palavras de Crèvecoeur esse novo ser “seria a mistura de ingleses, escoceses, irlandeses, franceses, holandeses, alemães, suecos” (1782 p.47). E afirma que:

O americano é este novo homem, ele não é um europeu ou um descendente, e sim, uma mistura de sangues que você não irá encontrar em outro lugar... *Ele* é um americano, que, deixando pra trás todos seus preconceitos e hábitos, adota um novo modo de vida, um novo governo a que obedecer, uma nova hierarquia. Ele se torna um americano por ser recebido no colo de nossa *Alma Mater*. Aqui indivíduos de todas as raças²⁸ se fundem em uma nova raça de homem, cujo trabalho um dia causará grandes transformações no mundo (CREVECOEUR, 1782, pp.47-49).

E continua a definir um americano como:

O americano é um novo hoje, que age de acordo com novos princípios; precisa, portanto, nutrir novas ideias e formar novas opiniões. Da ociosidade involuntária, da dependência servil, da penúria e do labor inútil, passou para trabalhos de natureza muito diferente, recompensado por ampla subsistência – Este é o americano. (CREVECOEUR, 1782, pp.49-50).

Um dos pontos mais forte e incompreendido pelo francês se encontra na percepção que o imigrante seria uma *tabula rasa*. Não tendo orgulho, preconceitos ou valores embutidos dos quais ele não se livraria facilmente. Na concepção do francês o imigrante:

Que apego pode ter um pobre imigrante europeu que deixou um país onde ele não tinha nada? O conhecimento de uma língua, o amor por poucos parentes tão pobres quanto ele eram os únicos laços que o atrelavam: seu país é agora o que lhe dá terra, pão, proteção e consequentemente: *Ubi pnis ibi pátria* é o lema de todo imigrante (CRÈVECOEUR.1782, p.49).^{xxvii}

A percepção de Crèvecoeur que o imigrante abraçaria facilmente os hábitos e a terra que lhe acolheu e permitiu que prosperasse economicamente não é de toda errada principalmente quando levamos em conta os motivos que levaram as pessoas a migrar (os motivos de *push*). Os que partiram por receio de não haver mais espaço para que eles

²⁷ Embora o termo já seja conhecido do povo americano ele ganha popularidade em 1908 quando Israel Zangwill escreve a peça chamada *Melting-Pot*. “A peça anexou permanentemente o vivido simbolismo da antiga ideia de assimilação como um ideal da americanidade” (HIGHAM, 2002, P.124)

²⁸ A manutenção da terminologia raça na tradução se dá pelo uso dela como categoria histórica utilizada até o começo do século XX.

cultivassem a terra, levando consigo sua família ou fugindo de perseguições religiosas, eram mais propícios a ficar. Mas assim, como tantos outros imigrantes, muitos ingleses foram em busca de riqueza ou para cumprir pena²⁹ e ansiavam o retorno à pátria mãe assim que atingissem esse objetivo (DANIELS, 2002, p.30). Essa dupla característica da migração para as colônias inglesas também é abordada por Handlin:

Tentados pela expectativa de esplêndidas recompensas pelos seus esforços, eles se aventuraram a se deslocar de suas vilas ancestrais, e aceitar os perigos desconhecidos da transplantação. O movimento desses homens marca a primeira fase do que seria uma cataclísmica transferência de população (HANDLIN, 1973, p.32)^{xxviii}

Aqueles que migraram entre os séculos XVI e XVIII. Que apesar de possuírem orgulho de sua terra natal (HANDLING, 1957, p.62), não conviveram com as mudanças ocorridas na Europa no começo do século XIX. Momento em que o nacionalismo romântico se espalhou pela Europa. O nacionalismo europeu obteve grande impacto na mentalidade dos imigrantes que chegaram após a guerra de Secessão.

Tanto a interpretação de Handlin quanto de Crèvecoeur sobre esses primeiros colonos que chegam à América parte de uma perspectiva romântica, entretanto foi exatamente esse entendimento que se perpetuaria no imaginário da nação.

Entretanto, apesar dos escritos de Crèvecoeur convergirem com o que parte do imaginário construído a respeito da América colonial, o postulado que o americano seria a junção de ingleses, escoceses, irlandeses, franceses, holandeses, alemães, suecos causará uma impressão forte.

Quando imigrantes pertencentes a outras nações começaram a chegar e eles não faziam parte dessa mistura prevista pelo francês, esses foram vistos com desconfiança (no caso dos católicos) ou como inferiores, principalmente, se estavam afastados do ideal de americanidade que os ingleses do além-mar construíram.

As visões positivas sobre América espalhadas por viajantes serviram mais do que uma propaganda para o local, elas ajudaram a construir a percepção que os americanos possuíam sobre si mesmos.

²⁹ Daniels comenta que entre 1607 e a declaração de independência, menos de um milhão migraram para as colônias britânicas. 600mil Europeus e por volta de 300mil africanos. E ressalta que de alguma forma metade dos europeus e todos os africanos eram em algum grau não livres. Os homens livres cerca de 2% segundo Daniels, eram ingleses. Isso explica a forte influência inglesa no que viria ser a cultura americana. (DANIELS, 2002 p.30)

Foi Crèvecoeur que forneceu a uma resposta autorizada à pergunta “O que é um americano?”. Foi Tocqueville que nos deixou a anatomia da sociedade americana que ainda é usada como um guia pelos seus estudantes. As percepções da parte dos estrangeiros simpáticos, acerca daquilo que a América era, ajudaram a colocar sua distinção num ponto de focagem mais nítido para os americanos (havia uma tendência natural para desprezar percepções não simpatizantes). Desta forma as impressões dos imigrantes ajudaram a definir a identidade americana. (GREENFELD, 2008 p.425)

Parte dessa visão é construída no pós-independência, quando os valores americanos precisavam ser formados. Ao contrário das nações europeias que para formar uma identidade nacional voltaram os olhos para um passado glorioso de sua formação como reinos. Baseando-se em lendas e heróis nacionais que apelavam para mitos de união nacional. No caso dos Estados Unidos esse passado épico não existiu, as ideologias precisaram se formar junto com o nascimento da nação. Muito da identidade norte-americana estaria contida dentro da declaração de independência.

Havia-se construído uma ilusão de uma América harmoniosa, baseada na convicção de que imigrantes de todos os tipos foram tratados da mesma forma, contanto que esses abandonassem seus antigos hábitos e se adaptassem as novas realidades da república. Bennett (1988 p.17) alega que a “América não era um lugar para todas as pessoas”. A recepção dos imigrantes oscilou dependendo do seu local de origem, da cor de sua pele, e de sua religião. Sobre a recepção dos recém-chegados Bennett ressalta:

Muitos europeus recém-chegados não encontraram hospitalidade ou bondade esperando para recebê-los. O conflito entre o “povo escolhido” e os recém chegados assolava o país antes dos cruzados *Know Nothing* do meio do século XIX. A inimizade em relação aos estrangeiros fez parte da herança da experiência colonial (BENNETT, 1988 p.17)^{xxix}.

As características que os colonos elegeram como as características do povo que formaria os Estados Unidos exemplificam bem o que Anderson quer dizer com uma comunidade imaginada. Apesar das diferenças étnicas e religiosas existentes desde o período colonial, o que os americanos irão reconhecer como elemento comum da americanidade no século XIX seriam os WASPs³⁰ (Branco Anglo Saxão e Protestante). A língua e costumes eram algo que podiam ser aprendidos, pessoas brancas anglo-saxãs e protestantes eram capazes de se americanizar e eram reconhecidos como americanos antes mesmo de possuir a cidadania porque tinham em seu cerne o que era necessário para se tornar um.

³⁰ A sigla WASP é amplamente utilizada em artigos e livros em diversos idiomas, para evitar qualquer confusão com leitor, decidimos manter a sigla original.

Uma das grandes contradições dessa noção de americanidade difundida depois da formação do país encontra-se no fato que a mesma não era estendida a uma parte significativa da população que vivia em seu território.

O intuito dos pais fundadores – e seguido por muitos outros – era que os Estados Unidos fossem um país de Homens Brancos e Protestantes. Essa vontade de restringir pessoas diferentes vai ser percebida com mais ou menos intensidade durante os anos posteriores a proclamação da independência.

Em 1790 a lei de naturalização define bem quem os Estados Unidos queriam como seus cidadãos:

Seja promulgada pelo Senado e Câmara dos Deputados dos Estados Unidos da América, em Congresso reunido. Que qualquer estrangeiro que seja uma pessoa branca e livre, que tenha residido nos limites sob a jurisdição dos Estados Unidos pelo período de dois anos, pode é elegível a se tornar cidadão diante de uma petição em qualquer corte de qualquer estado no qual ele tenha residido por pelo menos um ano. E tenha como provar para satisfação da corte que é uma pessoa de bom caráter e prestar um juramento prescrito por lei que irá obedecer a constituição dos Estados Unidos.

O juramento deve ser feito diante de um juiz que deve registrar a petição, e com os procedimentos seguintes. Após isso tal pessoa poderá ser considerada um cidadão dos Estados Unidos. Os filhos dessa pessoa naturalizada que sejam de idade inferior a 21 anos também serão considerados cidadãos.

Os filhos de cidadãos nascidos no além-mar, ou fora dos limites dos Estados Unidos serão considerados como cidadãos nascidos no território americano. Dito isso, o direito de cidadania não deverá aplicar aos descendentes cujos os pais nunca residiram nos Estados Unidos. (Lei de Naturalização de 26 de Março de 1790)³¹

A lei garantia a naturalização para pessoas brancas e livres, de bom caráter, que residiam nos Estados Unidos pelo menos a dois anos e que fizessem um juramento de lealdade ao país. Daniels interpreta a lei de 1790 desta forma:

A óbvia intenção da lei era barrar a naturalização de negros e servos atrelados a contratos. Esta lei de naturalização, assim como sua emenda, foi usada para barrar a entrada de imigrantes asiáticos sessenta anos depois. Embora não haja evidências de que o congresso americano tinha a imigração asiática em mente quando a lei foi proposta (DANIELS, 2004 p.8).

O caso do Oregon é um exemplo da ideia de que o país deveria ser formado por um grupo específico de pessoas. O estado em sua constituição possuía a cláusula de “apenas para pessoas brancas”. O então território do Oregon aboliu a escravidão em 1844, antes mesmo de sua entrada na federação, que só ocorreria em 1859. Após a abolição expulsou todos os negros

³¹ A lei de naturalização sofreu modificações ao longo dos anos. Em 1795 o tempo de residência para 5 anos, depois foi alterada para 14 anos e novamente reduzida para 5 anos. O tempo de naturalização de 5 anos é a data usada durante todo o trabalho.

de seu território. O mesmo aconteceria com chineses que ali residiam (PFAELZER, 2008, ps.137) menos de duas décadas depois. A ideia de estado como refúgio para homens brancos não era meta exclusiva do Oregon, outras partes da federação também tentaram expulsar aqueles considerados indignos de se americanizarem.

No pós-guerra de Secessão (1861-1865) a cidadania se estendeu por força de lei³² ao segundo grupo majoritário presente nos Estados Unidos, os negros. No período de 1850 eles correspondiam a 15% da população norte-americana (DANIELS, 2002, p.20). A possibilidade de ter direitos reconhecidos como cidadãos não fez com que o grupo majoritário no país os reconhecessem como americanos. Até mesmo no norte, onde por muito se acreditou que a população fosse mais integrada e o racismo mais fraco, se mostrou tão excludente quanto o sul no seu plano de americanidade.

Os descendentes de africanos que estavam no país, eram nascidos no país, mas, para muitos, apenas sua presença no território não os tornava americanos, apesar da lei de naturalização de 1870 finalmente reconhecer pessoas de origem africana como americanos. Sua contribuição para americanidade foi negligenciada e evitada o máximo possível.

A discussão sobre americanidade se torna ainda mais complexa ao examinar outros grupos minoritários. O caso asiático chama atenção pelas legislações criadas sob a justificativa de que esse grupo não era apenas incapaz de se americanizar: garantir sua cidadania colocaria em risco toda a sociedade americana (DANIEL, 1977 p.46). Mesmo os nascidos nos Estados Unidos, que lentamente se inseriam na sociedade americana, não eram vistos como parte dela. Apesar de sua cidadania garantida pela 14ª emenda e reintegrada pela decisão judicial *United States Vs Wong Kim* (1898) que garantia que mesmo que os pais fossem inelegíveis para cidadania, ou estivessem em situação ilegal, os nascidos nos Estados Unidos possuíam direito a cidadania e sujeitos as mesmas leis que os demais cidadãos. Na visão dos americanos continuavam a ser chineses e japoneses, sem sua cultura ser considerada capaz de se misturar no *melting pot* do qual surgiria o americano.

A incapacidade de alguns grupos se americanizarem ou de compreender a cultura norte-americana se tornaria o *Shibboleth* repetido por aqueles que desejavam a restrição da imigração no século XIX e parte do XX.

³² 14ª Emenda da Constituição declara que todas as pessoas brancas ou descendentes de africanos podiam se naturalizar.

A construção da identidade nacional americana não estava vinculada apenas a questões como residir num mesmo território, ou compartilhar uma língua em comum, ou ao sentimento de pertencerem a uma mesma cultura, a questão racial foi um fator crucial para construção da americanidade. Para responder àquela questão acerca do “o que representa ser um americano”, pelo menos durante o século XIX, tem-se uma resolução: ele é branco, de preferência protestante, chegou ao país por seus próprios meios e possui uma cultura semelhante à britânica.

O que parte dos americanos demorou a perceber foi a capacidade desses imigrantes de se integrar, mesmo que indesejados, e aos poucos deixarem suas marcas na cultura e na própria formação de americanidade.

Handlin (1953 p.29) comenta que o uso da própria designação ‘*Americanos*’ depois da guerra de independência demonstra que eles haviam se acostumado a pensar como um grupo.

Eles não eram mais *Virginians, New Yorkers or Bostonians*³³ Isso também refletia a inclinação deles em se distanciarem dos ingleses ou dos outros europeus dos quais eram descendiam. Como americanos, eles gostavam de se descreverem como um novo homem, produto de um novo mundo e ambiente no qual eles viviam. (HANDLIN, 1957, p.29)

Mas esse novo homem, produto de um meio, desprendido de tensões e preconceitos que imperavam em seu território de origem, que respeitaria as diferenças e a vontade em comum de outros grupos de recomeçar e não repetiria os estereótipos do velho continente em relação a alguns grupos, nunca apareceu.

1.2.4. O que é um Americano?

O americano não é apenas a amálgama de alguns grupos europeus, mas sim, de um povo composto por grupo de grupos minoritários que se não conseguiram ser reconhecidos pelo espelho da americanidade. Mesmo assim, deixaram sua marca no que se transformaria na cultura americana; na alimentação, modo de vestir e falar. Ainda que sem ser reconhecida como americana, esses hábitos são apropriados, e “filtrados” para se enquadrar ao gosto dos “verdadeiros americanos”.

³³ Pela falta de equivalência de um termo em português foi decidido pela manutenção dos termos na língua nativa.

Dan Carlin³⁴ (1965-) no episódio *American Peril* (2013, min 33:07) observa o comportamento dos Estados Unidos do final no século XIX, e afirma que pode ser comparado a de um «Gigante Esquizofrênico». Um país que cresceu rápido demais e composto por uma população muito diversa que nem sempre concorda como o país deve agir. No fim do século XIX essas diferenças sobre qual deveria ser o papel do país fica clara como explica Carlin:

Dividido entre o passado repleto dos valores planos traçados pelos pais fundadores para o país. Uma mitologia que eles criaram sobre si mesmos. E muitas vezes essa mitologia pessoal vai de encontro com a vontade nacional. E da vontade de se apresentar e atuar no mesmo patamar das potências europeias que eles criticaram durante tanto tempo (Carlin, 2013 *American Peril* 33:10).

A mitologia pessoal citada por Carlin é a base do próprio excepcionalismo principalmente na ideia de autodeterminação não só para os Estados Unidos para todos os povos. No século XIX as ações políticas principalmente questões imperialistas levariam os próprios americanos a perceber que suas ações não são condizentes com seus discursos. Ao contrário de outros países que podiam agir da forma que a vontade nacional exigia, e no período mencionado estavam buscando o imperialismo. Parte da população americana foi contrária quando o próprio país começou a fazer o mesmo. Principalmente porque os valores que os “pais fundadores” pregaram no século XVIII não eram mais os mesmo valores que a sociedade e a política do fim do século XIX almejavam.

Essa divergência é muito mais profunda que diferenças de opiniões a respeito da política externa que o país seguia. Era um problema de identidade nacional. Do que o país estava se tornando e o que o país era. A consciência desse gigante se fragmentou em duas psiques. O problema dessas que duas psiques é que elas precisam entrar em acordo antes dos americanos tomarem medidas contraditórias. Outro problema é que a personalidade dividida dos Estados Unidos estão motivadas por prioridades quase que opostas (CARLIN, *American Peril*, 2013, min 33:12). Carlin explica as motivações de cada uma das psiques:

Esse gigante possui lados de sua personalidade motivados por prioridades diferentes. Enquanto uma metade é irrealisticamente boa, idealista em um sentido quase utópico e com uma imagem de si, que reflete ainda os ideais de igualitários contidos em sua constituição: A igualdade a liberdade a noção de com trabalho duro e força de vontade é capaz de atingir qualquer objetivo (CARLIN, *American Peril*, 2013, min 34.37).

³⁴ Dan Carlin possui o título de Bacharel pela Universidade do Colorado Boulder e produtor do podcast Hardcore History.

Foi essa visão do um gigante que crescia e precisava de mão de obra, que oferece terras, e um lugar seguro para aqueles dispostos que a fazer a travessia que os imigrantes buscavam.

Carlin conclui sobre o segundo lado da psique:

A outra metade da psique é muito mais básica. Motivada pelas mesmas preocupações nacionalistas que os outros países seguem. E motivada por desejos humanos que estão presentes na humanidade desde sua criação: ganância, medo, xenofobia, racismo, etnocentrismo, violência. Sentimentos que governam o homem desde sua criação. (CARLIN, *American Peril*, 2013, min 34.37)

Por compreender que a identidade nacional é um reflexo das identidades pessoais e grupais. Desta forma, a apropriação da analogia do “Gigante Esquizofrênico” para falar do próprio americano pode nos fornecer algumas pistas do que é o americano da virada do século XIX para o XX³⁵. Ele é junção diferentes grupos étnicos, mas que se reconhece apenas como um branco e anglo-saxão. Que possui contato com uma gama de religiões, mas aceita somente algumas derivações do protestantismo como sua marca religiosa. Um país que começa seu documento mais importante com a declaração de que todos os homens nascem iguais, e mesmo assim, permitiu a escravidão por quase 100 anos após escrever essas palavras.

O americano é a pessoa que tenta barrar a entrada de determinados imigrantes em seu país, mas esquece que é descendente um imigrante que veio para o país em condições muitas vezes análogas aos que os imigrantes que ele quer restringir.

Particularidade desse gigante esquizofrênico está no fato dele ser capaz de perceber as mudanças no seu país. Mas ao contrário de abraçar a ideia do *melting pot*, faz o possível para excluir aqueles que ele considera indigno.

O americano é um povo que originou sua visão de si mesmo no século XVIII, e desconsiderou as tentativas de mudança ocorridas ao longo do século XIX e fecha os olhos para qualquer alteração em sua concepção de americanidade.

³⁵ Embora muitas das inconsistências de visão dos americanos serão mantidas ao longo do século XX.

1.2.6 Restringindo a Americanidade.

Durante as primeiras décadas do século XVII, ser negro, nas 13 colônias, não era sinônimo de ser escravizado. Oscar Handlin ao tratar da questão da servidão em *Race and Nationality in American Life* (1953) e traça um perfil da serventia dentro dos Estados Unidos durante o século XVII. Pessoas ligadas a terra ou a outra pessoa eram um hábito comum no continente europeu e foi trazido junto com os primeiros colonos. Na tentativa de cultivar e povoar as terras descobertas, mas sem condições de pagar os custos da viagem. Muitos colonos chegavam ligados a contratos de servidão. Assim como no «Velho» Mundo, o tempo de servidão adotada nas 13 colônias era variável.

Juridicamente, nas primeiras décadas da colônia, não havia, legalmente falando, diferença *strictu senso* entre aqueles que chegavam sob contrato de servidão da Europa e aqueles trazidos sob servidão forçada da África (HANDLIN. 1953 p.5). Zinn (2003 p. 29) afirma que “apesar da escravidão não ser regulamentada ou legalizada, a lista de servos mostra os negros separadamente”. Handlin deixa claro que, a preferência era por trazer colonos brancos para trabalhar nas terras tanto no sul quanto no norte.

Não havia demanda para as colônias continentais [de negros]. Pelo contrário, a convocação era para mão de obra branca especializada, preferencialmente por aqueles parecidos com os primeiros colonizadores, indo desde escoceses e, galeses até irlandeses, franceses e italianos. Os menos desejados eram as mãos de obras não qualificadas dos estranhos negros. (HANDLIN, 1953, p.12)^{xxx}

A equidade entre os servos de cor branca e de cor negra também foi um dos motivos que desestimulou a vinda de colonos brancos sob contrato de servidão. Principalmente após uma série de relatos em Londres, Escócia, e Dublin, a respeito das más condições enfrentadas por aqueles que enfrentaram o desafio de cruzar o atlântico e se arriscaram a terem que viver sob servidão perpétua (HANDLIN, 1953, p.15).

Em uma tentativa de atrair mais colonos de cor branca, muitas colônias passaram a diminuir o tempo de servidão dos europeus, começando com o critério de que cristãos não poderiam ser submetidos a servidão perpétua, o tempo de trabalho necessário para que pudessem reaver sua liberdade foi diminuído, assim como foi proibido dos castigos físicos em pessoas brancas. Em 1670 a colônia de Virginia tornou a diferença entre um servo e um

escravo uma questão religiosa declarando que “Todos os servos não cristãos trazidos do além-mar eram declarados escravos por toda vida”³⁶

A lei de naturalização de 1790 tornou a americanidade uma questão de cor. Negros mesmo que livre ou ex-escravizados não poderiam se tornar cidadãos mesmo residindo em território. Os índios por viverem em terras isoladas e em tribos eram considerados como estrangeiros, então mesmo que desejasse ‘imigrar’ um índio não poderia se tornar cidadão dos Estados Unidos por não ser branco. Indígenas, ex-escravizados, asiáticos ou qualquer um que não fosse branco, mas tivesse sua liberdade entrava na categoria de *Free colored people* (pessoas de cor livre), elas eram submetidas as leis americanas, mas não possuíam direitos equivalentes aos cidadãos.

A lei de Naturalização de 1790 não deixa uma posição clara a respeito dos descendentes de africanos livres ou de escravizados nascidos nos Estados Unidos que viessem a conseguir sua alforria. Uma posição sobre o assunto só é obtida em 1857 com a decisão da suprema corte *Dred Scott Vs Stanford* que declara que mesmo nascidos nos Estados Unidos, e livres, pessoas de cor negra não eram cidadãos americanos:

... A questão é simplesmente esta: Pode um negro, cujos antepassados foram importados para este país e vendidos como escravos, tornar-se membro da comunidade política formada pela constituição dos Estados Unidos, que lhe deu existência, e, como tal, fazer jus a todos os direitos, privilégios e imunidades garantidos por aquele instrumento aos cidadãos? ... As palavras ‘povo dos Estados Unidos’ e cidadãos significam a mesma coisa. Ambos descrevem o corpo político que, de acordo com nossas instituições republicanas, forma a soberania, detém o poder e conduz o governo através de seus representantes... Na opinião do tribunal, a legislação e as histórias dos tempos, e a linguagem usada na declaração de independência mostram que nem a classe de pessoas importadas como escravos nem seus descendentes, forros ou não, eram então reconhecidos como parte do povo, nem se destinavam a ser incluídos nas palavras gerais utilizadas no memorável instrumento. (Decisão da suprema corte de *Dred Scott Vs Stanford* em SYRETT, 1960, pp196-1967)

A questão sobre a naturalização e cidadania de pessoas com ascendência africana só foi resolvida pós Guerra Civil (1861-1865) com a promulgação da 14ª Emenda – que em sua primeira sessão garantia a naturalização a todas as pessoas nascidas nos Estados Unidos. E com a lei de naturalização de 1870 – que garantia a naturalização de pessoas brancas, africanas ou com ascendência africana.

³⁶ Virgínia, Lei XII 1670 disponível em <http://college.cengage.com/history/ayers_primary_sources/laws_slaves_servants.htm> acesso em 01/03/2016

Apesar do fim da escravidão, a questão da americanidade continuou ligada à cor da pele. Embora a constituição lhe garantisse direitos, alguns estados fizeram o possível para que esses direitos não fossem plenamente gozados. Embora fossem por lei cidadãos americanos, os americanos que «chegaram antes» não os reconheciam como tal. E leis como o *Separate car Act* de 1880 – Louisiana, que levaria a decisão da suprema corte *Plessy vs Ferguson* que é a origem de um sistema de segregação baseado na ideia de separados mas iguais. Que por quase um século garantiria a exclusão de pessoas de não brancos do convívio com brancos.

Assim como a lei de naturalização de 1790 excluía uma parcela significativa da população dos Estados Unidos. A lei de naturalização de 1870 deliberadamente excluía uma parcela significativa da população da Califórnia: Chineses. Essa exclusão logo se estenderia aos japoneses, latinos e indianos que começariam a migrar entre o final do século XIX e começo do século XX. Uma vez. Pelo texto da lei que marrons e amarelos não podiam se naturalizar. A população dos Estados Unidos podia não ser mais formada pelos homens brancos que os pais fundadores assim desejaram, mas sem dúvida, a americanidade permaneceu assim por muito tempo.

1.3 Nacionalismo

Nacionalismo como ideologia e movimento político social está em evidência desde o final do século XVIII², mas, o estudo desse fenômeno ocupou a periferia teórica até ganhar força na segunda metade do século XX. Özkirimli (2010, p. 5) afirma que o processo de independência e a criação de uma série de novos países na África e Ásia na década de 60 chamou atenção para o nacionalismo. Apesar do começo dos estudos sobre o tema serem da década de 60 e 70, seria na década seguinte que os debates a respeito do tema ganhariam força. Obras como *Nation and Nationalism since 1780*, de Eric Hobsbawm, *Nations and Nationalism* de Ernest Gellner, *Theories of Nationalism*, de Umut Özkirimli, *Cinco Caminhos para Modernidade* de Liah Greenfeld, *Comunidades Imaginadas* de Benedict Anderson, formam importantes fontes para uma melhor análise a respeito das origens e características dos diferentes nacionalismos. Özkirimli sugere que o atraso nos estudos a respeito do tema se deu graças ao hábito da academia em ignorar o nacionalismo em si como um tópico de investigação, e, quando estudado ele é comprimido às suas manifestações extremas. (Özkirimli, 2010 p.7-8).

Assim como são abrangentes as manifestações do nacionalismo, da mesma forma são suas definições. Ao tentar encontrar uma definição de nacionalismo percebida ainda no século XIX, vislumbra-se no dicionário *Webster* de 18863 a seguinte definição:

1. O estado de ser nacional; pertencimento nacional, nacionalidade. 2. um idioma, traço ou característica peculiar a qualquer nação. O mesmo dicionário de 1913 adiciona mais um significado a esse signo linguístico: Independência da nação: os princípios dos nacionalistas⁴. Ao buscar o significado de nacionalismo em um dicionário contemporâneo, sua definição está diferente⁵: 1. Preferência pelo que é próprio da nação a que se pertence; patriotismo. 2. Doutrina política em que se pretende impor a predominância da nação à qual se pertence em todas as áreas. 3. Movimento político em reclama o direito em povo de constituir uma nação.

Conquanto que o dicionário de Política organizado por Norberto Bobbio (2004 p.799) define nacionalismo como:

Ideologia nacional, ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional, que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva. O estado nacional geral o nacionalismo, na medida em que suas estruturas de poder, burocráticas e centralizadoras, possibilitam a evolução do projeto político que visam a fusão de Estado e nação, isto é a unificação, em seu território de língua cultura e tradições.

1.3.1 Nacionalismo uma perspectiva teórica

A mudança de percepção a respeito do significado de nacionalismo é descrita por Liah Greenfeld (2008 p.15) como um padrão em Ziguezague, onde as palavras vão se alterando semanticamente e formando novos conceitos, conceitos estes, para a autora, formados graças a constrangimentos estruturais (situacionais). Esses constrangimentos estruturais podem ocorrer graças a corruptelas de seu significado original feitas tanto pelas pessoas quanto por meios de comunicação que perpassam e dão continuidade a um significado distinto. Demais disso, podem ocorrer pela necessidade de teóricos de utilizar esses signos como modelos explicativos ressignificando e aumentando seu campo lexical original.

Os exemplos do (re)significado dados por teóricos para o nacionalismo são extensos, entretanto serão utilizadas três percepções de pesquisadores que contribuíram para os estudos a respeito do tema. Ernest Gellner em *Nations and Nationalism* define nacionalismo como “primariamente um princípio político que afirma que a unidade nacional e política devam ser congruentes.” (1983 p.5) e acredita que tanto o sentimento nacionalista quanto o movimento nacionalista precisam ser compreendidos a partir dessa premissa, Gellner define o sentimento

nacionalista como “o sentimento de raiva despertado pela violação desse princípio, ou o sentimento de satisfação despertado pelo cumprimento do mesmo.” enquanto define o momento nacionalista como “um movimento motivado por um sentimento deste tipo.” Gellener segue afirmando que o nacionalismo não é o despertar das nações para consciência. Hobsbawm (1983 p.09) utiliza a mesma definição de Gellner em *Nations and Nationalism Since 1780* apenas acrescentando que:

Eu adicionaria que este princípio [unidade nacional e política congruentes] também implica que o dever político de um povo para o governo que engloba e representa a nação ultrapassa toda e qualquer outra obrigação pública e em casos extremos, como guerra, obrigações de qualquer tipo. Esta implicação distingue o nacionalismo de outras menos exigentes formas de grupo ou identidade nacional que viermos a encontrar.

Tanto Gellner quanto Hobsbawm acreditam que os nacionalismos são um produto da era moderna e sua “criação” é uma consequência das transformações ocorridas com advento da revolução industrial. Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas*, partindo da concepção de que “nacionalidade e nacionalismo são artefatos culturais específicos” (2011 p.30) define nação como uma comunidade imaginada, não no sentido de uma comunidade inventada, mas sim, porque “mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles.” (2011 p.32) Apesar de imaginada, essa comunidade é soberana e limitada, sendo que essa limitação se dá por possuir fronteiras definidas.

Anderson também afirma que o século XVIII marca o amanhecer dos nacionalismos graças a transformações que começam a ocorrer nas sociedades econômicas, culturais e sociais que influenciam nas concepções desses nacionalismos. Ao contrário de Hobsbawm e Gellner, Anderson considera o iluminismo e o liberalismo como atores preponderantes para o surgimento dos nacionalismos e elege o capitalismo editorial como importante fator para o aprimoramento da ideia de pertencimento dos participantes da comunidade.

É graças ao capitalismo editorial, com cada vez mais livros escritos em vernáculo, a publicação e o aumento da circulação de jornais e periódicos que uma quantidade cada vez maior de pessoas passam a se perceber como pertencentes a um mesmo local, que residentes

de um mesmo território, culturalmente e ancestralmente semelhantes, em suma, que fazem parte de uma mesma nação.

Se o século XVIII marca o amanhecer, seria no século XIX que os nacionalismos de países ocidentais encontrariam seu Zénite. As revoluções ocorridas nas colônias do continente americano durante esse período trazem novas percepções a respeito das identidades nacionais. Esta mudança da percepção de si mesmo pode ser percebida ao analisar o caso da transformação das 13 colônias inglesas nos Estados Unidos da América.

1.3.3. O Nacionalismo sob uma perspectiva Norte –Americana.

Apesar de não estabelecer uma religião oficial na colônia, essa era predominantemente puritana, que seria um fator de reconhecimento e irmandade entre os primeiros colonos. Apesar da predominância puritana outros credos também eram professados nas colônias: uma pequena parcela de judeus se deslocou para Nova Amsterdã, (Nova York). Quackers na Pensilvânia; calvinistas e sua versão ortodoxia no estado da Nova Inglaterra, católicos em Maryland; anglicanos na Virginia, e germânicos das mais diversas doutrinas também se fizeram presentes na Pensilvânia.

Apesar da pluralidade religiosa, nenhuma outra religião causou tanto impacto na mentalidade americana como a puritana. Cesar (2012 p.9) Afirma que “estudantes puritanos desenvolveram o hábito peculiar de afirmar que o pensamento puritano é a chave para desvendar a história americana”^{xxxii}. Mesmo que essa afirmação seja descomedida, não há como ignorar a importância do protestantismo, e principalmente da mitologia protestante que acompanhou os primeiros colonos. Essa não se manteve restrita aos ciclos protestantes e com o tempo se alastrou não só para pessoas de outras religiões como passou a fazer parte do *American Creed*. A importância do protestantismo para a americanidade pode ser observada na fala de Fonseca:

Os puritanos que deram forma à história norte-americana herdaram um tipo específico de teologia protestante, que via, no momento em que a Reforma incendiava a Europa, “a revelação ao mundo de um novo continente, escondido durante séculos dos olhares europeus”. Esses puritanos viram nessa descoberta uma obra de Deus e na nova terra a derradeira oportunidade de promover uma purificação da igreja. Ao levantar velas e cruzar o oceano, eles interpretaram a viagem como uma fuga do caos e da corrupção do velho mundo e uma tentativa de estabelecer a verdadeira ordem (*a novus ordo seclorum*, nova ordem dos tempos) em um Novo Mundo. (FONSECA, 2007 p.157)

Entre os mitos perpetuados pelos puritanos, um dos mais resistentes reside na ideia do excepcionalismo americano: “A ideia de excepcionalismo pode se referir: a) Há algo de diferente em relação à América. B) há algo de especial em relação à América” (Cesar, 2012, p.6). Que esses colonos que atravessaram o oceano estavam colonizando um lugar destinado a grandeza, assim como seu povo estava destinado a liderar a humanidade.

O sentimento de singularidade se torna mais forte quando esses colonos comparam a situação por eles vivida com os habitantes das demais nações europeias no século XVIII. O contraste entre um povo livre possuidor de uma terra próspera com a de arrendatários que vivem na pobreza, situação exprimida por grande parte das pessoas na Europa. “Os primeiros colonos, então, vieram de uma intensa experiência religiosa e política, e muitos deles eram independentes” (JOHNSON, 2000 p.85). Essa comparação elevou o sentimento de excepcionalidade, especialidade e orgulho dos habitantes das 13 colônias.

Esse sentimento de excepcionalidade pode ser observado em quatro mitos que acompanharam os primeiros colonos puritanos para o país, mas que logo ganharia o imaginário de uma parcela da população são eles:

Povo escolhido (*chosen people*): amparado na tradição bíblica do Antigo Testamento há com a ascensão da reforma protestante a renovação da ideia de escolha. Isto é, de preferência de um povo em função da proximidade inicial com o cristianismo primitivo. Os ‘protestantes’, em especial holandeses e ingleses advogavam para si esta particularidade.

Missão na natureza selvagem (*errand into the wilderness*): A terra descoberta era grande e inexplorada, era parte da missão dos colonos trabalhar a terra e evangelizar o máximo possível.

A providência divina (*divine providence*): se baseia na certeza de esse povo age por determinação de Deus. E que todo os seus atos de conquista da terra são sancionados por Deus. O tema apareceu pela primeira vez antes mesmo da chegada dos puritanos à Nova Inglaterra.

Cidade na colina (*city upon a hill*): derivação da ideia de particularidade, ou seja, da preferência. É uma metonímia para a ideia mesmo velada de superioridade espiritual. Avistam-se os demais do alto, mas não da arrogância explícita, mas sim da proximidade de deus – o Altíssimo.

Se o espiritual é superior, o material será mera consequência. Em função da superioridade – holandeses e ingleses – no desenvolvimento do capitalismo, acreditar-se-á que deriva da religião.

Fonseca afirma que serão esses mitos, os dois importantes para a compreensão da americanidade são: *O destino Manifesto*. Aplicação geográfica da superioridade dos valores políticos, ou seja, democracia, igualdade e liberalismo. Ao mesmo tempo, aplica-se a ideia da descentralização e de menos hierarquia nas relações administrativas e políticas como valorização do federalismo.

E *O fardo do homem branco*. Apropriação da visão britânica do imperialismo, considerado na época por eles como um modo administrativo adequado de governo em vista de tantos povos por eles conquistados. Mescla de ideias da evolução dos estudos de filologia, biologia e economia. É uma tentativa de justificativa para impor sua hierarquia, com menos custos sociais e militares, na organização do império, isto é, uma nova modelagem de conquista. Sobre o excepcionalismo americano Fonseca a define como:

Suscitando polêmica nos debates sobre o projeto imperialista. Aos poucos, tornaram-se a base da liturgia cívico-religiosa norte-americana – a celebração da comunidade nacional, de sua identidade, de sua singularidade, de sua missão no mundo. Consequentemente, tornaram-se parte integral das fundações ideológicas da política externa daquele país (FONSECA, 2007 p.159).

A prosperidade era tomada como um sinal do favor de Deus, e ligava-se à religiosidade do povo na consciência da singularidade americana... a superior virtude do povo das colônias como seu superior bem estar, um sinal seguro da sua eleição. Se os ingleses eram o próprio povo de Deus, os ingleses americanos eram os eleitos dos eleitos (GREENFELD, 2008 p.398).

Essa noção de que os Estados Unidos seriam um lugar de amálgama para os mais diversos povos se tornará um dos principais pilares da construção da identidade nacional e fazendo-se também presente nos discursos dos *pais fundadores*. Em dois de dezembro de 1783, George Washington se dirigiu à associação de imigrantes irlandeses:

O desabrochar da América está aberto para receber não apenas os estrangeiros opulentos e respeitáveis, mas, aos oprimidos e perseguidos de todas as nações e religiões; quem nós devemos dar boas vindas a participar de todos os nossos direitos e privilégios se por decência e decoro de conduta aparentam merecer³⁷.

³⁷ The Blossom of America Quote: Disponível em <<http://www.westillholdthesetruths.org/quotes/708/the-bosom-of-america-is-open>> Acesso em 07/06/2015

Tanto Crèvecoeur quanto Washington ao exaltar as qualidades do povo americano e da América em si, falham em considerar uma parcela da população existente no país. Em 1790 havia nos Estados Unidos aproximadamente 800 mil pessoas negras³⁸, dessas, 150 mil de origem africana, o resto, indivíduos que configuravam pelo menos a segunda geração de nascidos na América (DANIELS, 2002 p.63). Para aproximadamente 19.3% da população, sejam essas livres ou sob o contrato de serviço ou escravizados, o “desabrochar da América não estava aberto” e nem participariam eles da “Nova raça cujo trabalho um dia causará grandes transformações no mundo”.

1.3.4 Identidade, Nação e Nacionalismos: Encontrando motivos para odiar os outros.

Conceitos como identidade, nação e nacionalismo são resultados das transformações ocorridas na Europa entre o começo do século XV até o século XIX. Anderson adverte sobre as dificuldades em definir Nação e Nacionalidade, assim como analisá-las. (2011 p.28). Entretanto, todos esses conceitos resultam da mudança na compreensão de identidade ocorrida no período citado.

A identidade deixa de ser algo ligada a um local, baseada na autoridade de reis ou grandes famílias, e passa para o controle do Estado. Em grande parte, essas transformações se deram graças à saturação de um cenário político presente na Europa no fim da Era Moderna. Os territórios expandiram de tamanho e a dificuldade de controlar extensas localidades s por uma família, seja real ou vinda de uma casa nobre de forma absolutista, se ampliaram.

É durante o período apontado que a identidade religiosa, uma vez sinônimo de unidade nacional, é obrigada a passar para segundo plano. As querelas entre protestantes e católicos muitas vezes levaram não só a desordem, mas também a guerras entre pessoas nascidas e criadas num mesmo território, mas que a identidade religiosa superava uma solidariedade nacional. Esses conflitos precisaram ser regulados por uma entidade reconhecida como soberana por ambos os lados. A identidade religiosa aos poucos começa a ser suplantada pela identidade nacional. Antes de católicos ou protestantes essas pessoas são pertencentes a um território e devem submeter-se as leis desta região.

Amadurecendo numa fase da história humana em que mesmo os adeptos mais fervorosos de qualquer religião universal se defrontam inevitavelmente com *pluralismo* vivo dessas religiões e com alomorfismo entre as pretensões ontológicas

³⁸ <http://www.census.gov/prod/www/decennial.html>

e extensão territorial de cada credo, as nações sonham em ser livres...A garantia e o emblema dessa liberdade é o Estado Soberano (ANDERSON, 2011 p.34) .

Essa identidade foi se consolidando aos poucos através de símbolos, idiomas, bandeiras, da fomentação das diferenças com os outros, até chegar ao século XIX com os nacionalismos. Adamec (2014) define nacionalismo como:

O nacionalismo, por sua vez, seria a defesa mais ou menos ativa da nação e de seus elementos identitários constitutivos. A transformação desses elementos numa perspectiva ideológica. Assim, o nacionalismo seria a ideologia que procura defender, garantir e propagar os interesses da própria nação dentro e fora da sociedade que a compõe. Em termos mais específicos, nacionalismos diferentes relacionam-se de maneira particular com suas respectivas características identitárias constitutivas, apontando diversas saídas ideológicas. (ADAMEC, 2014, p.19)

Huntington (2004, p.28) acrescenta mais um aspecto da formação das nações: as guerras. E afirma que as mesmas guerras que criaram os Estados também criaram as nações.

Nenhuma nação, no verdadeiro sentido da palavra poderia ter nascido sem guerra... nenhuma comunidade consciente de si mesma poderia se estabelecer com um novo ator independente no cenário mundial sem um conflito armado ou a ameaça de um. As pessoas desenvolvem seu senso de identidade nacional enquanto lutam para se diferenciarem de outras pessoas com diferente língua, religião, história ou localização (HOWARD , 1979 p.102 *apud* HUNTINGTON,2004 pp.28,29)^{xxxii}

Os exemplos de (re)significado dados por teóricos para o nacionalismo são extensos, entretanto serão utilizadas três percepções de pesquisadores que contribuíram para os estudos a respeito do tema.

Ernest Gellner em *Nations and Nationalism* define nacionalismo como “primariamente um princípio político que afirma que a unidade nacional e política devam ser congruentes (1983 p.5)^{xxxiii}”. Possui a crença que tanto o sentimento nacionalista quanto o movimento nacionalista precisam ser compreendidos a partir dessa premissa. Gellner define o sentimento nacionalista como “o sentimento de raiva despertado pela violação desse princípio, ou o sentimento de satisfação despertado pelo cumprimento do mesmo” enquanto define o movimento nacionalista como “um movimento motivado por um sentimento deste tipo.” Gellner afirma que o nacionalismo não é o despertar das nações para consciência. Hobsbawm (1983.p.9) utiliza a mesma definição de Gellner, apenas acrescenta que:

Eu adicionaria que este princípio [unidade nacional e política congruentes] também implica que o dever político de um povo³⁹ para o governo que engloba e representa a nação ultrapassa toda e qualquer outra obrigação pública e em casos extremos, como guerra, obrigações de qualquer tipo. Esta implicação distingue o nacionalismo

³⁹ No texto original Hobsbawm faz menção a Ruritania, nação fictícia usada por Gellner para melhor compreensão do nacionalismo, o termo foi excluído para uma melhor localização do texto traduzido.

de outras menos exigentes formas de grupo ou identidade nacional que viermos a encontrar.

Tanto Gellner quanto Hobsbawm acreditam que os nacionalismos são um produto da era moderna e sua “criação” é uma consequência das transformações ocorridas com o advento da revolução industrial.

Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas* parte da concepção de que “nacionalidade e nacionalismo são artefatos culturais específicos” (2011 p.30), um conjunto de ideias, ideais e “eventos idealizados, mitos de origem, histórias heroicas e valores proclamados” (COLES, 2002, p. 410). Essa comunidade imaginada, não é no sentido de uma comunidade inventada, mas sim porque “mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (2011 p.32). Apesar de imaginada, essa comunidade é soberana e limitada, sendo que essa limitação se dá por possuir fronteiras definidas.

Anderson também afirma que o século XVIII marca o amanhecer dos nacionalismos graças a transformações que começam a ocorrer nas sociedades. Transformações econômicas, culturais e sociais que influenciam as concepções desses nacionalismos.

Se o século XVIII marca o amanhecer, seria no XIX que os nacionalismos de países ocidentais encontrariam seu zénite. As revoluções ocorridas nas colônias do continente americano durante esse período trazem novas percepções a respeito das identidades nacionais.

Se as guerras feitas até o século XVI eram feitas sob a bandeira de reis e grandes nobres, a partir do final dos séculos XVIII e XIX elas são feitas sob a bandeira de nações. Esta mudança a respeito da percepção de si mesmo pode ser percebida ao analisar o caso da Revolução Francesa e das independências da América Latina mais uma série de guerras nacionalistas durante o período.

1.4. Conclusão: o nativismo dentro deste trabalho.

Ao longo desta breve revisão bibliográfica se almejam dois objetivos: primeiro é compreensão de uma base teórica canônica a respeito do tema, que permite uma melhor compreensão das articulações entre os movimentos nativistas e os grupos de resistência. O segundo é o de buscar os conceitos desses autores. Isto é, montar um conceito de nativismo que abranja o período proposto de análise – até a lei de imigração de 1924.

Desta forma, a concepção de Higham que o nativismo é uma reação – baseada na não americanidade de um grupo – é crucial para a compreensão dos argumentos utilizados por nativistas, principalmente após a Guerra de Secessão (1861-1865), para pedir a exclusão de determinados grupos.

A importância da religião apontada por Bennett permite uma percepção que a diferença nem sempre está na etnicidade de um grupo. Bennett permite compreender porque alguns germânicos eram bem recebidos, considerados assimiláveis pelos primeiros nativos americanos, enquanto outros germânicos eram considerados completamente inassimiláveis. Outra categoria a ser compreendida é o Excepcionalismo, tudo que ele representa para a formação do imaginário americano e para definição da própria americanidade.

A percepção de Daniels que o nativismo norte-americano existe antes mesmo que os Estados Unidos se formassem como um país ajuda a compreender as origens do nativismo religioso.

Doravante, será compreendido como nativismo para a proposta desse trabalho: A oposição de grupos, organizações, partidos, e da própria população, não apenas aos imigrantes, mas a todos aqueles que não se encaixaram no projeto de americanidade determinada pelo *establishment* ⁴⁰.

Essa não americanidade será percebida por questões de cunho racial, étnico e religioso. Os grupos indignos a viver na Cidade na Colina deveriam ser mantidos afastados para não estragá-la com suas práticas nocivas.

Ao invés de tratar o nativismo como um fenômeno único. A proposta do trabalho é depurá-lo em três correntes nativistas mais notórias entre os séculos XIX e XX. O nativismo: Religioso, Ressentido e Científico.

Pode-se traçar o religioso desde o período colonial. Ele parte da concepção que algumas religiões são anti-americanas ou que seus seguidores seriam incapazes de conciliar os dogmas de sua religião com o governo republicano. O nativismo religioso é o mais perene entre os que serão analisados. Durante o século XIX e começo do século XX, os católicos foram os alvos prediletos dos grupos que desejavam a restrição da imigração por motivos

⁴⁰ A manutenção do termo em português foi pela incapacidade da tradutora de encontrar uma palavra em língua portuguesa que equivalesse ao significado de *establishment* : a group in a society exercising power and influence over matters of policy or taste, and seen as resisting change.

religiosos. Mas isso não excluiu a perseguição a outros grupos. Os católicos foram simplesmente a representação do nativismo religioso.

O ressentido geralmente é acompanhado por crises econômicas. É o sentimento que pessoas menos qualificadas, que aceitam trabalhar por quantias menores estariam roubando os empregos de americanos ou diminuindo a qualidade de vida dos americanos por aceitarem trabalhar por preços tão baixos. É resultado do “ódio e inveja suprimidos (inveja existencial) e a impossibilidade de satisfazer esses sentimentos” (GREENFELD, p.25)

O último a ser analisando será o de cunho científico.

Inspirados pelas ideias de Darwin (1809 -1882) e Mendel (1822-1884), esse tipo de nativismo obteve seu apoio em comunidades científicas da época, a hierarquização racial foi feita com anglo-saxões e no topo e africanos na base. O pensamento da época foi muito influenciado pelas ideias eugênicas. O fim do século XIX e início do século XX foram marcados pelo aumento do pensamento eugênico estudado nas principais universidades do país. O temor do suicídio racial proposto por Charles B. Davenport foi explorado por políticos e grupos que se opunham a entrada de imigrantes, em uma tentativa de “salvar” a raça anglo-saxã das novas “raças” que entravam no país em grande número, o governo sob a presidência de Theodore Roosevelt realizou uma campanha para que as mulheres norte americanas tivessem mais filhos. Eugenistas não buscavam apenas evitar o suicídio racial, mas um melhoramento da raça em si. No século XX o nativismo deixou de ser apenas um sentimento e se tornou um instrumento para salvar a “raça americana”.

Heuristicamente, a definição de nativismo utilizada neste trabalho é cunhada pela observação dos conceitos criados anteriormente e pela observação das estruturas americanas ao longo do período estudado.

Desta forma, será compreendido como nativismo: a hostilização de um grupo por acreditar que esse seria incapaz de incorporar os valores pré-definidos de americanidade. Independentemente se o grupo pode ou não se naturalizar ou se já por lei é uma americano. Os grupos nativistas fizeram questão de demonstrar que a não americanidade não se reduz a não ter nascido nos Estados Unidos. E sim, de não compactuar com “Credo Americano”. Deste modo, o nativismo seria um sentimento que aplicável aos próprios cidadãos americanos. O que separaria o conceito de nativismo do de xenofobia.

Capítulo 2 Os três nativismos.

Certa vez pensei em escrever uma história sobre os imigrantes na América. Então descobri que os imigrantes eram a própria história norte-americana.

Oscar Handlin

Em fevereiro de 1855, a cidade de Nova York enterrou William Poole – Bill Butcher Poole. Um ex-açougueiro, lutador amador de boxe e investidor. Sua morte arrastou 155 carruagens e aproximadamente 6000 pessoas para as ruas⁴¹.

Elliot Gorn no artigo *Good-Bye Boys, I Die a True American": Homicide, Nativism, and Working-Class Culture in Antebellum New York City* (1987), afirma que a morte de Poole funcionou como um catalizador de feridas não cicatrizadas, que tornou possível o reaparecimento de antigas discórdias e ódios raciais. A morte de Bill Poole pode ser percebida não apenas como mais um assassinato na Nova York do século XIX, mas dentro de um processo de tensões étnicas e sociais que se acumulavam ao longo dos anos como afirma Gorn.

Um marco nas novas rupturas de classe e gêneros que aumentaram consideravelmente durante a metade do século. A questão ocorrida em Nova York é uma oportunidade de observar o nativismo popular, da cultura trabalhadora e da vida nas ruas (GORN, 1987 p.393).

O crime cometido assim como a trajetória de vida de Poole foram exaustivamente relatados na mídia, e as suas últimas palavras causaram forte impressão na opinião pública: “Adeus rapazes, eu morro como um verdadeiro americano” (Gorn, 1987 p.393). Essas últimas palavras tornaram Poole em um mártir da causa dos “verdadeiros americanos” contra a ameaça de imigrantes que a cada dia entravam em números cada vez maiores no país. Sua vida virou peça de teatro e suas últimas palavras entoadas por diversos teatros de Nova York.

Os motivos para a morte de um ex-criminoso ter recebido tamanho impacto na sociedade americana está diretamente ligados às transformações ocorridas na sociedade e principalmente nas cidades de maior porte. O aumento populacional tanto por motivos naturais quanto pelo aumento da imigração levaram ao inchaço das cidades, condições

⁴¹ Fonte *The New York Times* 12/03/1855 disponível para leitura em < <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=9A00E3D6133DE034BC4A52DFB566838E649FDE>>

precárias de alojamento proliferavam surtos de doenças como tifo, sarampo, cólera. No caso específico de Nova York, por ser um dos principais portos de entrada no século XIX, muitos imigrantes passavam pelo menos um curto período de tempo no local.

As condições precárias de vida da primeira metade do século XIX não descriminavam nativos ou imigrantes, ambos sofriam com mesma intensidade com as crises econômicas e a falta de infraestrutura nas grandes cidades. Mas durante períodos de crise, quando o desemprego aumentava e os salários diminuía, os imigrantes eram percebidos como a causa das mazelas que infligiam o país. O cenário de crise econômica, desemprego, insegurança que afetou o país com a depressão da década de 50 são componentes que explicam a organização do movimento nativista em Nova York. Principalmente porque grupos como *The Order of Star Spangled Banner*, fundada em 1853, “oferecia aos seus membros um senso de solidariedade com sua restrição a americanos, encontros, sinais, e rituais secretos” (GORN,1957 p.394).

É sob essa perspectiva que a morte de Bill Poole se difere de tantas outras centenas de mortes que ocorriam diariamente em Nova York. Durante anos Poole enfrentou irlandeses em lutas de boxe, esporte que para muitos americanos representava os valores de jogo justo e oportunidades iguais. Poole foi esfaqueado durante uma briga de bar contra dois irlandeses. E no mesmo instante se tornou um simulacro para tudo que o trabalhador americano sentia em relação aos estrangeiros no período de 1855.

A sensação de parte dos trabalhadores americanos é que haviam aberto seu país para competição de imigrantes e esperavam uma competição justa, mas em vez disso foram “apunhalados” quando esses imigrantes aceitavam trabalhar por preços e condições que eram tidas como injustas para os “verdadeiros americanos”.

Quando o *American Party* surgiu com a proposta de salvar os Estados Unidos dos católicos, não foi nesse momento que o nativismo foi inventado. Em sua primeira concepção ele não era sinônimo de racismo. E sim, de um nacionalismo ingênuo que buscava encontrar um lugar ideal – excepcionalismo – que só os mais dignos pudessem participar.

Os diferentes eram uma ameaça a esse plano, por isso, não deveria ser permitido. As ideias racistas se encontrariam misturariam ao nativismo a partir do século XIX, além de um risco sua inferioridade poderia acabar com o projeto de “grande nação”. Eles seriam incapazes de lidar com o fardo que o americano deveria carregar.

Embora a primeira metade do século XIX tenha visto um crescente desejo de se não restringir, diminuir a entrada de alguns imigrantes a imigração ainda era visto como uma instituição norte-americana (HIGHAM, 2002, p. 30). Essa visão institucional contrastava com “metáforas de traição, contaminação, invasão que estavam longe de ser completamente irracionais” (GORN, 1987 p.397). As alegações de uma invasão católica eram baseadas nas experiências dos moradores das grandes cidades que viam tanto seu poder político quanto econômico diminuir com o passar do tempo principalmente se comparados com os irlandeses.

Através de organização e disciplina os irlandeses adquiriram uma significativa influência política. Em 1855 eles constituíam 1/3 do eleitorado, e Fernando Wood (1812-1881) chegou à prefeitura de Nova York por causa do voto irlandês. Na metade da década de 1850 imigrantes irlandeses representavam metade de todos os votantes naturalizados de Nova York. (GORN, 1987 p.397).

É dentro de um contexto de ansiedade econômica, transformações políticas e sociais que o nativismo religioso ganha força no período *antebellum*. Embora o período imediatamente que seguiu a guerra seja acompanhando de uma queda no nativismo, o mesmo sentimento que invadiu os trabalhadores de Nova York após o assassinato de Bill Poole se repetiria vinte anos mais tarde durante a depressão da década de 1870. A religião ainda seria um fator de hostilidade entre nativos e imigrantes, mas o ressentimento ganharia preponderância entre questões religiosas. O ressentimento somado as noções de hierarquia racial ajudaria a formar o nativismo norte-americano em uma poderosa força política capaz de criar um mecanismo de exclusão de alguns imigrantes.

2.1 O Nativismo Religioso.

Dos tipos de nativismos instituídos pelos norte-americanos e que serão analisados por este trabalho, o religioso é o mais perene. O perdurável tempo de existência do nativismo religioso dá a ele mais um aspecto: o da mutabilidade. Embora tenha como base o antagonismo em relação a um grupo por critérios religiosos, ao longo da formação dos Estados Unidos como nação os motivos e os grupos que foram considerados como ameaçadores variaram ao longo do tempo. Colman J. Barry em seu artigo *Some Roots of American Nativism (1957)* comenta a respeito do nativismo:

Primeiro o anticatolicismo do período colonial se baseava na tradição protestante e do histórico medo dos impérios Espanhol e Francês, e no período nacional (1776-1840), um complexo ressentimento religioso, social e econômico contra os imigrantes. O segundo, um medo de radicais que começa por volta dos anos de 1790's; terceiro, uma doutrina positiva anglo-saxã ou uma superioridade anglo-americana que se estendeu por toda nossa história e implicou a inferioridade de outras pessoas (BARRY, 1957, pp. 138-139)

Embora seja o movimento nativista com maior tradição no país, o nativismo religioso falhou em produzir medidas restritivas efetivas. Mas no que o movimento falhou no mérito legislativo ele foi efetivo em produzir conceitos sobre o que e quem era realmente americano. A religião protestante era considerada a religião dos fundadores. A religião do americano. Por assim, na mentalidade nativista aqueles que não a professassem não poderiam se americanizar por completo. A religião é uma lembrança constante que tal grupo não pertence ou não se entregou por inteiro aos valores que são entendidos como traços da americanidade.

Entre os movimentos nativistas de cunho religioso o anticatolicismo foi o mais longo entre eles. É essa permanência do sentimento anticatólico que fez com que os estudos centrados no nativismo religioso dos Estados Unidos tratasse os dois como sinônimos como afirmar Barry:

Os estudos mais recentes a respeito do nativismo estão corretos em não igualá-lo com o anticatolicismo, como foi feito com muita frequência em estudos anteriores. O motivo está no fato que o anticatolicismo possui as evidências mais óbvias, consistentes e dramáticas do fenômeno (BARRY, 1957, p.140)^{xxxiv}.

Reduzir o nativismo religioso ao anticatolicismo é um equívoco uma vez que diversos grupos religiosos sofreram com desconfiança e perseguição durante o século XIX. Mórmons foram perseguidos e seus perseguidores buscavam sua total “aniquilação” durante a década de 1830 (CORRIGAN, 2010, p.100). Outros grupos cristãos como as testemunhas de Jeová, a Igreja de Cristo fundada por Alexander Campbell, cientistas cristãos também foram importunados por não se enquadrarem no modelo de cristianismo compreendido como o

correto. A perseguição não se restringiu aos agrupamentos cristãos, o movimento espiritualista⁴² que ganhou força a partir da década de 1850 do século XIX, a despeito de ser percebido com interesse pela elite, o jornal *New York Tribune* apoiava o movimento que se expandia pela costa leste (DEL PRIORE, 2014). Mesmo com a crescente popularidade entre as classes mais abastadas o espiritismo não era visto como algo compatível com a cristandade, práticas espiritualistas eram denunciadas nos púlpitos.

O crescente fluxo migratório para os Estados Unidos nos anos que seguiram a Guerra trouxe além de mão de obra, novos credos ou formas diferentes de se relacionar com a religião cristã. Essa constante renovação de imigrantes vindos de diferentes lugares e trazendo consigo novas concepções religiosas, pode explicar as causas que levam o nativismo religioso ser o mais perene entre os analisados. À medida que sinagogas, catedrais, mesquitas passaram a ser parte da arquitetura das grandes e médias cidades, elas se tornaram mais do que um local de prática religiosa, e sim, uma lembrança constante para alguns americanos de que a religião na qual seu país foi fundado estava ameaçada. Alguns protestantes acreditavam que as profecias a respeito da Cidade Sobre a Colina não se concretizaram por causa da tolerância dos políticos norte-americanos em relação à entrada de pessoas de distintas religiões.

Assim como o anticatolicismo, o antissemitismo também é um sentimento recorrente nos Estados Unidos desde sua formação. Enquanto o sentimento contra outras correntes cristãs remetia aos desdobramentos das querelas religiosas posteriores o século XVI. A visão de que os judeus eram uma etnia perigosa e responsável pela morte de Jesus Cristo permeava o imaginário europeu desde o período medieval. A desconfiança em relação aos era compartilhada por católicos, protestantes, ou outras denominações cristãs.

Essa narrativa que remete a americanidade a um tipo específico de protestantismo foi responsável pela exclusão de judeus de universidades, pelos orientais serem visto como um povo bárbaro que acredita em Deuses e superstições que as civilizações avançadas já superaram. Os católicos vistos como incapazes de compreender a democracia depois foram responsabilizados pela criação do crime organizado e de máfias que tomaram. Enquanto muitos cristãos ortodoxos e católicos também eram vistos como simpatizantes de ideias radicais.

⁴² Durante o período da Guerra Civil o espiritismo cresceu nos Estados Unidos. Entre as pessoas famosas a consultarem com entes falecidos estava a primeira dama Mary Todd Lincoln que passou a participar de sessões após o falecimento de seu filho William Wallace Lincoln em 1862 (BURNS, Ken, 1990, episódio 2)

Pelo constante número de imigrantes que os Estados Unidos recebeu ao longo de sua história, a religião foi uma forma de separar o *eles* de *nos*.

2.1.1 O anticatolicismo

A concepção de Crèvecoeur de que o americano seria um novo homem, e “não um europeu ou seu descendente, mas sim uma mistura de sangue... Um americano. Que deixa pra traz todos seus preconceitos e hábitos, adota um novo modo de vida”^{xxxv} (CREVECOUEUR, 1926, p.49) talvez seja uma das concepções mais erradas sobre o *American Creed*. “Os imigrantes que chegavam da Europa não eram o material cru que os americanos esperavam que ele fosse.” Ravage (1917 p.60). Cada europeu que veio trouxe consigo um traço da cultura de sua pátria mãe; seja em hábitos, na culinária ou modos de vestir, etc. Ademais, preconceitos e rixas regionais, nacionais, e religiosas também acompanharam os imigrantes. Ainda que a maioria da população migrante seja cristã e de alguma denominação protestante⁴³, isso não significou nem a inexistência de outras crenças no local que serviria como exemplo do verdadeiro cristianismo.

Islamismo veio junto com alguns escravos. Judaísmo chegou junto com Holandeses fugidos do Recife. Religiões politeístas ligadas aos elementos naturais e culto de antepassados já estavam presentes quando os primeiros puritanos chegaram. Politeísmo e culto à natureza também acompanhou os que foram para América contra sua vontade. Somado a isso ainda havia os católicos.

O Pluralismo religioso ser mostrou presente na colônia entre os próprios protestantes. Todavia, não significou que as diferenças foram respeitadas. quakers, anglicanos⁴⁴, mórmons também eram considerados um risco a missão puritana “de moldar a novo mundo de acordo com seu modelo de cristandade e caridade, e moldar a sociedade de acordo com algo que se enquadre a compreensão de Winthrop⁴⁵”.

⁴³ Para fins desse estudo nos permitiremos uma generalização e chamaremos de protestante todas as religiões originadas da ruptura que Lutero fez com a igreja católica em 1517.

⁴⁴ Depois da Independência a igreja ficou conhecida como Igreja Episcopal Americana

⁴⁵ John Winthrop (1588-1649) foi um dos líderes dos puritanos nos Estados Unidos, fundador da colônia de Plymouth. Winthrop acreditava que a fuga dos puritanos e os perigos que eles enfrentariam no novo mundo eram semelhantes aos enfrentados durante o Exôdos. Mas que com a manutenção da fé os puritanos construiriam uma Cidade na Colina que serviria como farol para toda humanidade. Essas concepções de John Winthrop são as bases do que seria conhecido como o excepcionalismo americano.

Apesar da pluralidade e rivalidade religiosa, nenhum outro credo promoveu tanto temor, e suspeita, e alimentou o estilo paranoico, durante o período colonial⁴⁶ quantos os católicos.

Compreender a importância da religiosidade para os colonos ajuda identificar padrões comportamentais presentes durante a história dos Estados Unidos, uma vez que, as querelas religiosas que dominaram a Europa durante os séculos XVI e XVII e XVIII foram em parte transferidas para a América. A cristandade foi um ator significativo na formação da «identidade norte-americana». Ademais, um tipo específico de cristianismo seria reconhecido pelo movimento nativista como marca da verdadeira americanidade.

O cisma religioso dos Estados Unidos é uma das heranças que os imigrantes ingleses trouxeram de seu país. O imaginário a respeito dos católicos estava intrinsecamente vinculado ao funcionamento hierárquico de sua igreja. Além dos laços que a respectiva instituição possuía com as monarquias absolutistas europeias. A partir da visão dos protestantes, católicos e suas instituições não eram confiáveis, eram supersticiosos, idolatras, repudiavam os princípios republicanos, as garantias e liberdades civis e individuais.

Outro ponto a respeito da relação dos colonos e católicos consiste no fato da experiência e presença católica no território ser bastante diversa (OXX, 2013, ps.20). Hispânicos detinham posse da parte oeste do território e os franceses controlavam o rio Mississippi e o Meio Oeste. A presença católica na fronteira das colônias inglesas tornavam os católicos, não apenas uma ameaça à fé, assim como, a própria existência da colônia britânica. Bennett explica que:

Em uma terra onde as guerras com a França e a Espanha criavam novos rumores de uma conspiração católica e imagens de exércitos fantasmas católicos se mobilizando no Canadá e na Flórida, não era difícil de ver os papistas como um agente inimigo (BENNETT, 1998,p.20)^{xxxvi}

Os americanos vivem entre período de desconfiança e paz armada com seus vizinhos. A ameaça católica às colônias se refletiu não apenas em experiência dos colonos com combate, mas também em um forte sentimento contrário a Roma. Esse discurso anticatólico pode ser percebido no sermão de Samuel Davies⁴⁷ de 1755:

⁴⁶ Grande parte do sentimento contra a católicos se manteria durante o período pós-colonial, o que diferenciaria a perseguição pré e pós colonial. É a liberdade de credo garantida pela constituição.

⁴⁷ Samuel Davies (1723-1761) foi um pastor presbiteriano e reitor da universidade de Princeton. Sua percepção a respeito da Guerra Franco-Indígena (1754-1763) é que acima de tudo, era uma guerra religiosa.

... Para salvar sua religião, a religião verdadeira de Jesus, incorruptível pelas fontes sagradas das escrituras; a mais racional, excelente, e divina religião que já se fez conhecida pelos filhos do homem; para resguardar essa preciosa religião (meu coração se aquece enquanto eu menciono isso) contra a ignorância, superstição, idolatria e tirania acima da consciência. Massacre, fogo e espada e toda perversidade além do que pode ser expresso. Com o qual o papado está repleto – para manter longe dos cruéis bárbaros e papistas suas esposas, crianças, pais e amigos – para assegurar a liberdade concedida a você pelos seus bravos pais fundadores, que conseguiram adquiri-las com seu próprio sangue^{48 xxxvii}.

A oposição que os britânicos possuíam em relação aos católicos tem, em grande parte, relação com instabilidade religiosa herdada de Henrique VIII (1491-1547). No primeiro centenário após o rompimento com Roma e a criação da Igreja Anglicana as divergências religiosas na Grã Bretanha não haviam parado. Em grande parte, porque os próprios herdeiros de Henrique VIII não chegaram a uma conclusão sobre a dimensão da reforma adotada na Inglaterra. Da reforma até a Revolução Gloriosa (1688-1689), os monarcas ingleses flertaram entre a aproximação com Roma e um Calvinismo radical. Durante essas mudanças tantos protestantes quanto católicos foram mortos dependendo de quem estivesse no poder. Instabilidade sucessória; falta de herdeiros da dinastia Tudor, a ascensão da dinastia Stuart, guerra civil (1642-1646) que levou a decapitação do rei Charles I⁴⁹ (1600-1649), governo ditatorial sob o domínio de Oliver Cromwell⁵⁰ que gerou uma segunda guerra civil entre (1649-1651). A consolidação da Revolução Gloriosa em 1688⁵¹. São exemplos da situação babélica em que a Inglaterra se encontrava politicamente.

Cada um desses eventos da história da Inglaterra serviu como fatores de atração dos imigrantes que estavam na colônia, ou de repulsão dos habitantes da Inglaterra dependendo de quem estava no poder. Além da instabilidade política, uma série de acontecimentos ajudaria ressaltar a desconfiança dos ingleses em relação aos católicos.

O *Gunpowder plot* (1605) orquestrado por Guy Fawkes (1570- 1606) tentou explodir o parlamento, o rei e o conselho interno em uma tentativa de avançar a causa católica. Em 1640 Andreas ab Harbernfeld relatou um falso plano do papa para apoiar a volta do catolicismo da Inglaterra (BENNETT, 1988, p.18). O massacre irlandês em 1641 quando um grupo de católicos tentou dar um golpe de Estado e tomar o controle do governo que estava nas mãos dos Ingleses. Apesar do breve sucesso a rebelião foi logo suprimida, e mais de 4 mil católicos

⁴⁸ Fonte: <http://www.constitution.org/primarysources/davies.html>

⁴⁹ Charles I tinha como meta afastar o reforma anglicana do calvinismo, o que fez com que muitos protestantes migrassem durante esse período.

⁵⁰ Durante o período em que Oliver Cromwell há uma emigração de ingleses dos Estados Unidos pela situação favorável aos protestantes.

⁵¹ Obriga que todos os regentes ingleses sejam da religião ou convertidos à religião anglicana.

perderam a vida e alguns milhares foram expulsos durante a guerra civil (OHLMEYER, Jane; KENYON, John, 1998. p. 278). O incêndio de Londres ocorrido em 1666 também foi atribuído aos católicos (BENNETT, 1988, p.18). Ao longo do século XVII católicos foram acusados de cometer uma série de atentados para desestabilizar o governo inglês e acabar com a Reforma.

Pelo repertório de conspirações creditadas a esse grupo religioso, não foi difícil para os ingleses acreditarem que em 1649 o papa fosse o responsável por mais um plano de assassinato do rei Charles II, e que 100 jesuítas estavam encarregados de realizar o trabalho⁵². Durante o período de 3 anos Titus Oates (1649-1705) inflamou a população inglesa contra os católicos. Todos esses elementos aumentaram o ódio e desconfiança que os protestantes já sentiam. A visão sobre os católicos na Inglaterra que reverberaria na colônia era:

Ser católico era ser cúmplice de organização sinistra e conspiratória que havia declarado guerra santa aos protestantes da Inglaterra. A vitória sobre a armada espanhola em 1588 foi visto como um sinal de que Deus estava do lado da reforma, mas o anticristo ainda era uma extraordinária ameaça (BENNETT, 1998, p.18).

John Locke (1662-1704) também possuía seus receios em relação aos praticantes dessa religião, em sua percepção “católicos eram integrantes perigosos do território e que prejudicariam qualquer tipo de governo” (BENNETT, 1998, p.19).

As ideias conspiratórias em relação aos católicos não ficaram restrita à Inglaterra. Após a proclamação da independência uma série de boatos passou a circular pelos Estados Unidos. Muitos desconfiando de que os católicos ali presentes não aceitariam a república tão passivamente que as monarquias europeias já tramavam uma forma de acabar com a democracia e liberdade do país. Esse tipo de conspiração que Hofstadter considera um traço do estilo paranoico norte-americano:

A casa de Habsburgo seria instalada como imperador dos Estados Unidos. Os Católicos agiriam com suas mentes e financiados por toda Europa despótica. Ignorantes, precariamente educados imigrantes incapazes de compreender as instituições dos Estados Unidos, suplementariam os esforços dos astutos agentes jesuítas. O perigo era iminente e deve ser encarado de uma vez. (BILLINGTON *apud* HOFSTADTER, 1967, p.20)^{xxxviii}.

Esses eventos deixaram marcados na mente de muitos dos que partiram para a América que os católicos eram um grupo de conspiradores, e os que imigravam para a

⁵² Esse episódio ficou conhecido na historiografia inglesa como tramas papais, e levou não só a morte de padres jesuítas, como de nobres católicos acusados de apoiarem a causa do papa.

América o faziam com o propósito de destruir o paraíso protestante que seria construído no novo mundo.

Pode-se ter uma noção da dicotomia entre protestantes e não protestantes pela noção de Schmitt. “Não é meu inimigo, é *nosso* inimigo; desta forma, inimigo se torna um conceito político” (SCHMITT, 1996, p.xvi). Mais um argumento utilizado dentro do nativismo religioso, principalmente em relação aos católicos. Está no imaginário de que eles não aceitariam as leis do país se elas fossem contrárias as leis do papa. Assim, seria impossível para católicos serem leis a América e ao papa ao mesmo tempo (BENNETT, 1988, p.2).

Apesar de não haver uma proibição da entrada de católicos nas colônias, muitas delas passaram leis proibindo a celebração de missas, ou que permitisse que católicos assumissem cargos públicos. No universo onde os protestantes fugiram da Europa a procura de um lugar onde poderiam exercer uma a religião sem os vícios e os todos os tipos de males que atacavam a igreja católica. A presença deles era uma ameaça a todo projeto de “cidade sobre a colina”. Em relação aos católicos as colônias tiveram uma relação relativamente parecida.

No século XVII missas não podiam ser celebradas em nenhum lugar, exceto na relativamente tolerante Pensilvânia, lar do experimento Quaker. Na colônia de Bay, havia poucos católicos para serem banidos, mas padres ou jesuítas que retornassem o fariam sob chance de execução (BENNETT, 1988, p.19)

Algumas colônias permitiram liberdade de culto a todos com exceção de católicos. Em outras havia proibição dos mesmos assumirem cargos públicos. Os católicos na maioria das colônias inglesas eram considerados um perigo a qualquer governo civil e com esse argumento proibiram qualquer tipo de participação política. Somada as proibições políticas, questões civis também afetavam os católicos. Um caso em específico, a chamada “noite do papa”. “Festivais representando o Demônio no grupo dos católicos, jogos perto de fogueiras como quebrem o pescoço do papa”^{xxxix} (BENNETT, 1988 p.20, BILLINGTON, 1964, pp 5-9).

Entre os anos de 1740 a 1760 tanto a Inglaterra e os Estados Unidos presenciaram a formação de um fervor religioso que se manifestou em todas as correntes protestantes.

A dissonância entre o protestantismo americano, manifestada primeiramente no puritanismo e no congregacionalismo, reapareceu posteriormente nos Batistas, Metodistas, pietistas, fundamentalistas, evangélicos, pentecostais e outros tipos de protestantismos. Esses movimentos se diferenciavam em vários pontos. Entretanto, eles estavam comprometidos a uma ênfase na relação do indivíduo com Deus a supremacia da bíblia como a única fonte da palavra de Deus, salvação através da fé e

para muitos a experiência transformadora de ter «nascido de novo» (HUNTINGTON,2005,p.65)^{xl}.

Esse movimento ficou conhecido como O grande despertar (*The Great Awakening*). Entre suas as premissas além da abordagem diferente da religião com o praticante, permitindo que cada escolhesse a forma como deveria professar a própria fé. O grande despertar levou muitos a conclusão que se eles não precisavam do Rei da Inglaterra como líder religioso, eles também não precisavam dele como líder político. Apesar da forte influencia nos protestantismo norte-americano, o grande despertar foi um movimento conservador, que não foi o responsável pela transformação dos colonos em americanos. Nem ascendeu a fagulha do movimento de independência (OXX, 2013, ps, 394). E destaca outro responsável pelas ideias de separação.

O período conhecido como o “Iluminismo” também obteve um nítido efeito nas relações entre igreja e Estado durante o período colonial. Embora não tenha resultado em fervor religioso, ele resultou em nacionalismo. Muitos pensadores proeminentes foram influenciados pelos deístas europeus e aplicaram suas ideias à situação das colônias. (Oxx, os 399, 2013)^{xli}

Apesar da hostilidade em relação aos católicos, quando esses lutaram a favor da independência as diferenças foram colocadas para traz em pro de vencer a guerra contra a Inglaterra. A lealdade durante período de guerra seria o termômetro para a americanidade.

A vinda da revolução diminuiu parte das hostilidades. Se uma das funções da atividade anticatólica na era colonial era unir pessoas diferentes em uma terra solitária, e criar um senso de comunidade para aqueles em busca de uma nova identidade nacional. O conflito com a pátria mãe de repente tornou tudo isso irrelevante e contra produtivo. A revolução foi um grande unificador para **os verdadeiros americanos**⁵³ (BENNETT, 1988, pp 20-21)^{xlii}.

O desaparecimento do sentimento anticatólico durante o período de guerra tem mais uma razão além da participação dos católicos na revolução. Zinn (2003, p.85) explica que apesar dos discursos contra as medidas tomadas pelo rei terem inflamado a população contra a Inglaterra, nem todos estavam dispostos a pegar em armas e começar uma guerra. “John Adams estimou que um terço da população era contra, um terço a favor, e um terço neutra” (ZINN,2003,p.85).

Os separatistas precisavam de todos os homens com que eles podiam contar. Diante de uma guerra com a Inglaterra, intolerâncias regionais pareciam uma questão pequena. O sangue dos católicos foi derramado da mesma forma que dos protestantes, demonstrando que

⁵³ Grifo nosso.

os dois eram leais a nova nação. E outro ponto a favor da diminuição das disputas religiosas, estava na necessidade de uma aliança ou com os franceses ou com os espanhóis para vencer a guerra contra a Inglaterra. O engajamento cada vez maior da população durante o período de guerra. Principalmente do sul quando o rei George III prometeu liberdade aos escravos que lutassem ao lado da Inglaterra, foi um fator contribuinte para a vitória e a independência das 13 colônias, agora, Estados Unidos.

Ao fim da Guerra de Independência o país foi tomado por um grande sentimento de confiança. A constituição declarou liberdade de culto a todos. E, por um momento, acreditou-se que o país seria realmente o lugar de tolerância religiosa que muitos desejavam. De repente, os 35 mil católicos que viviam nos Estados Unidos – metade deles no estado de Maryland parecia não oferecer perigo aos outros 3 milhões de habitantes.

A independência da Inglaterra também marcou a separação entre o Estado e a (as) Igreja (s). Após a ratificação da constituição pela União, os estados passaram a escrever suas próprias. A separação da igreja foi promovida mais por motivos políticos do que por uma questão de liberdade. “A separação não foi para *permitir* diversidade religiosa, mas preferivelmente, para promover que certas comunidades religiosas recebam suporte do Estado” (OXX, 2013,ps, 434). A intensão estava em que denominações protestantes ganhassem apoio suficiente para que se mantenham fieis a grupos políticos. Mesmo com a separação, alguns estados incluíram algumas clausulas discriminatórias em suas constituições. A Pensilvânia restringiu “a obtenção de cargos públicos apenas a cristãos” (OXX, 2013,ps, 434).

O período entre a declaração da independência (1776) e a Guerra de Secessão (1861-1865). Marca uma mudança gradativa em relação ao tratamento em aos católicos. A participação deles durante a guerra lhes garantiu um voto de confiança. A constituição permitia que a liberdade de credo e a possibilidade de participação política. Porém, essas ações não foram suficientes para mudar a construção do panorama já construído a respeito dos seguidores da religião de Roma. Os americanos até então não estavam convencidos de que católicos seriam bons cidadãos, e ainda desconfiavam de uma possível conspiração vinda do Vaticano com suporte das demais monarquias católicas. Como demonstra o sermão pregado por Jedidiah Morse (1761-1826)⁵⁴ em 1798 em Massachusetts:

⁵⁴ Jedidah Morse foi um importante geografo americano. Considerado por muitos “o pai da geografia norte-americana”. Além de pastor em Charlestown, Massachusetts.,

Meios sistemáticos e secretos foram adotados e seguidos por atividades cuidadosas, por homens ardilosos e malévolos de países estrangeiros, para destruir os fundamentos dessa religião [cristianismo] e derrubar seus altares, e, por conseguinte, privar o mundo de sua influência benigna na sociedade... Esses ímpios conspiradores e filósofos completaram seus propósitos em uma grande porção da Europa, e aumentou seus meios para complementar seus planos em toda cristandade. Magníficas da certeza de seu sucesso, e que não terão oposição (WORCESTER, 1799⁵⁵, 1930 *apud* HOFSTADTER, 1967 p.9)^{xliii}

No último decênio do século XVIII, os americanos descobriram mais uma ameaça ao seu país. Morse estava convencido “Que os Estados Unidos era vítima de uma trama jacobina iniciada pelo iluminismo” (HOFSTADTER, 1967 p.13). Seus sermões foram ouvidos em diversas partes dos Estados Unidos. E causaram impressão em na Nova Inglaterra. O discurso chamado «O Dever dos Americanos na Presente Crise» (*The Duty of Americans in the Present Crisis*) proferido no dia 4 de julho causou forte impressão.

Os pecados desses inimigos de Cristo e dos cristãos estão num grau tão numeroso que zombam daqueles que tentam conta-los. Todos que aceitam a maldade e o ateísmo do Dragão, a crueldade e ganância da besta, e a fraude e o dolo do falso profeta, acumulam e intensificam a lista. Nenhum interesse pessoal ou nacional não foi invadido, nenhum sentimento impiedoso, ou ação contra Deus foi poupada... Devemos nós meus irmãos, nos tornar cúmplices desses pecados? Devemos nós os introduzir em nosso governo, em nossas escolas, ou nossas famílias? Deve nossos filhos se tornarem discípulos de Voltaire, e soldados de Marat; nossas filhas, concubinas dos iluministas? (New Haven, 1798 *apud* HOFSTADTER, p.13)^{xliiv}

Os discursos de Morse não impediram ideias iluministas ou que católicos entrassem nos países. Na verdade, em 1790 os Estados Unidos aprovou uma lei de naturalização extremamente liberal, que dava direito à naturalização a pessoas brancas livres de bom caráter com apenas dois anos de residência no país. Apesar das visões diferentes que os governos seguintes tinham sobre a questão da naturalização ela manteve em seu cerne: somente pessoas brancas livres podiam se naturalizar. O que os governos seguintes discordavam era no tempo necessário para pedir a cidadania. Em 1775 a lei foi estendida para 5 anos, em 1798 o tempo subiu 15 e em 1802 retornou para 5 anos de residência necessários para naturalização.

Os Estados Unidos após sua independência se tornou um lugar de atração para imigrantes. Dois motivos devem ser considerados para a grande onda migratória que seguiria até o começo do século XX. O primeiro ponto é a própria política migratória, que se manteve inalterada por grande parte do século XIX. O segundo é o período de instabilidade interna somada ao crescimento populacional europeu durante o período. Aproximadamente “143 mil entraram no país na década de 1820. Em 1830 esse número passaria para quase 600 mil” (SHARG, 2010 p.24). Entre os novos imigrantes os irlandeses se destacaram.

⁵⁵ A citação de Jedidiah Morse: A sermon Preached at Charlestown, em 29 de novembro de 1798

A Europa durante o período passava por uma mistura de problemas com colheitas, temperaturas extremas, e aumento de preço de produtos. Os efeitos na Irlanda ainda foram mais severos graças a um período de escassez que afligiu o território em 1822. Além disso, questões internas pioraram o cenário político na Irlanda, que levou a camadas mais baixas da população a perder empregos. E a imigração começava parecer uma ideia cada vez mais possível. A falta de empregos, aumento populacional, levou a milhares de imigrantes à atravessar o atlântico e tentar os Estados Unidos.

Os motivos que levaram os irlandeses a imigrarem não são muito diferentes dos que fizeram tantos outros imigrantes largarem seu país de origem. Entretanto, a imigração irlandesa trouxe consigo uma grande quantidade de católicos. “Entre 1840 e 1844 – antes da fome – quase 250 mil católicos moravam nos Estados Unidos” (BENNETT, 1988, p.29).

A presença dos católicos irlandeses não apenas mudou a proporção religiosa como, como reacendeu antigas antipatias. As igrejas católicas construídas nos Estados Unidos seguiam o exemplo das construídas na Europa, grandes, escuras e opulentas. Era um marco na cidade, deixava bem claro que naquele lugar havia uma congregação de católicos.

Os católicos romanos se beneficiavam ocasionalmente da assistência de monarcas como o rei Ludwig da Bavária. Ou de doações de organizações missionárias como A *Austrian Leopoldine Verin* e a Sociedade Francesa para Propagação da fé, ou quase todas elas (HANDLIN, 1973 p.127)

A ajuda que os católicos americanos recebiam de organizações missionárias internacionais para construção de suas igrejas, conventos, mosteiros etc. Aumentou a desconfiança que alguns setores da sociedade americana⁵⁶. “Em 14 anos católicos ergueram 22 igrejas, um jornal, seminários e uma universidade” (BENNETT, 1988, p.30).

Irlandeses católicos não eram percebidos como «americanizáveis», eles não correspondiam a visão que os americanos criaram de si mesmos. Mas durante o período de expansão industrial, principalmente no norte, sua força de trabalho era bem vinda. Sharg (2010 p.25) explica o sentimento contraditório em relação aos irlandeses durante o *antebellum*.

A despeito de os irlandeses terem sido uma crucial força de trabalho para a expansão das indústrias, as pessoas respeitáveis, que nessa altura faziam questão de se chamar de «Nativos Americanos» percebiam que os irlandeses causavam problemas nas questões habitacionais, policiais e educacionais; eles significavam um aumento nas

⁵⁶ Outras denominações religiosas também aumentaram durante a primeira metade do sec. XIX. Judeus, Quakers ou Batistas também eram considerados estrangeiros. Mas sinagogas e capelas por sua natureza eram mais discretas. Suas práticas e ritos eram mais discretos (HÄNDLING, 1973 p.125)

taxas e representavam um grande fardo para o governo que sustentava os cortiços, além das instituições privadas de caridade... Eles pareciam bêbados, devassos e mergulhados na pobreza (SHANNON, 1963, p.39 *apud* SHARG, 2010 p.25)^{xlv}

Mesmo que sua força de trabalho fosse necessária, os embates entre católicos, e os que se denominavam “nativos americanos” escalou. A concentração dos seguidores de Roma na costa leste ajudou a aumentar a impressão de que esses preparavam uma invasão e não apenas uma imigração. Além disso, os “nativos americanos” queixavam-se que eles viviam em condições análogas a dos animais, não respeitavam o puritanismo, eram péssimos exemplos, “sendo apenas um grupo de bêbados (whisky para os irlandeses e cerveja para os alemães)^{xlvi}” (SHARG, 2010, p26). As tensões entre os grupos aumentaram em 1834 quando um grupo pintados de índios invadiu o convento de *Ursuline* perto de Boston e o incendiou. O motivo alegado, se baseou em que uma garota protestante seria mantida prisioneira no convento. Apesar da indignação dos jornais e de setores da sociedade, ninguém foi responsabilizado pelo crime. Depois do incêndio em *Ursuline* conventos passaram a ser alvos preferenciais dos nativistas, seja em sermões ou em atos. Suas alegações variavam desde os conventos e seminários serem um centro de depravações entre padres e freiras. Ou que as freiras por manterem sua castidade iam contra as leis de Deus, uma vez que elas não tinham filhos.

Dois anos depois do incêndio a *Ursuline* um novo episódio amplificou o sentimento anticatólico na costa leste. O livro *The Awful Disclosures of Maria Monk*. (As terríveis revelações da noviça Maria em tradução livre). Marcou a sociedade americana com relatos de uma noviça a respeito do que ela sofreu dentro de um convento em Montreal. ´

A inocente Maria uma protestante convertida ao catolicismo, foi avisada pela sua Madre Superiora que seu dever: «era obedecer aos padres em todas as circunstâncias. Logo descobri, para minha surpresa e horror que isso significava viver na prática de relações carnavais criminosas com o eles» (MONK, Maria, *The Awful disclosures of Maria Monk*. New York: Howe and Bates, 1836 p.36) Os padres não tinham permissão para casar e sacrificavam seus prazeres carnavais em nome da fé, disseram a ela. Portanto, era o dever das freiras no harém clerical (ela disse que a casa era um grande edifício gótico com portas e passagens secretas, incluindo uma que levava ao seminário dos padres que ficava próximo), se sacrificar por eles. Depois de engravidar de um padre ela fugiu com seu filho e caiu nos braços acolhedores dos protestantes de Nova York (SHARG, 2010, p.27)^{xlvii}.

Apesar do grande sucesso, o livro foi comprovado como falso (SHARG, 2010). Mesmo assim ele cumpriu seu principal objetivo, aumentar a desconfiança dos protestantes das instituições católicas. Esse gênero literário com esse enredo não era novidade. Mas durante as décadas de 30 e 40 do século XIX os “romances de conventos” obtiveram grande popularidade e uma série de livros com essa temática foram produzidos.

Em 1837, a primeira de uma série de crises financeiras se abateu sobre os Estados Unidos, deteriorou ainda mais as relações entre os imigrantes e os já estabelecidos. A perda de empregos, e a diminuição da qualidade de vida fez o sentimento anti-imigrantes aumentar. A percepção de que o país não conseguia gerar emprego para seus residentes e que cada dia mais imigrantes aportavam aumentou a ansiedade em relação aos estrangeiros na década de 1830.

Os embates entre católicos e protestantes aumentaram exponencialmente durante a época de 1840. “Igrejas e casas foram queimadas matando diversas pessoas. Em 4 de Julho de 1840 uma manifestação nativista reuniu entre 5 e 30 mil pessoas” (SHARG, 2010, p.29)^{xlvi}. Apesar de toda violência o número de imigrantes, principalmente de irlandeses, aumentava a cada ano.

Os irlandeses estavam lentamente ganhando a batalha pela cidade contra os protestantes de classe baixa por causa dos seus números. Mas esses números não diminuíram as políticas nativistas do *American Party*, *The American republic Party*, the fracternal Order of the Star Bangled Banner, The Order of United Americans, The Americans Patriot Party, e vários outros grupos, ordens, clubes e publicação que faziam parte do movimento dos *Know-Nothing* (SHARG, 2010 P.29)^{xlix}.

De todos esses pequenos grupos os *Know Nothings* conseguiram expressar melhor o sentimento que muitos tinham em relação aos imigrantes. A ideia de uma sociedade secreta também ajudou a criar um sentimento de união entre os participantes. Somado a isso os membros deveriam fazer o seguinte juramento:

Resistir traiçoeiras políticas da Igreja de Roma, e toda e qualquer influência contra as instituições republicanas, e eleger para cargos de honra, confiança ou lucro, pela escolha do povo ou por apontamento, ninguém além de cidadãos nativos e protestantes (M.W. Clususkey, *The Political Text Book Encyclopedia.Philadelphia: James B. Smith and Co.,1857 p.57 apud SHARG, 2010 p.30*)^l

A popularidade do *American Party* na década de 40 foi grande o suficiente para que nas eleições do começo de 1850 eles egresssem 2 governadores e 43 os 234 assentos no legislativo. Com um forte apelo nas cidades de Boston, Salem, Chicago e Filadélfia. Na Califórnia, o nativismo era popular o suficiente para que fosse eleito em 1855 um governador. Assim que chegaram ao poder, os membros do *American Party* tentaram propor leis com intuito de uma maior regulamentação na imigração, restrição de votos de imigrantes, aumento do tempo de para conseguir a cidadania e restrições à igreja católica.

Apesar das propostas nenhuma lei anti-imigrante foi aprovada nos Estados Unidos durante o período *antebellum*. Os nativistas de Nova York tentaram localmente estabelecer leis que para diminuir o poder do voto dos imigrantes, mas na esfera local nenhuma foi

aprovada. Em 1855 as tensões entre nativistas e irlandeses estava extrema, e os embates entre os gangs eram frequentes.

O partido foi acusado de ser “anti-americano, anti-republicano, com uma perigosa pretensão a poderes despóticos igualado apenas a Inquisição Espanhola” (BENNETT, 1988, p.121).

Mesmo com o sucesso entre uma crescente parcela da população, a maioria dos deputados nativistas possuía pouca ou nenhuma experiência política, sua plataforma estava centrada no ódio por imigrantes como David Bennett (1988) demonstra:

1. Modificação essencial das leis de naturalização para que o imigrante não seja permitido a exercer sua “franquia eleitoral” até que ele tenha adquirido um conhecimento da nossa língua, nossas leis e instituições, após um tempo de residência de, ao menos, 21 anos.
2. Penalidades severas para transferências fraudulentas dos documentos de naturalização, exigindo, ainda, uma descrição tão minuciosa da pessoa que está se naturalizando que essa transferência se torna impossível.
3. Oposição a todas tentativas de estabelecer um exército estrangeiro ou organização política que perpetue preconceitos nacionais antigos; porém encorajamento de tais políticas que tentem absorver a população estrangeira, tanto em sentimento quando em sensações, ao restante dos cidadãos americanos.
4. Leis eficientes para prevenir a deportação de criminosos e indigentes para a nossa terra pelas autoridades estrangeiras; mas uma recepção acolhedora aos perseguidos e oprimidos de toda região.
5. Negação de funções políticas e diplomáticas de alta importância a pessoas estrangeiras.
6. O direito inviolável de adorar Deus de acordo com os ditames da consciência de cada um. Resistência a qualquer hierarquia político-eclesiástica que, através de seus agentes, sejam eles papa, bispo ou padre, atente a violar esse direito ou adquirir poder político. Portanto, repreendemos qualquer tentativa de se apropriar de fundos públicos para estabelecer escolas religiosas, todas as tentativas de excluir a bíblia como livro didático, assim como todas as tentativas de tomar dos fiéis a propriedade da igreja para dar para a paróquia. Repreendemos também, fortemente, as opiniões do Poder Papal. Que “Protestantismo não tem direitos dentro do Catolicismo”, “que liberdade religiosa só poderá ser suportada enquanto o oposto puder ser estabelecido com segurança dentro do mundo católico” e que “os católicos da América são obrigados a cumprir a interpretação da constituição dos Estados Unidos, feita pelo Papa de Roma”.
7. A Bíblia, como fonte de toda liberdade verdadeira e racional, deve se tornar a base de toda educação popular e disponível a todo homem, mulher e criança. Qualquer homem ou homens que tentem, direta ou indiretamente, retirá-la das escolas ou impedir o seu acesso deve ser declarado culpado de crime contra a sociedade e traição contra a liberdade (BENNETT, 1988, p.121).

O sucesso da década de 50 não se repetiu na década de 60, em parte por causa do fracasso dos nativistas como atores políticos, em parte pela dificuldade do partido em se comprometer com a questão da escravidão (BENNETT,1988, p.115). A decisão de 6 de março de 1857 (*Dred Scott*) da suprema corte determinou que o congresso não tinha autoridade para abolir escravidão de nenhum estado uma vez que era uma violação da 5ª emenda da constituição: direito a vida, liberdade e propriedade. David E. Blight (CIVIL War, 2009, min. 13:15), explica que com essa jurisdição a *Missouri Compromise Line* foi violada e o *Kansas-Nebraska Act* nunca foi constitucional. Logo, qualquer tentativa de impedir a expansão da escravidão seria inconstitucional.

No verão do mesmo ano o país seria mais uma vez atingido por crise econômica. Para o partido nativista colocar a culpa nos estrangeiros poderia lhe garantir uma sobrevivência nas eleições de 1860. Mas os ânimos das eleições de 1860 eram bem diferentes dos anos anteriores. A questão da escravidão dividiu e quebrou uma série de partidos. A cisão do partido democrata em 2 (partido democrata do norte e do sul) a decisão do partido republicano reuniu pessoas contra escravidão, defensores do *free soil*, e no verão de 1860 um quarto partido, *Constitution Union Party*, surgiria para lançar mais um candidato. A proposta desse quarto partido era simples: Defesa da União e cumprimento da lei.

A questão da secessão tornou as eleições de 1860 mais pulverizadas a quantidade de candidatos somada a dificuldade de posicionamento de partido e o temor das pessoas em relação a União permitiu a eleição Abraham Lincoln (1809-1865). A eleição do Partido Republicano abertamente contra a escravidão foi o estopim para uma ameaça que já rondava o país desde o período *jacksoniano*. Secessão. E como efeito dominó os estados do sul começaram a se separar.

Entre 1861 e 1865, os americanos estariam ocupados demais guerreando entre si para prestar atenção nos imigrantes. Além disso, a participação de imigrantes dos dois lados, mas a maioria pelo norte, fez com que o nativismo e ameaça dos imigrantes parecesse algo distante.

O nativismo religioso voltaria a ser percebido durante as décadas de 70 e 90 do século XIX, quando italianos católicos começaram a chegar em grande número. A questão da aliança dos católicos não era mais a questão que fazia com que muitos americanos desconfiassem com eles. Mas, a forte participação sindical, as greves, membros anarquistas ou socialistas foram vistos como traço que o pensamento católico permitia atos compreendidos como não americanos.

Embora parcelas de trabalhadores percebessem os católicos como não integrantes da americanidade, e como uma ameaça a mesma. Nas últimas décadas do século XIX os grupos que pediam pela restrição dos católicos percebeu que o momento político para fazer foi perdido. Os papistas representavam uma parcela considerável do voto das grandes cidades e qualquer iniciativa de limitar a entrada ou qualquer direito político era barrado pelos próprios legisladores por saberem do peso político que a perda do voto católico representaria.

A oposição generalizada aos católicos no fim do século XIX e início do século XX foi feita, em sua grande parte, por grupos de trabalhadores que viam esses imigrantes como os responsáveis pelas qualidades inferiores de trabalho e os baixos salários. A K.K.K, grupo de extrema direita criado durante o Pós-Guerra civil, mas muito atuante durante a década de 20 do século XX, foi um dos principais opositores da presença católica nos Estados Unidos do período até o fim da Segunda Guerra Mundial.

Apesar da perseguição sistemática aos católicos ter gradativamente diminuído ao longo do século XX a visão de que eles eram na verdade um grupo que nunca seria 100% americano, uma vez que, sua lealdade estava em Roma e não em Washington permaneceu no imaginário norte-americano. E mesmo com a entrada cada vez maior no cenário político, em toda sua história, os católicos só conseguiram eleger um presidente.

2.1.2 O movimento antissemita nos Estados Unidos.

A experiência dos judeus na América do Norte é antiga, e tão cheia de preconceitos quanto a sofrida por outros grupos de minorias religiosas, que buscavam as colônias inglesas visando um lugar em que pudessem prosperar sem uma perseguição sistemática. Em um primeiro momento, os judeus das Treze Colônias conseguiram um grau de adaptação maior do que o que seus ancestrais conheceram em outros lugares.

A experiência judaica nos Estados Unidos pode ser compreendida em três grandes ondas migratórias. A percepção do judaísmo, o preconceito que eles enfrentaram quando chegaram no país, até culminar em uma tolerância discreta, variou bastante de grupo para grupo.

Os primeiros Judeus a chegarem na América do norte foram os *Sefardi*, por volta de 1654 judeu pertencente a comunidade da península ibérica, esses judeus, em grande parte comerciantes, resolveram se estabelecer em Nova Amsterdã (Nova York)

Apenas quando os judeus apareceram em grandes grupos, como em Nova York (então Nova Amsterdã) em 1654, ou na Georgia em 1773 que a questão a respeito do status dos judeus foi levantada pelas respectivas administrações coloniais (**AMERICAN Exeperience**: *Jewis in American*, 2007, min (0:05 min)

Benjamin Hartogenis em seu artigo *Unequal Religious rights in Maryland Since 1776*, 1917, descreve a situação dos judeus nas colônias inglesas pré-revolucionárias: "Antes 1776 todas as pessoas em Maryland que professavam a fé cristã, exceto quakers, tinham direito à proteção⁵⁷" (HARTOGENIS, 1917 p.2). Assim como nas outras colônias britânicas o status dos colonos judeus era semelhante ao dos aos dos católicos. Esses primeiros judeus, trabalhavam com comercio e por serem um grupo pequeno, enfrentaram pouca oposição.

A primeira sinagoga foi construída em 1730 em Nova York (**AMERICAN Exeperience**, *Jewis in America*, 10:30min) "Para os judeus das colônias américa não era nada parecida com qualquer outro lugar que eles conheceram antes" (**American Exeperience**, *American Jewis*, 2007 12:42). Apesar de não possuírem os mesmos direitos civis que os colonos que professavam a fé protestante, a situação dos judeus nos Estados Unidos era relativamente mais tranquila do que a enfrentada na Europa.

A revolução que culminou na independência do país foi um momento de ruptura na relação dos judeus com o país. A declaração que garantia a igualdade de credo para todos perante a lei foi reiterada por George Washington em uma carta aos judeus de Newport em 18 de Agosto de 1790. Em sua carta Washington afirma:

Todas as posses como liberdade de consciência e imunidades de cidadanias. São agora mais do que palavras de tolerância ditas para um grupo, elas representam o exercício de direitos naturais (Washington , George. *To the Hebrew congregation*)⁵⁸.

A liberdade religiosa foram garantidas a todas as pessoas, as barreiras do período colonial não existiam mais. Mesmo assim, alguns estados encontraram formas para restringir a cidadania judaica (HARTOGENIS, 1917 p.5).

⁵⁷ Maryland ao contrário de outras colônias norte-americanas garantia direito de proteção aos católicos.

⁵⁸ From George Washington to the Hebrew Congregation in Newport, Rhode Island, 18 August 1790 <http://founders.archives.gov/documents/Washington/05-06-02-0135>

O começo do século XIX viu uma nova onda de judeus entrar nos Estados Unidos. O *German*, vindos dos reinos germânicos esse grupo que chegou no país durante sua expansão, e se expandiu junto com o país. Muitos dessas pessoas se tornaram *peddlers*⁵⁹. E acompanharam a expansão do país para o norte. Desses vendedores ambulantes, alguns prosperaram e abriram lojas e apesar do preconceito, prosperaram e muitos fizeram fortunas.

A relação ambígua que os protestantes americanos tinham com os judeus pode ser entendida na forma como os americanos os observavam. A vestimenta era parecida, mas a alimentação era diferente. O velho testamento era o mesmo, mas o dos judeus era lido em hebreu. E o Sabbath deles era no sábado e não nos domingos. Judeus do século XIX possuíam vida muito parecida com a dos americanos. Eles lutaram na Guerra de Secessão, alguns pelo norte e outros pelo sul.

O pós- guerra revelou uma classe de judeus que fez faculdade, que enriqueceu e que acreditava que poderia se igualar as classes mais abastadas. Os americanos deixavam claro em hotéis, restaurantes de que ainda não estavam preparados para aceitar completamente. As décadas de 80 e 90 também acompanhou uma grande onda migratória, italianos, eslavos, e muitos judeus fugidos do pogrom do Czar russo. Esses novos judeus que chegaram contrastavam com os judeus já estabelecidos. Para esses novos imigrantes os trabalhos em fábricas e minas, são esses judeus que participaram dos sindicatos.

A nova onda de imigrantes trouxe também um sentimento de ansiedade em relação ao futuro do país. Entre o fim do século XIX e início do século XX o antissemitismo aumentou no país. O sentimento de 100% americanismo e volta da Klu Klux Klan durante o período da primeira guerra aprofundaram o sentimento antissemita que já existente. A ansiedade em relação a esse grupo aumentou ainda mais por conta de teorias conspiratórias. Uma importante voz do antissemitismo nos Estados Unidos foi Henry Ford (1863-1947), Ford denunciava a presença judaica nos bancos, no cinema, no entretenimento. O empresário chegou a financiar o jornal *The Dearborn Independent* um jornal que durante a década de 20 escreveu vários editoriais antissemitas, embora Henry Ford não tenha escrito nenhum dos editoriais, eles representavam a ideia do empresário sobre o assunto.

Apesar de não terem sofrido uma perseguição tão sistemática como de outros grupos, o nativismo não poupou os judeus. As teorias raciais os colocavam como uma raça inferior

⁵⁹ São pessoas que vendem bens de porta em porta. Geralmente utensílios domésticos.

que tinha como desejo destruir a América. E grupos se esforçaram para que fossem expulsos da América.

2.1.3 A oposição às demais minorias religiosas.

Ainda que

2.2 O Ressentimento.

Embora o ressentimento entre dentro da história das ideias, não nos aprofundaremos na parte teórica dessa área da história, mas sim, usaremos o conceito como uma categoria para explicar o sentimento de diversos americanos em relação aos imigrantes durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX.

O conceito de ressentimento como sinônimo de rancor tem suas raízes nas obras de Nietzsche (*Genealogia da moral*, 1887) e Eugen Dühring (1833-1921, *O valor da vida e o Curso de filosofia*). Para esses filósofos a noção de ressentimento é um sentimento reativo, secundário que é provocado por um agente externo, para Dühring o sentimento de justiça passa pelo ressentimento como explica o Paschoal (2011)

A justiça corresponderia, assim, a um “um sentimento para trás (Rückempfindung)”, designado pelo termo “ressentimento”, do qual derivaria “uma necessidade de retribuição (Vergeltungsbedürfniss)” (Cursus, p. 224), seguida da vingança propriamente dita como uma forma de descarga daquele afeto. Segundo o professor de Berlim, aquele (re)sentimento tem lugar quando um indivíduo é vítima de um “mau maior ” (WL, p. 175), de uma crueldade injustificada e injusta, ou seja, de uma agressão que não teria sido motivada por uma agressão anterior. Tal agressão confere àquele que a sofreu, segundo Dühring, o direito de voltar-se contra o agressor e de descarregar nele o sentimento que inicialmente fora “voltado para trás”. Assim, a justiça, entendida como uma reação (Rückwirkung), como o exercício daquele direito de voltar-se contra o agressor, corresponderia a uma violência legítima (Cursus, p. 212) por parte daquele que sofreu o dano e, do ponto de vista daquele que realizou uma agressão primária, ela corresponderia a uma “colheita” (Cursus, p. 217), pois ele obteria, com ela, apenas as consequências de sua ação. (PASCHOAL A. 2011 pp.153-154)

Dentro dessa perspectiva é possível compreender a onda nativista que se formou nos Estados Unidos após a crise econômica de 1870. Para os trabalhadores norte-americanos e para muitos imigrantes que já estavam no país antes do fechamento da fronteira. A percepção era que esses novos imigrantes tinham como meta roubar seus empregos, logo, lhe causavam uma agressão. As tentativas de leis, os grupos de pressão para barrar a entrada desses novos imigrantes eram apenas uma tentativa de conseguir “justiça” pelo emprego, ou ameaça de perda de seu trabalho para outro. As ações dos grupos de trabalhadores norte-americanos são semelhantes com a visão que Nietzsche possui de justiça.

...Avançando em sua argumentação, Nietzsche afirma que em toda parte onde a justiça é exercida, onde ela é mantida, o que se vê “é um poder mais forte que busca meios para por fim, entre aqueles que em relação a eles são mais fracos (sejam eles grupos, sejam eles indivíduos), ao insensato furor do ressentimento, em parte retirando das mãos da vingança o objeto do ressentimento, em parte colocando no lugar da vingança, por sua vez, a luta contra os inimigos da paz e da ordem, em parte inventando, propondo e em algumas circunstâncias impondo

acordos, em parte elevando à categoria de norma certos equivalentes de danos, com os quais, desde então e de uma vez por todas, o ressentimento é expulso” (GM, II, §11). (PASCHOAL, A. 2011 p.156)

Desta forma, é possível analisar o movimento nativismo, principalmente o nativismo da costa leste, contra italianos, eslavos, judeus. Grupos que possuíam o direito de cidadania, também pela perspectiva do ressentimento. O movimento pode ser também analisado, sob a perspectiva de tentativa de reparação das perdas salariais e de benefícios que ocorreram durante as crises econômicas.

Essa categoria explicativa pode ser aplicada para as ações ocorridas antes da difusão das ideias eugenistas nos Estados Unidos.

2.2.1 O início de uma Era Dourada.

A Guerra Civil (1861-1865) foi um dos principais divisores de água do país desde sua fundação. As transformações que marcaram a nação vão muito além da destruição de cidades, morte de milhares de pessoas, o fim da escravidão e a morte do presidente que assinou a lei que acabava com ela. A guerra também foi responsável por aprofundar antagonismos existentes, principalmente nos estados do sul. Economicamente, o país com uma forte economia no norte, mas que precisava reconstruir o sul, e possuía terras disponíveis no meio-oeste se tornou um o principal interesse migratório do período. A entrada massiva de imigrantes depois da Guerra de Secessão é responsável pela transformação na forma com que o imigrante era percebido pelos norte-americanos. A era dourada marca uma mudança na percepção que antes era restrita aos católicos. O medo de que imigrantes eram na verdade agentes estrangeiros com propósito de derrubar o governo norte-americano não fazia sentido dentro de um contexto onde os próprios americanos se esforçavam para obter esse objetivo.

“A Guerra uniu não apenas protestantes e católicos do norte, como também “nativos” e irlandeses e germânicos” (BENNETT,1988 p.159). A participação massiva de católicos no lado da União foi um fator preponderante para a diminuição do nativismo religioso no período que terminou essa guerra. Apesar de muitos irlandeses não serem obrigados a lutar, um número expressivo se alistou por motivos financeiros⁶⁰. O motivo financeiro não alterou a

⁶⁰ Durante a Guerra Civil era permitido que uma pessoa contratar outra para lutar em seu lugar, ou pagar uma multa de \$300.

percepção de que se esses católicos estavam dispostos a morrerem pela América, eles deveriam ser de confiança. O nativismo religioso tão forte durante o período do *prebellum* passa a ser muito pontual durante o período da reconstrução.

O fim da guerra também representou um período de profundas transformações no aspecto físico do país como afirma Higham:

O fim da guerra também trouxe mudanças importantes para os Estados Unidos, a reconstrução do sul, a expansão para o oeste, a construção de ferrovias para integração nacional geraram transformações não apenas na geografia dos Estados Unidos, mas na própria percepção de qual era o papel do país (HIGHAM, 2002 p.14)⁶¹.

O país entra no que Higham (2002) chama de Era da Confiança. A qual o mesmo define como:

Uma época de grande esperança para a população americana, marcada pela crença de que: uma vez acabada a guerra, todos os obstáculos seriam superados, e os imigrantes seriam assimilados. E, de fato, nos primeiros anos do pós-guerra parecia que isso iria se concretizar⁶¹.

A política estadunidense não foi imune às transformações do período. Não apenas graças a mudanças provocadas pelas três emendas de reconstrução: a 13ª proposta e ratificada em 1865, promovia o fim da escravidão; a 14ª proposta em 1866 e ratificada em 1868 estendia a cidadania norte-americana para descendentes de africanos, além de definir os privilégios e imunidades dos cidadãos estadunidenses. A 15ª impedia a discriminação do direito a voto por motivos de raça, cor ou condição prévia de servidão. A promulgação das leis entre 1865 e 1868 garantiu além do direito de voto garantias fundamentais que antes eram restritas à pessoas brancas pela lei.

O país que até a o início da guerra caminhava lentamente em direção à industrialização ganha um ritmo vigoroso no pós-guerra. A reconstrução do sul, a expansão para o oeste, crescimento populacional criaram novas oportunidades e necessidade para o consumo de bens. Empresários tomariam essas novas oportunidades e transformariam o final do século XIX na época das grandes empresas conglomerados. O crescimento industrial norte-americano durante o período pode ser percebido através da tabela 1.1 do anexo. Zinn (2003 p. 255) sumariza bem a evolução tecnológica ocorrida.

Ente o fim da Guerra Civil e 1900, o vapor e eletricidade substituíram os músculos humanos, ferro substituiu a madeira, e o aço substituiria o ferro (antes do processo Bessemer, o ferro era endurecido em aço em taxa de 3 a 5 toneladas por dia, agora a mesma quantidade pode ser processada em 15 minutos). Maquinas passaram a usar

⁶¹ Idem

ferramentas de aço, óleo* pode lubrificar máquinas e iluminar casas, ruas e fábricas.^{lii}

Cashman em *America in the Gilded Age* (1993 p.10) aponta cinco pontos para o sucesso industrial dos Estados Unidos durante o período: Um suprimento abundante de terras e recursos naturais, sistema de transporte tanto natural quanto feito pelo homem que permitiu um escoamento rápido de materiais e pessoas para os mais longínquos pontos do país, um crescente suprimento de mão de obra resultante tanto do crescimento natural do país quando da imigração, o aparecimento de novas invenções e tecnologias que permitiram que a produção ocorresse rápida e abundante e por último a própria organização industrial.

Paul Johnson (1997 p.524) chama atenção para a importância da expansão da fronteira agrícola para a industrialização do país. Graças a ferrovias, apesar da fronteira agrícola se deslocar cada vez mais em direção do oeste, as fazendas eram capazes de abastecer não apenas as cada vez maiores cidades da costa-leste, como também, começaram a investir no mercado externo.

O crescimento da agricultura alterou a geografia e a demografia do país. Embora o país estivesse se industrializando rapidamente, na segunda metade do século XIX, agricultura concentrava a maior fonte de riqueza e trabalho (JOHNSON 1997, p.525)^{liii}.

Johnson aponta para a importância desses novos territórios para a manutenção de uma falta de conflitos internos. Durante a Era Dourada, a Lei de propriedade rural de 1862⁶² (*Homestead Act*) e a lei Dawes em 1887 ajudaram a caracterizar a sociedade norte-americana. Enquanto a primeira lei garantia o direito de alguns indivíduos a terras, a segunda desapropriava índios das suas para entrega-las a rancheiros. Milhares de acres foram doados ou vendidos a para aqueles quem desejassem cultivar. E que apesar de haver alguns que se aproveitavam de furos na lei para poder acumular terras gratuitas. Johnson assim como Cashman consideram as leis de propriedade rural criadas entre 1862 e 1920 como um projeto de distribuição de terra de extrema importância para o país.

Além da nova fronteira agrícola, outro importante agente transformador durante o período foram as ferrovias. Que em um curto período de tempo aumentaram seu tamanho e passaram a conectar o país de uma costa a outra. A malha ferroviária dos Estados Unidos era de “aproximadamente por 56 mil quilômetros em 1865; em 1870 por 84 mil; em 1880 148 mil; em 1890 262 mil. Em 1900 aproximadamente 309 mil quilômetros” (CASHMAN,1993 p.23).

⁶² lei de 1862 assinada por Abraham Lincoln permita a doação para cidadãos americanos, naturalizados ou aqueles que pudessem e tivessem declarado sua intenção de se tornar cidadãos norte-americanos. Contanto que cultivassem a terra por 5 anos. <<http://www.ourdocuments.gov/doc.php?doc=31&page=transcript>>

O rápido desenvolvimento da malha ferroviária nos Estados Unidos é consequência de uma vontade do próprio governo em interligar as costas, da crescente indústria da costa leste e da fronteira agrícola que se afastava cada vez mais dos grandes centros. As rodovias foram em grande parte responsáveis pela rápida industrialização e desenvolvimento do interior do país, possibilitando que tanto pessoas como matérias primas pudessem se locomover com facilidade.

Ademais, as ferrovias também foram responsáveis por transformações na sociedade como um todo. Os fuso-horários foram estabelecidos para um funcionamento mais eficiente, tecnologias foram criadas para torna-la mais segura e rápida, além de mudanças sociais.

Rodovias como a *Pacific Coast* e a *Central Pacific* seriam em si responsáveis pela mobilização de milhares de pessoas para sua construção. Atração de imigrantes – principalmente chineses na Coast e irlandeses na Central – para o mesmo fim, fundação de pequenas cidades ao longo de suas ferrovias, e do desenvolvimento da costa oeste. Além de serem responsáveis por especulação de terras, as ferrovias foram responsáveis pela depressão da década de 70. Apesar de terem sido vendidas para a população como um negócio extremamente lucrativo, a realidade das ferrovias foi bastante diferente, a maioria das ferrovias construídas não eram capazes de cobrir os grandes lucros necessários para sua realização. Se economicamente elas não eram lucrativas, imageticamente elas marcaram o século XIX, e representaram a força do progresso e a velocidade com que as pessoas e a sociedade passaram a se mover. As estradas de ferro, assim como as grandes cidades entraram no imaginário popular como os mais importantes símbolos do mundo industrial.

As condições do período- oportunidades econômica, estabilidade social, e segurança internacional – não apenas criaram, mas sustentaram e perpetuaram uma série de atitudes tolerantes. Essa tolerância duraria enquanto as oportunidades econômicas vigorassem.

2.2.2. A Era da Imigração.

Intelectualmente, uma possível forma de compreensão dos motivos que levaram tantas pessoas a tentar a sorte em outros países pelas leis de atração, repulsão e meios proposta por Ravenstein (1834-1913) ao fim do século XIX. Pelas observações do Inglês atração é aquilo que torna um país vantajoso para o imigrante, os motivos de atração podem variar desde garantias de liberdade individuais até o prospecto de enriquecimento. Já as leis de repulsão

são os motivos que fazem uma pessoa abandonar seu país geralmente os motivos de repulsão estão ligados de alguma forma com a economia. Enquanto meios ligado a capacidade financeira da pessoa migrar e como ela irá migrar para o local desejado (RAVENSTEIN, 1885, p.167)⁶³. Fatores de atração e repulsão aparecem de ambos os lados, tanto no país de origem quanto nos países de destino. Para os países que se deseja abandonar, os fatores que ajudam na tomada de decisão de partir são chamados de fatores de repulsão (*pull factors*) enquanto os fatores de atração são chamados de (*push factors*). Tanto fatores de atração como de repulsão levam em conta os mesmos fatores, seriam eles fatores sociais, econômicos. Os fatores são os mesmos apesar que em um país eles não são favoráveis, e em outros os riscos compensam a viagem. Principalmente quando o fator de repulsão é motivado por política. (STANOJOSKA, 2010 p.4).

Fatores de repulsão são geralmente resultantes em mudanças sociais no país de origem, eles podem ser políticos/culturais conectados com militarização e guerras tanto civis quanto com um inimigo externo. Desastres naturais, querelas religiosas aumento populacional. Não indicam necessariamente saída da pessoa do seu país de origem embora, quando os fatores de atração são exatamente opostos, as chances de migração se tornam maiores. Necessidade de mão de obra, língua ou passado em comum também se apresentam como fatores de atração para a imigração em longas distâncias.

A guerra de Secessão (1861-1865) foi iniciada com ambos os lados acreditando que seria uma guerra curta. Entretanto, a luta do sul contra o norte durou mais que se acreditava, e ceifou mais vidas que tanto o norte quanto o sul podiam perder. O alistamento que era voluntário, logo se tornou obrigatório nos dois lados. E homens foram tirados de suas terras, fábricas ou lojas. A não ser que fosse possível pagar \$300 (trezentos dólares) ou ser proprietário de mais de 30 escravos no sul. Deste modo, todos os homens com idade para lutar eram obrigados a se inscrever.

O norte precisava continuar a produzir, e isso exigia mão de obra desde homens nas minas quanto nas fábricas. A indústria de armamentos cresceu exorbitantemente durante os anos de conflito e mão de obra era necessária para produzir os novos rifles, canhões, barcos e outros utensílios de batalha. Para suprir a mão de obra dos «nativos americanos» lutavam, seria

⁶³ As leis comentadas não se aplicam a pessoas forçadas a sair do seu país forçadamente, nem compreende a questão dos refugiados.

necessário importar mão de obra europeia⁶⁴. Em 1863 Lincoln propôs que fosse criada uma lei que estimulasse a imigração como intuito de suprir a mão de obra suprimida pela guerra. O *Immigration Act* de 1864⁶⁵ foi aprovado em julho do ano seguinte.

A lei aprovada tinha como principais pontos: encorajar a imigração, criando comissários de imigração em tempo integral e um escritório de imigração com o propósito de disseminar informações pela Europa que possa atrair imigrantes. A lei também autorizava a entrada de imigrantes sob contrato de trabalho, contanto que esses contratos não passassem de um ano. O empregador pagaria a passagem para os Estados Unidos (TICHENOR, 2002, p.66).

Em seu *State of Union*⁶⁶ de 1865 o presidente declarou que a política de portas-abertas em relação à imigração era: “Uma das principais formas de reabastecimento apontado pela Providência Divina para reparar a devastação da guerra, e a perda da força e saúde nacional” (Abraham Lincoln, *Annual Mesage to congress*, in collected Works 8:41 *apud* TICHENOR, 2002, p.65).

Ao fim da guerra estima-se que entre 300 ou 600 mil homens foram mortos durante os 4 anos de luta, a população do sul sofreu não só com a morte, mas com centenas de homens que voltaram mutilados fisicamente e emocionalmente. O sul precisava ser reconstruído, e precisava de gente disposta a trabalhar em suas terras. Enquanto o norte precisava repor a perda de homens e continuar o povoamento do oeste do país. A solução para esse problema foi a mão de obra imigrante.

As transformações internas tornaram os Estados Unidos em um forte polo de imigrantes, em maioria de europeus, entretanto, eles não foram os únicos que perceberam as oportunidades que o país representava. Após a década de 60 do século XIX a imigração asiática passa a crescer no país, mesmo que inicialmente restrita a costa oeste.

O grande volume de imigrantes que chegam após a primeira metade do século XIX se dá graças a condições internas de atração, e externas de expulsão. Além disso, Os avanços tecnológicos foram responsáveis por melhoras das condições e tempo de viagem, por

⁶⁴ Nos primeiros anos de guerra tanto o sul quanto o norte decidiram que essa guerra seria uma Guerra de homens brancos.

⁶⁵ 1864 Immigration Act disponível em < <http://library.uwb.edu/static/USimmigration/13%20stat%20385.pdf>>

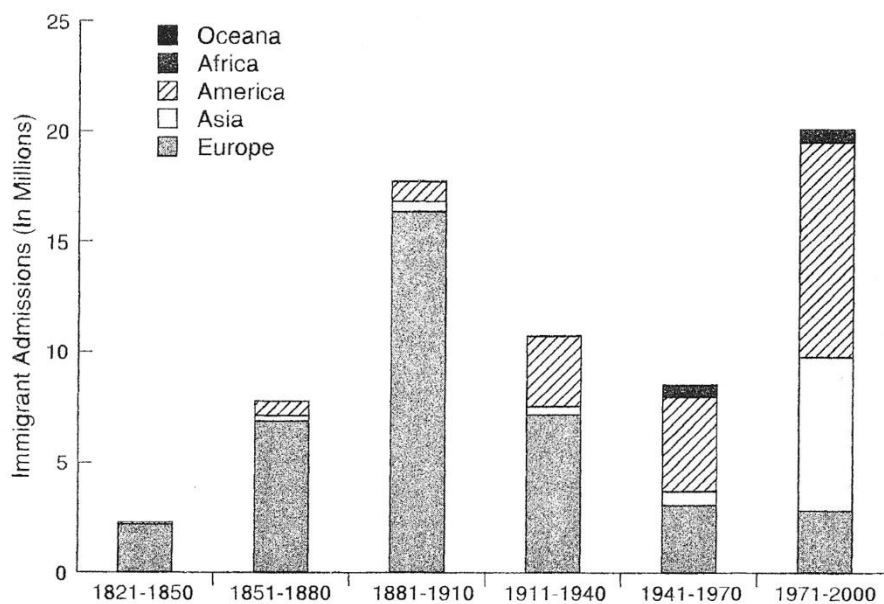
⁶⁶ O *State of Union* é um discurso apresentado pelo presidente dos Estados Unidos para uma sessão conjunta no congresso americano. Tipicamente, é feita anualmente. O discurso não apenas descreve a condição da nação mas, também permite que o presidente declare sua legenda legislativa, a qual precisará da ajuda do congresso assim como quais são as prioridades nacionais. Geralmente ao fim de seu discurso, o presidente como está o “espírito” da nação.

consequência dessas novas tecnologias o custo da viagem diminuiu a medida que a segurança da travessia aumentava. Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. O que resultou em mais imigrantes resolvessem fazer a travessia.

Tanto os estados quanto companhias faziam propaganda para tentar atrair estrangeiros. As agências estatais concentravam seus esforços em busca de imigrantes vindos de Inglaterra, Alemanha e Escandinava. Os Estados colocavam anúncios em jornais desses países com intuito de trazer imigrantes. Estados como Minnessota, Colorado, Iowa, e Dakota, anunciaram a crescente indústria de seus estados e a disponibilidade de terras baratas para onde os imigrantes se estabeleceriam. Os estados do sul também tentaram atrair imigrantes, principalmente na tentativa de substituição da mão de obra negra, mas a pouca disponibilidade de terras para venda e a falta de indústrias fez com que os imigrantes que chegavam optassem por outros Estados. “Entre as décadas de 60 e 70 do século XIX pelo menos 25 dos 38 estados fizeram alguma ação para promover imigração” (HIGHAM, 2002, p.17).

A demanda por imigrantes estava mais espalhada e intensa fora das áreas densamente povoadas dos estados do Nordeste. No sul e no oeste praticamente todos os estados possuíam agentes ou comissões para atrair imigrantes do além mar (HIGHAM, 2002,p.17).

Tabela 3



U.S. Immigration by Region of Origin, 1820–2000 (Source: *INS Statistical Yearbook, 2001* [Washington, DC: Government Printing Office, 2001])

As ferrovias também constituíram um importante agente na atração de imigrantes. Elas possuíam grande quantidade de terras em diversos estados e podiam vender barato para os que desejassem trabalhar. “Em 1868 A *Central Pacific* anunciou que empregaria toda mão de obra que lhe fosse oferecida para construção a \$30,00 por mês” (CASHMAN, 1993, p.83)^{liv}. Além de fator de atração de imigrantes as ferrovias constituíram um fator de dispersão. Vendendo terras ao longo dos Estados para os imigrantes elas foram responsável por grande parte da habitação do Meio-Oeste. Estados como Winconsin anunciavam panfletos como esse em jornais de países dos quais desejavam imigração.

As transformações tecnológicas também são um agente de atração e repulsão de imigrantes. O aumento da malha ferroviária europeia e a diminuição do preço nas passagens permitiu que pessoas do interior pudessem chegar até os portos com mais facilidade. Transformação dos navios de madeira a vela para aço movido a vapor. Tornou a travessia do Atlântico não apenas mais rápida como mais segura e barata. Além da tecnologia, tanto os Estados Unidos como a maioria dos países de onde os imigrantes partiam criaram regras para garantir o bem estar dos viajantes. Em uma tentativa de evitar doenças como cólera e sarampo se espalhassem durante a travessia, como para evitar a morte de passageiros. Haines e Steckel em *A population History of North America*, adicionam mais um motivo para o aumento da

imigração nesse período. “Apenas no final do século XIX as informações a respeito das oportunidades na imigração se difundiram no sul e leste europeu” (HAINES & STECKEL, 2000 p.355).

A imigração da segunda metade do século XIX irá se diferenciar da imigração da primeira metade em mais um fator: enquanto na primeira metade a imigração era majoritária de pessoas vindas de países do norte da Europa. Na segunda metade do século XIX, imigrantes do sul e leste europeu começam a chegar. Daniels oferece uma explicação para essa mudança no tipo de imigração. “Na Europa um crescimento econômico aconteceu mais rápido – no oeste do que no leste – atraindo migrantes do interior, e emigrantes de países não industrializados para cidades como Berlim, Estocolmo, Paris, Londres” (DANIELS, 2002, p.185).

Cashman (1993, p.74) afirma que foram as mudanças “políticas, econômicas e religiosas”. Que deixaram tantos europeus descontentes foi um dos motivos que fizeram tantos partir. O autor também coloca fatores como “aumento da população como fator que providenciaram o ímpeto para imigrar. Essas mudanças teriam começado no oeste europeu e seguido pelo leste, o que explicaria a razão da mudança na imigração”.

No caso dos germânicos entre 1854 e 1894 eles são um dos principais grupos que entraram no país. Os motivos que levaram tantos a imigrarem além de depressão agrícola e recessão industrial, a Guerra Franco-Prussiana e a na unificação dos países germânicos no que passaria a ser chamado de Alemanha em 1871. Apesar de já unificado, a instabilidade da unificação sob o reino da Prússia levou muitos a migrarem. O processo de unificação, e o problemas econômicos também foram um dos motivos pelo qual milhares de italianos emigraram para a América. “A imigração italiana para os Estados Unidos subiu de 12 mil em 1880 para 100 mil em 1990” (CAHSMAN, 1993, p.76).

A Era Dourada foi acompanhada de um crescimento na comunidade judaica americana. Em sua maioria foi composta por judeus russos que fugiam de perseguição política. “Entre 1880 e 1990 o crescimento dos imigrantes russos nos Estados Unidos aumentou de 17 mil para 114 mil” (CASHAMN, 1993, p.78). Embora entrassem como imigrantes russos, a grande maioria desses imigrantes era composta de poloneses, finlandeses, alemães e lituanos. Os Judeus representavam um quarto dos imigrantes que vieram da Rússia. Cashman (1993 p.76) afirma que menos de 5% dos imigrantes que entraram como russos fossem realmente russos.

Chineses começaram a chegar Aos Estados Unidos antes mesmo do início da Guerra de Secessão (1861-1865). A vinda da maioria de chineses começou com a descoberta de ouro na Califórnia em 1848. A Rebelião de Taiping (1850- 1864) foi um importante fator de expulsão de pessoas. Muitos chineses eram *sojourners*⁶⁷, isto é, não tinham intenção de permanecer no país, desejavam enriquecer e voltar para seu país. Os chineses foram atraídos pelo ouro e pela necessidade de mão de obra na Califórnia. Até 1882 quando *Chinese Exclusion Act* foi aprovado e proibiu a entrada de chineses no país por 10 anos. Aproximadamente 300 mil imigrantes chineses moravam no estado da Califórnia. Após a proibição da entrada dos chineses, os japoneses começaram a chegar aos Estados Unidos (1885). E logo passariam a sofrer do mesmo tipo de nativismo que os chineses sofreram algumas décadas antes.

A grande quantidade de imigrantes que aumentava a cada ano começou a trazer ansiedades em alguns setores da sociedade. E o tema da regulação da imigração volta a ser debatido. Principalmente com o intuito de barrar a entrada de mão de obra pouco qualificada. Entretanto, até o final do século XIX pouco foi feito para barrar ou diminuir o fluxo migratório. Em 1875 o *Page Act* é aprovado. A lei proíbe imigrantes de chegar sob contrato de trabalho, ademais, proíbe a entrada de criminosos, e mulheres que imigraram com o intuito de se prostituir. A lei proposta pelos republicanos da Califórnia tinha como pretensão diminuir a entrada de chineses no estado.

2.2.3 Mancha na Era dourada, Reconstrução e Segunda Guerra Civil.

O período conhecido como Era dourada (1870-1900) marca um período de forte crescimento econômico, expansão territorial, entrada de imigrantes e otimismo geral nos estados do norte do meio-oeste e alguns da costa leste. No sul, entretanto, uma nova guerra estava prestes a começar.

⁶⁷ Imigrantes que visavam ficar pouco tempo no país, apenas o suficiente para juntar dinheiro e retornar.

O fim da Guerra Civil resolveu o problema da escravidão e começou o problema para os negros. Todos, de Jefferson e Washington já argumentavam incluindo o próprio Lincoln. Que real problema da escravidão não era o fim do sistema, mas o que fazer os libertos depois. Todos esses homens brancos acreditavam que era praticamente impossível para brancos e negros viverem juntos com facilidade (JOHNSON, ^{lv}).

Abril de 1865 foi um mês agourento na história do país. 13º emenda da constituição no dia 8 de Abril de 1865 e a rendição do general Lee (Robert Edward Lee 1807-1870) no dia 9 de Abril do mesmo ano, representaram mudanças profundas para os Estados Confederados. No dia 14 de Abril do mesmo ano o presidente Lincoln é baleado por John Wilkes Booth⁶⁸ (1838-1865). Colocou em xeque toda percepção da reconstrução e a volta desses estados para a União como fica claro nesta parte do discurso.

We all agree that the seceded States, so called, are out of their proper relation with the Union; and that the sole object of the government, civil and military, in regard to those States is to again get them into that proper practical relation. I believe it is not only possible, but in fact, easier to do this, without deciding, or even considering, whether these States have ever been out of the Union, than with it. Finding themselves safely at home, it would be utterly immaterial whether they had ever been abroad. Let us all join in doing the acts necessary to restoring the proper practical relations between these States and the Union; and each forever after, innocently indulge his own opinion whether, in doing the acts, he brought the States from without, into the Union, or only gave them proper assistance, they never having been out of it⁶⁹.

A morte do presidente Lincoln não recaiu apenas nas costas de Booth e de seus conspiradores, e sim em todo o sul. Isto deixou os ânimos entre Norte x Sul, democratas x Republicanos ainda mais exaltados. No sul a perda da guerra foi muito além da incapacidade de separação da União, a derrota representou o fim de uma ordem socioeconômica existente nos últimos 150 anos.

O fim da escravidão representou a devastação do principal modelo econômico de produção no sul. Não apenas como mão de obra para as plantações de algodão, o fim da escravidão representou o fim de um lucrativo esquema de compra e vendas de pessoas.

A guerra representou não apenas uma perda do modelo socioeconômico, ela levou a vida de milhares de homens do sul. Aqueles que voltaram para casas, muitos feridos ou

⁶⁸ Jovem ator simpatizante da causa sulista que primeiro planejou sequestrar o presidente, depois orquestrou seu assassinato. Dos conspiradores do crime apenas Booth morreu sem ser julgado

⁶⁹ Último discurso público de Lincoln < <http://www.abrahamlincolnonline.org/lincoln/speeches/last.htm>>

mutilados encontravam as cidades, plantações, animais, casas. Grande parte do sul estava destruída por causa da duração da Guerra.

Não obstante, o maior golpe que os confederados que conseguiram voltar receberam foram as emendas de reconstrução. “Após quatro anos de uma sangrenta Guerra Civil, americanos tanto do norte quanto do sul continuariam a lutar sobre o significado da palavra liberdade, cidadania, e a sobrevivência da própria nação” (RECONSTRUCTION, CIVIL WAR, 2000)

A 13ª emenda aprovada no começo do ano e ratificada pelo número suficiente de estados para entrar na constituição ao final do mesmo. Acabava com a escravidão e servidão voluntária em todo território dos Estados Unidos⁷⁰. A décima terceira emenda deixava uma lacuna que permitia que pessoas condenadas pudessem ser usados como servos até cumprir a pena. Muitos estados do sul utilizaram desse buraco na legislação e estipularam severas leis contra vagabundagem⁷¹.

A morte de Abraham Lincoln instaurou o período de reconstrução do sul, mas ao contrário das medidas mais severas propostas pelo 16º presidente, seu sucessor Andrew Johnson (1808 -1875) tinha propostas planos distintos de como agir em relação ao sul. Johnson foi o único senador de um dos estados do sul que não abandonou seu posto quando os estados começaram a se separar. Johnson assim como uma parcela significativa dos cidadãos do norte, era a favor da abolição. Mas não acreditava que as duas “raças” poderiam ter direitos iguais, uma vez que a raça branca era superior a negra.

Johnson foi criticado por ser muito simpatizante com seus compatriotas do sul. Devolvendo as terras confiscadas durante a guerra, e sem impor qualquer tipo de sanção séria aos ex-confederados. Quando a notícia de republicanos radicais e membros da do *Freedon's brureal* chegaram aos jornais do norte. Johnson e seu projeto de reconstrução do sul passaram a ser criticados. Intelectualmente sua concepção de reconstrução se resumia em: retorno dos estados confederados para a união, abolição da escravidão, manutenção *status quo* sem nenhuma mudança real na condição de vida dos libertos.

⁷⁰ Em 1863 Lincoln assina a *Emacipation Proclamation* a lei libertou os escravos dos 10 estados do sul que se separaram, mas foi mantida nos estados que não se rebelaram.

⁷¹ Leis que penalizavam pessoas que não trabalhavam.

David W. Blight⁷² parte da teoria que tanto a 14^o como a 15^o - que proíbe exclusão de voto por motivo de cor, raça ou condição prévia de servidão – emendas foram uma reação a sua falta de política em relação ao sul. Que levou a uma vitória esmagadora dos republicanos nas eleições seguintes. Com a maioria de $\frac{3}{4}$ em ambas as casas, o legislativo pouco precisava do presidente. Na visão de Blight o Johnson também seria responsável pelo aumento dos republicanos radicais em cargos legislativos.

A 14^o emenda proposta em 1866 foi considerada pela sociedade do sul como um ataque direto ao status quo do sul. A 14^a declarou que todas as pessoas nascidas ou naturalizadas nos Estados Unidos tornavam-se cidadãos com todos os direitos, garantias e seguranças.

A décima quarta emenda anulava a decisão de 1857 *Dred Scott Vs Stanford* que dizia que nenhum descendente de escravos, seja ele nascido livre ou forro ao longo da vida, era capaz de tornar-se cidadão norte-americano. A 14^o emenda ainda representava mais uma perda para os confederados, em sua 3^o secessão ela proibia a eleição, apontamento para cargo federal ou estadual de qualquer pessoa que tenha participado de insurreição, rebelião ou ato de traição⁷³.

Para os sulistas a 14^o emenda era uma inversão da ordem do sul. Essas emendas levaram trouxe um forte ressentimento aos homens brancos do sul. E como resposta eles usaram política e a violência. Em uma tentativa de tentar anular os efeitos dessas novas leis, muitos estados do sul aprovaram os *black codes*⁷⁴. Alguns proibiam negros de consumir bebida alcoólica, portar armas, ou se reunir em grupos. Em outros estados permitia o uso de castigo físicos casos de desobediências de leis. Em alguns estados libertos só podiam trabalhar com agricultura. Independentemente do grau, todas as leis tinham como intuito retirar a liberdade garantida pela constituição. A Sec. 3 das leis do Mississippi de 1865 dá um exemplo do tipo de controle que essas leis devolviam as pessoas brancas.

⁷² Professor de Historia Americana e diretor do centro Gilder Lehrman Center para estudos sobre escravidão resistência e Abolição em Yale.

⁷³ Em 1898 essa limitação será retirada por $\frac{3}{4}$ das duas casas para aqueles que participaram da guerra civil.

⁷⁴ Os black codes foram uma série de leis aprovadas pela constituições de diversos estados confederados que tentavam regular a relação de as pessoas recém libertas e os brancos. Apesar de variar de estado para estado, a ideia era fazer com que as pessoas libertas voltassem a sua condição de escravidão.

Para garantir o controle dos ditos aprendizes, o dito senhor ou senhora deve poder infligir castigos corporais moderados, da forma como um pai ou guardião pode infligir em seus filhos^{lv75}.

Para tentar garantir que as novas emendas constitucionais fossem respeitadas foi criado o *Freedom Bureal*, para ajudar na transição da escravidão para liberdade. O papel do escritório era construir igrejas, escolas, resolver questões entre libertos e ex-senhores, além de abrigar refugiados independentemente da cor.

Não era apenas o sul que estava dividido. Politicamente, republicanos radicais queriam mudanças extremas no sul e desejavam igualdade de direitos entre negros e brancos. O novo presidente Andrew Johnson (1808-1875) não era simpatizante das ideias de cidadania e igualdade entre os dois grupos. Johnson era um suprematista e desejava que a união entre norte e sul fosse o mais sutil possível. Dessa forma, Johnson aceitou os estados do sul de volta contanto que a 13ª emenda foi assinada. E prometeu que o governo federal não interferiria.

A décima quarta emenda foi acompanhada pelo *Naturalization Act* 1870. Ao passo que a 14ª emenda de 1968 garantia direitos aos nascidos ou naturalizados dos Estados Unidos. O *Naturalization Act* assegurava que descendentes de africanos e pessoas brancas pudessem se naturalizar. Durante o período houve um debate sobre a lei ser *colorblind*⁷⁶. Mas principalmente a costa leste se opôs veemente por causa da questão chinesa na região. Um dos senadores da Califórnia reclamou que se permitissem negros e asiáticos a votarem, logo o estado estaria dominado por pessoas de cor. (⁷⁷ (*Congressional Documents and Debates, 1774 – 1875 Congressional Globe, Senate, 41st Congress, 2nd Session*).

Desta forma, a naturalização continua a ser por cor, definindo índios e asiáticos como pessoas livre de cor.

Apesar da derrota em relação a questão da Naturalização republicanos radicais aprovaram em 1867 os *Reconstruction Acts*. Essas leis foram vistas como uma agressão direta ao sul. Os soldados que voltaram para casa eram constantemente obrigados a *swallow the dog*⁷⁸. Muitos obrigados a renunciar a causa da confederação enquanto ainda vestiam seus

⁷⁵ Mississippi 2/12/1865 AN ACT to regulate the relation of master and apprendece as relates to freedman, free negroes and mulattoes. <http://oll.libertyfund.org/titles/frohnen-the-american-nation-primary-sources#lf1515_head_075>

⁷⁶ Pessoa que não consegue distinguir cores, a tradução mais aproximada seria daltônico, mas pelo contexto foi decidido pela manutenção da palavra original.

⁷⁷ Disponível em <https://memory.loc.gov/cgi-bin/ampage?collId=llcg&fileName=094/llcg094.db&recNum=685>

⁷⁸ Swallow the dog foi a forma que ficou conhecido o juramento que soldados confederados deveria fazer. Neles eles juravam manter a união e suas leis. Renunciar a existência da confederação. E aceitar a constituição dos Estados Unidos.

uniformes. Outros pontos da leis são: A obrigatoriedade dos libertos em votar. E a anulação de todas as eleições feitas no pós-guerra, e proibia qualquer participante ex confederado se candidatar.

As leis impostas por Washington geraram uma nova tensão entre confederados e republicanos. Ou confederados e aqueles que moravam no sul e não apoiaram a causa. O Tennessee foi o primeiro estado sul a ratificar as novas emendas, e também o país que quase causou uma nova guerra civil. A comunidade do sul percebia como uma humilhação proposital a retirada do direito ao voto enquanto negros podiam voltar.

Essa sensação de deliberada humilhação fez com que um grupo de ex-combatentes da cidade de Pulaski Tennessee resolvesse ir contra ao governo. E tomarem providências em uma sociedade secreta com a meta e evitar que negros votassem, ou que tomassem o lugar dos brancos. Essa sociedade ficou conhecida como Klu Klux Klan e foi responsável por assassinar centenas de pessoas durante o período da reconstrução. O propósito dessa milícia era lutar contra as transformações do sul. Principalmente evitar que ex-escravos votassem nas eleições de 1868.

Uma sociedade secreta que cavalgava à noite com tochas e sacos cobrindo o rosto. E se vingavam daqueles que consideravam culpados por sua derrota moral pareceu interessante demais para ficar restrita a cidade de Palaski. Não demorou para células da Klan aparecessem em diversos estados do sul. E até 1870 quando o grupo começou a debandar centenas estavam mortos. E o comparecimento de libertos nas eleições de 1868 foi mínima.

A dispersão da Klan em 1870 não impediu que outros grupos de suprematistas brancos aparecessem. A resistência à reconstrução continuou até que o norte perdesse interesse no sul, e os republicanos radicais perdessem forças políticas.

O resultado disso foi a volta do poder de suprematistas brancos, e a criação de um sistema de segregação, e apoiado pela legislação, que duraria por mais de 100 anos.

O tráfico de escravos para os Estados Unidos acabou oficialmente no primeiro vinténio do século XIX. Antes de obterem a liberdades eles falavam inglês, compreendiam suas instituições e possuíam a mesma religião dos brancos. Negros libertos do norte possuíam um pouco mais de dignidade, mas mesmo assim, eram visto apenas como não escravos, e não como cidadãos americanos.

Quando a 13ª acaba com a escravidão e a 14ª emenda garante sua cidadania, os estados logo legislaram para diminuir a liberdade. A não americanidade dos descendentes africanos era vista pela sua cor, seu modo de falar. Embora muitos utilizassem o argumento da incapacidade deles governarem suas vidas, uma vez que não teriam maturidade de uma criança de 12 anos. A existência de homens como Frederick Douglass destrói esse argumento. A decisão de 1896 *Plessy Vs Ferguson* pode ser vista como uma das leis deliberadamente nativistas. A resposta da suprema corte diz:

A determinação da razoabilidade da regulamentação de um estatuto dessa natureza poderia fazer-se “com referência a uso e costumes e tradições estabelecidas do povo a promover o conforto e a incentivar a paz e a boa ordem pública”. Essa decisão estabeleceu o critério “separados mas iguais”, que prevaleceu até ser revogado em 1954 (SYRETT, 1960, p.246).

A Guerra de Secessão diminuiu – mesmo que temporariamente – o sentimento anticatólico existente no país, a conjuntura econômica e social existente externa e internamente, proporcionaram entrada sem precedentes de imigrantes nos Estados Unidos, principalmente entre os últimos anos do século XIX e os primeiros do XX. Esse processo migratório foi visto, num primeiro momento, com euforia por uma parcela da população. A necessidade de reconstrução, a expansão para o oeste, e a mão de obra disponível nas fábricas foram os principais motivos para este entusiasmo inicial em relação aos imigrantes, entretanto, não demoraria para que essa euforia começasse a minguar.

O primeiro grande movimento anti-imigrante do *postbellum* foi durante a década de 70, causado em grande parte, pela depressão econômica que se abateu naquele momento (CASHMAN, 1993). À época, imigrantes eram vistos como uma mão de obra barata que trazia como consequências a diminuição dos salários da mão-de-obra americana e o aumento do desemprego. (HIGHAM, 2002). Apesar do crescente descontentamento de parcelas da sociedade, nenhuma medida para restringir sua entrada em massa de imigrantes conseguiu ser aprovada antes do começo do século XX. Em relação aos imigrantes Schrag (2002 p.20) afirma que:

O nativismo norte-americano e sua ambivalência histórica em relação a imigração – momentos em que buscaram os recém chegados, e em que proibiam a entrada ou os deportavam – está profundamente ligada aos ciclos econômicos e a visão que os americanos possuíam de si mesmos. (SCHRAG, 2002, p.20)

Com a entrada de novos “imigrantes” no país, novos tipos de nativismo começaram a surgir. Italianos, eslavos, russos, judeus, chineses e japoneses foram acusados de não serem “americanizáveis” o suficiente por um ou outro motivo.

Entre a década de 70 do século XIX e os primeiros anos do século XX, a relação entre americanos e estrangeiros foi ambivalente. Grupos distintos desejavam a exclusão de um ou outro grupo de imigrantes. Durante esse período diversos grupos, entre os quais podemos destacar a *American Protective league* (APA), pressionaram os legisladores norte-americanos para a criação de leis que restringissem a entrada daqueles considerados incapazes de se americanizar.

A crise econômica que passou a tomar conta do país entre 1875 e 1885 começou a levantar questões em relação a capacidade da América em ignorar problemas de classe, e de evitar conflitos entre trabalhadores. As demissões generalizadas por conta da recessão, a criação do *Knight of labour* prova que os Estados Unidos não estavam tão distantes dos problemas de classe que a Europa (HIGHAM, 2002, p.37). A diferença que na América a culpa por demissões, má condições, e diminuição de salários não era da crise. E sim dos imigrantes.

Em consequência disto, a relação de trabalhadores americanos e de imigrantes nas fábricas era de tensão: imigrantes eram vistos como pessoas que trabalhavam por pouco e desestabilizavam o ressentido movimento operário do país. Essas condições fizeram com que os trabalhadores passassem a exigir a restrição de imigrantes em alguns tipos de trabalho (HIGHAM, 2002, p.46).

A relação entre trabalho e imigração vai seguir o ciclo de crises econômicas que o país passou entre 1873 e 1910. Em cada crise o desejo por limitação de empregos apenas para americanos, ou pela restrição de imigrantes de mão de obra não qualificada sempre vai aumentar. Imigrantes sempre foram vistos como os responsáveis pela diminuição dos salários e da condição de vida dos americanos. Até a formação do movimento sindical culpar as empresas parecia algo impensável.

2.2.6 Formação do movimento sindical.

Numa sociedade industrializada como a era a norte-americana na segunda metade do século XIX, nenhum outro grupo teve tanto contato com os recém-chegados como os americanos que trabalhavam nas fábricas (HIGHAM, 2002, p.45). Parte do sentimento contrário aos imigrantes que caracterizou o período foi originado exatamente entre a classe de trabalhadores. Higham marca o fato que “Todas as agitações anti-imigrantes no século XIX obtiveram suporte das classes laborais urbanas⁷⁹”. O forte crescimento industrial foi encarregado por um grande influxo de pessoas para as cidades, as fábricas absorveram grandes quantidades de material humano,—e geraram uma nova classe de trabalhadores urbanos e um fenômeno até então existente apenas no velho mundo – o movimento sindical – responsável por embates por melhorias e regulamentação do trabalho. Kuznick e Stone em *The Untold history of the United States* (2012 ps.19) discorrem que “os anos de 1870, 1880 e 1890 testemunharam uma das mais sangrentas lutas trabalhistas na historia da nação^{lviii}”.

Ao final da guerra-civil o movimento sindical se constituía em pequenos sindicatos e assembleias, no pós-guerra, ele atrairia um número cada vez maior de pessoas. O crescimento do sindicalismo seria responsável em 1866 pela formação da *National Labor Union*, NLU. Em 1873 havia aproximadamente 25 sindicatos nacionais com aproximadamente 170 mil membros, e mais outros 130 mil trabalhadores que faziam parte de sindicatos que não contavam com associação nacional Cashman (1993 p.103). As condições de trabalho nos Estados Unidos não eram diferentes das encontradas na Inglaterra retratadas na obra de Charles Dickens (1812-1870), longas jornadas, nenhum segurança ou garantia de emprego, baixos salários, lugares sem ventilação, acidentes que causavam mortes ou desmembravam seus empregados. As mulheres que começaram a ser utilizadas como substituição de mão de obra durante a guerra de Secessão, se tornaria uma força permanente da indústria, além delas, a vontade de economizar por parte dos donos das fábricas levaria a que crianças fossem utilizadas como mão de obra barata.

As demandas populares entre os trabalhadores do período pré-crise eram diminuição das horas de trabalho, melhores condições em minas e ventilação dentro das confecções. O movimento sindical se opunha ao trabalho de mulheres nas indústrias por considera-las uma

⁷⁹ Idem

força de trabalho desleal, e não aceitava com que elas fizessem parte de seus sindicatos. Força de trabalho desleal também foi a justificativa para que os sindicatos não aceitassem trabalhadores afro-americanos nos sindicatos. *As Daughters of St. Crispin* e a NCLU foram as respostas encontradas por esses grupos para poder exigir seus direitos. Apesar de não permitirem que negros e mulheres participassem da NLU, essa apoiava suas demandas uma vez que “os líderes sindicais reconheciam que os reais antagonistas eram os patrões, e deram apoio tácito a respeito das demandas desses grupos” (Cashman, 1994 p. 105).

A crise que atingiu o país em 1873 teve um efeito nefasto para os trabalhadores, segundo Zinn.

A crise exterminaria pequenos negócios e traria frio, fome e morte para os trabalhadores enquanto as fortunas dos Astors, Vanderbilts, Rockefellers continuariam a crescer em períodos de paz e guerra, crise e recuperação (ZINN, 2003 p.242).

Acredita-se que até 1877, 20% dos trabalhadores estavam desempregados, e aproximadamente 40% trabalhavam entre seis e sete meses no ano Cashman (1993 p.107). Durante o período de depressão econômica os sindicatos diminuíram de 300 mil pré-crise para 50 mil no ano de 1877. Além do desemprego gerado pela crise, o poder que os sindicatos obtiveram nos primeiros anos pós-guerra foi minado pela quantidade de pessoas cada vez mais dispostas a trabalhar por baixos salários. As greves – quando ocorriam durante os anos de crise – eram ineficazes, uma vez que, em poucos dias já havia pessoas “furando” essas greves. Os imigrantes foram preferencialmente usados para esse propósito.

O aumento no número de trabalhadores nas indústrias levou a um aumento no número dos sindicatos norte-americanos como os *Knights of labor*, *Industrial Workers of the World* (IWW), e *American Federation of Labor* (AFL). Junto com a pluralização do movimento trabalhista, intensificaram-se as greves, *lockouts*, e paralizações. Ao investigar as greves que ocorreram durante a década de 80 do século XIX, Higham aponta que:

Os dois aspectos desse assunto [as greves] que impressionaram os empregadores foram a proeminência de imigrantes como líderes e membros das uniões, e a presença de proletariados radicais aqui e lá entre os grupos de imigrantes (CASHMAN, 1994 p.107)

Em 1886, o caso de Haymarket,- quando uma bomba explodiu durante uma manifestação pela redução das horas de trabalho em Chicago - marcou uma breve onda contrária à presença de pessoas ligadas à ideologia radical no país. Apesar de ter ferido um número menor de pessoas quando comparado à paralisações dos ferroviários, ocorrida no mesmo ano, a explosão de Haymarket se tornaria notória por estar ligada às teorias

anarquistas (Higham 2002). O resultado foi uma onda nacionalista em diversas cidades. Sobre a importância da explosão Higham acentua que:

Por muitos anos a memória sobre Haymarket e os anarquistas estrangeiros assombrou a consciência americana. Nenhuma imagem nativista permaneceu mais viva do que as de imigrantes como criaturas sem lei, dados a violência e desordem (HIGHAM, 2002, p.55)

Proporcional ao aumento das ações dos sindicatos foi o aumento da vontade de limitar sua presença nos Estados Unidos. O nativismo desse período possui razões plurais e encontrou a diversas justificativas para tentar limitar a entrada de imigrantes. Relacionado aos imigrantes conectado às atividades industriais dois motivos se tornaram preponderantes. O primeiro, ligado aos trabalhadores nascidos no país, era justificado pela noção de que imigrantes aceitavam trabalhar por um baixo salário, o que prejudicava o trabalhador norte-americano, forçado a aceitar salários cada vez mais baixos para poder manter seu emprego.

O segundo fator, inerente aos empregadores, baseava-se na conduta combativa desses imigrantes, a qual eles justificavam por conta das ideias radicais a qual esses estrangeiros participavam. Relacionada à questão das ideias radicais havia a crença de que, o comunismo e o anarquismo eram ~~são~~ antiamericanos. Esse pensamento – muitas vezes estimulado pelos jornais – fez com que americanos se recusassem a compartilhar ~~das~~ ideias dose imigrantes a respeito de como conseguir melhorias no trabalho (HIGHAM, 2002, p.60). Criando assim uma visão de que ações mais subversivas eram práticas de imigrantes incapazes de compreender como a sociedade americana se organizava.

Enquanto no imaginário norte-americano os anarquistas chegaram a representar perigo suficiente para serem barrados de entrar no país⁸⁰, socialistas eram vistos como um pequeno grupo que apesar de não compartilharem dos ideais americanos, não representavam perigo significativo para a população (Murray, 1955). Apesar do relativo sucesso do Partido Comunista (PC), fundado em 1901, nos anos anteriores a I Guerra, o mesmo ainda era muito pequeno se comparado com os demais partidos. A IWW também era vista como um pequeno antro de imigrantes que apesar de organizar greves e piquetes, não representavam efetivamente um perigo para a sociedade. Para Murray grande parte se dava porque:

⁸⁰ Em 1901 Anarquistas foram adicionados à lei de Imigração que já barrava a entrada de ex-condenados, loucos, ou que pudessem se tornar criminoso. A decisão de adicionar anarquistas se deu graças ao assassinado do presidente McKinley por um americano de nome estrangeiro, Leon Czolgoz que se declarava anarquista.

A nação americana era um campo infértil para as sementes do socialismo evolucionário ou para uma revolução violenta. A sociedade americana era muito expansiva em seus interesses, fluida em sua composição e muito esperançosa em seu futuro para que qualquer doutrina revolucionária se desenvolvesse (MURRAY, 1955, p.30).

Apesar do estigma de que imigrantes não conseguiam compreender a dinâmica do sistema norte-americano, o pensamento radical e o sindicalismo não se restringiram a essa parcela da população ou aos seus descendentes. A presença de trabalhadores nativos dos Estados Unidos entre os sindicatos ligados a ideologias tidas como radicais era expressiva mesmo antes da revolução de 1917. Independente de serem entendidos como um grande bloco de radicais, e possuírem em comum a oposição ao sistema capitalista, o pensamento radical norte-americano era marcado por sua pluralidade filosófica. Murray (1955 p.19) nos lembra que:

Alguns eram marxistas em sua crença, e se dividiam entre os que enfatizavam a fase revolucionária ou evolucionária da doutrina. outros eram anarquistas, tanto da escola pacifista quanto da terrorista; e outros eram sindicalistas, que desejavam uma transformação econômica direta através do uso do sindicalismo industrial (MURRAY, 1955 p.19).

Apesar de um movimento presente nos grandes centros urbanos, as ideias consideradas radicais estavam pulverizadas o suficiente para não serem consideradas uma ameaça em potencial até o final da guerra.

O movimento sindical nos Estados Unidos caminhou em um ritmo mais lento se comparado com o ocorrido em outros países industrializados, isso se deu, em parte, graças a características próprias da cultura norte-americana. A prática dos donos de indústrias de colocar grupos distintos que não falavam um idioma comum foi preponderante para a demora dos sindicatos. A desunião entre americanos e imigrantes, principalmente durante período de crise, também funcionou como fator de desarticulação entre os trabalhadores. Outro ponto apontado por Higham (2002 p.60) é a crença que movimentos sindicais, principalmente ligados ao comunismo e anarquismo, são anti-americanos, para o autor esse pensamento – muitas vezes estimulados por jornais – fez com que americanos se recusassem a compartilhar das ideias de imigrantes a respeito de como conseguir melhorias no trabalho.

No momento em que o as notícias sobre início da Primeira Guerra eclodiram nos Estados Unidos, o país se dividiu entre aqueles que a apoiavam, e **aqueles que, ao defender a neutralidade do país, a consideravam problema europeu que deveria por eles ser resolvido.**

Embora não estivessem participando da guerra em 1914, parte da opinião pública⁸¹ apoiou a Tríplice Entente. Grupos de esquerda – entre eles a IWW e Partido comunista – publicamente condenaram a guerra sob a justificativa de que este era um conflito de imperialistas e que os trabalhadores deveriam se manter afastados (MURRAY ,1955p.20).

Antes mesmo de declarar guerra à Alemanha, a comunidade germânica nos Estados Unidos enfrentou uma forte oposição. Com uma população de 2.3 milhões⁸² de alemães vivendo no país em 1915, eles representavam a maior população estrangeira dentro dos EUA, além de fazer parte da ascendência de outros milhares de americanos. Esses imigrantes, antes bem vindos e considerados de fácil assimilação, agora eram alvo da acusação de serem desleais, nas palavras de Higham “o maior dos pecados na moralidade do nacionalismo” (2002 p.196).

Em 1915, quando os germanos-americanos realizaram uma grande campanha pedindo por um embargo na exportação de suprimentos de guerra para a Inglaterra, para que a neutralidade dos Estados Unidos fosse realmente efetiva. Ainda no mesmo ano, uma série de pequenos atentados às fábricas de munição e as tentativas de colocar bombas em navios destinados à Inglaterra (HIGHAM, p.197) alimentou a ideia de que os germano-americanos eram mais germânicos do que americanos.

Assim como os católicos, italianos, e japoneses em anos anteriores, uma série de teorias conspiratórias se espalhou pelo país. “Os alemães estariam envenenando a comida, estragando suprimento médico, minando o apoio da população ao esforço de guerra” (BENETT, 184).

O antigermanismo se estendeu pelas mais diversas partes da sociedade. Enquanto alguns eugenistas correram para ratificar seus livros, diminuindo a importância da “raça” germânica, líderes do movimento da temperança buscaram associar a cerveja e a bebida ao regime militarista do Kaiser e aumentar o apoio para a aprovação, em 1918, da 18ª emenda constitucional, a lei seca. Em 1917 quando os Estados Unidos o declararam guerra à Alemanha, esse sentimento tomou uma nova proporção. Os alemães eram agora oficialmente inimigos dos norte-americanos. Sobre a entrada do país na guerra Perry Anderson explica:

⁸¹ Bennett comenta a importância da propaganda britânica a proliferação das “atrocidades Hunas”.

⁸² A época a população norte-americana era de um pouco mais de 100 milhões de habitantes. Higham *Strangers in the Land* p.196

A verdade que a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial não havia respondido a nenhum interesse internacional determinável. Decisão gratuita de seu presidente, executada com vasta perseguição étnica e repressão política doméstica, foi produto de um enorme excesso de poder dos EUA sobre quaisquer objetivos materiais por ela alcançado. [ref.?)

Higham afirma que uma das maiores forças para coesão social é o nacionalismo (2002 p.53), pois ao declarar sua participação na guerra, o país foi tomado por um forte espírito nacionalista. Assim como durante a década de 80 o jingoísmo presente durante a guerra amenizou algumas tensões e evidenciou outras. O Partido Comunista, no dia seguinte ao senado norte-americano declarar guerra, reafirmou sua postura contrária ao conflito reiterando que a guerra era um “crime contra o povo norte-americano” (ZINN p. 364). Em abril de 1917 eles anunciaram que fariam uma “contínua, ativa, e pública oposição a guerra e através de demonstrações, petições e todas as formas em seu poder” (MURRAY p.20). Essa postura contrária à guerra e ao alistamento obrigatório⁸³ aprovado em 1917, permitiu ao Partido Comunista um crescimento em sua popularidade entre os operários e trabalhadores rurais. E a acusação de ser pró-Alemanha por outros setores da sociedade.

A revolução ocorrida na Rússia contribuiu para aumentar a desconfiança a respeito de mais um grupo de imigrantes. Por terem abandonado os aliados e assinado um armistício com a Alemanha, os bolcheviques eram vistos como apoiadores da Alemanha (MURRAY p.34). Na verdade, até o fim da guerra, acreditou-se que a revolução socialista era na verdade uma manobra de Berlim para desestabilizar os aliados. Russos e socialistas passaram a representar um risco de quinta coluna tão grande quanto os germano-americanos.

Ainda em 1917, o congresso aprovou a lei de Espionagem (*Spionage Act*), que condenava a morte ou até trinta anos de prisão:

qualquer pessoa que passasse informação de importância para a segurança nacional para pessoas sem autorização. Também previa a condenação para aqueles que passassem informações que pudessem interferir com as forças armadas norte-americanas, ou que pudesse garantir a vitória de seus inimigos.

Também condenava com pena de 10.000 dólares ou até 20 anos de prisão.

⁸³ O baixo número de voluntários dispostos a lutar na guerra fez com que o senado aprovasse no mesmo ano uma lei que obrigava a todos os homens de entre a idade de 21 a 45 de se alistarem para serviço militar. A lei semelhante a em vigor durante o período de guerra civil, mas excluía a possibilidade de se contratar alguém para lutar no lugar de outra. Fonte: <http://www.legisworks.org/congress/65/publaw-12.pdf> acesso em 15/12/2015

transmitir relatórios falsos ou declarações falsas com intenção de interferir com a operação ou o sucesso das forças militares ou navais dos Estados Unidos, causar ou tentar causar insubordinação, deslealdade, motim, a recusa do dever, nas forças militares ou navais dos Estados Unidos, ou para obstruir deliberadamente o recrutamento ou alistamento serviço dos Estados Unidos⁸⁴.

Em 1918 o congresso norte-americano fez uma emenda no texto da seção 3 da Lei de Espionagem de 1917 alterando seu texto para:

Quando os Estados Unidos estão em guerra, são deliberadamente absoluta, imprimir, escrever ou publicar em qualquer língua material desleal, profano, indecente, ou abusiva sobre a forma de governo dos Estados Unidos, ou a Constituição dos Estados Unidos, ou os militares ou forças navais dos Estados Unidos...incitar ou defender qualquer redução da produção no país de qualquer coisa ou coisas ... necessária ou essencial para o prosseguimento da guerra ... e quem deve defender, ensinar, ou sugerir a realização de qualquer dos atos ou coisas nesta seção enumerados e qualquer que por palavra ou ato de apoio ou favorecer a causa de qualquer país com o qual os Estados Unidos estão em guerra ou por palavra ou ato opor-se à causa dos Estados Unidos nele. será punido com uma multa de não mais de US \$ 10.000 ou pena de prisão não superior a 20 anos, ou ambos

A restrição da liberdade de expressão durante período de guerra não é uma novidade na história dos Estados Unidos, em 1798 a lei de Insubordinação de Estrangeiros (*Sedition Aliens Act*) já limitava a liberdade de expressão, e condenava aqueles que se opunham ao governo dos Estados Unidos. Mas em um período de forte nacionalismo, onde ser patriota se confundia com aceitação absoluta das atitudes tomadas pelo o governo e apoiar o esforço de guerra, assim como ficou marcado o período de guerra. Desrespeitar a lei de espionagem ou a de insubordinação era se assumir como um não americano, por conseguinte, uma ameaça a unidade nacional, independentemente de sua real nacionalidade.

Sob a justificativa de estarem obstruindo o alistamento militar milhares ou por estarem criticando o governo, milhares de pessoas foram condenadas durante o período de guerra. *Wobblies*⁸⁵, membros do partido socialista, sindicalistas, imigrantes vindos da Rússia, foram os alvos focados. No caso da IWW todos seus líderes estiveram presos durante algum momento do período de guerra.

⁸⁴ Seções 1 e 2 do Espionage act.

⁸⁵ Membros da IWW eram popularmente chamados de *Wobblies*

Nem o socialismo nem o anarquismo eram novidades para a população norte-americana quando a Revolução Bolchevique eclodiu na Rússia em 1917. Ambas as doutrinas começaram a se popularizar dentro do país, ainda no século anterior, apesar de não serem uma exclusividade de imigrantes, ideias consideradas como radicais foram amplamente associadas com os *novos*⁸⁶ imigrantes que chegaram ao país. Principalmente os que pertenciam às classes trabalhadoras.

O Partido Socialista norte-americano, apesar das perseguições durante o período de guerra, obteve uma rápida notoriedade no pós-guerra, chegando a ter um milhão de associados, graças a popularidade das ideias. A partir de 1918 a percepção do movimento comunista na América se modificou. Alemanha estava rendida, logo a crença que a Revolução socialista era uma manobra do Kaiser para desestabilizar os países aliados não tinha como ser mantida. Os comunistas internos passam a ser vistos sob uma nova perspectiva, ao se tornarem herdeiros de toda desconfiança e nativismo dedicados aos alemães no período de guerra.

Sob circunstâncias normais um partido do tamanho do partido comunista ou associações como a IWW ou a AFL não representariam perigo para a sociedade, entretanto, as circunstâncias em que o país emergiu da guerra podem ser classificados como tudo menos normais (MURRAY p.57)

O armistício assinado em 11 de Novembro de 1918 trouxe uma nova realidade para os Estados Unidos. Com a guerra finalizada o país mergulhou no que Murray considera um “cansaço psicológico somado a uma vontade de retornar a normalidade”. O país assistiu, durante o período de beligerância, às mudanças sociais com as quais precisou de tempo para se acostumar. O aumento da presença negra nas cidades do norte, a presença feminina no mercado de trabalho que durante o período de guerra era vista como uma característica do patriotismo. Agora essa mão de obra não era mais desejada

O retorno à normalidade pretendido por parte da população demorou a acontecer. O fim da guerra levou a um período de breve depressão econômica, inflação, perda de poder aquisitivo em grande parte por causa dos salários de trabalhadores da indústria congelados até o fim da guerra, e desemprego causados pelo fim dos contratos assinados para o esforço de guerra (Zinn p.374).

⁸⁶ Nesse caso, entende-se como novo imigrante os italianos, russos, croatas, sírios, que passam a chegar nos Estados Unidos após o fim da guerra civil.

Instabilidade econômica e as más condições de trabalho levaram a uma série de greves e *lockouts*. Em 1919 milhares de trabalhadores pararam serviços chave, durante esse ano ocorreram 360 greves envolvendo mais de 4 milhões de trabalhadores (MURRAY p.9). Essas eram percebidas como comprovação de antiamericanismo e deveriam fazer parte de um plano de Moscou para derrubar a América. Em fevereiro de 1919, o congresso discutia uma lei que permitisse deportar imigrantes ligados a ideologias radicais.

Durante os primeiros meses do ano, diversas “conspirações” para tomar o governo por anarquistas e socialistas foram descobertas. A instabilidade desse período alimentava a paranoia daqueles que acreditavam que a sociedade norte-americana estava prestes a desabar (BENNETT p.188).

Se as conspirações possuíam pouca comprovação, as bombas enviadas em Abril eram bastante reais. A primeira enviada para o Prefeito de Seattle foi descoberta por sua equipe antes que pudesse causar algum estrago. No dia seguinte uma bomba entregue para o ex-senador de Atlanta Thomas W. Hardwick, explodiu ferindo a empregada do ex-senador (MURRAY p.70). No decorrer do mês outros funcionários públicos receberam pacotes explosivos. Em 30 de abril 36 outras bombas foram descobertas nos correios endereçadas a figuras proeminentes da sociedade estadunidense – uma delas era destinada ao procurador geral Mitchell Palmer – destinadas a explodir no dia primeiro de maio, os jornais chamaram o acontecido de *May day Bombs*.

Murray comenta que até o começo de junho ainda havia uma parcela da sociedade que duvidava de uma conspiração comunista para derrubar o governo. No dia dois de junho de 1919, a sociedade norte-americana foi tomada pelo medo de socialistas. Em oito cidades diferentes explosões foram ouvidas na mesma hora, uma delas na casa do procurador geral Palmer, apesar de ter destruído parte da casa ninguém se feriu durante o atentado. Mas o acontecimento abriu caminho para retaliação do governo.

Em agosto foi criada a Divisão de Inteligência do departamento de Justiça, responsável por coletar informação sobre os grupos radicais e coordenar ações para neutralizar a ameaça. Em 1919, aproveitando do apoio da população e do senado, Palmer realizou uma série de batidas, durante as quais centenas de casas foram reviradas sem mandado e pessoas foram presas sem causa. Em Nova York, no dia 7 de novembro de 1919, 650 pessoas seriam presas e 250 deportadas sem devido julgamento (BENNETT, p.191).

A situação política dos Estados Unidos contribuiu para o agravamento do *Red Scare*. Com o presidente Wilson debilitado por um derrame, o senado estava livre para aprovar leis contrárias a imigrantes. A primeira lei que determinava um número de cotas para imigrantes foi aprovada em 1921. Durante os anos de 1919 e 1920 aproximadamente 4 mil pessoas seriam presas por serem considerados membros de grupos radicais. Imigrantes considerados como inassimiláveis eram presos por não conseguirem falar inglês. O nativismo norte-americano assumiria uma característica contrária às ideologias tidas como radicais que seria perpetuada ao longo dos anos.

2.3. Nativismo ganha respaldo científico.

A convicção que os americanos eram parte de uma “raça” superior não é um pensamento do século XIX quando as teorias raciais começaram a ganhar força. A singularidade esteve presente desde sua formação, o que eles não possuíam antes era a legitimidade científica com intuito de confirmar suas certezas. No século XIX as teorias raciais propostas legitimam aquilo que muitos americanos já sabiam durante muito tempo. Eles eram a raça superior, e sua raça deveria ser preservada.

A segunda metade do século XIX é marcada por um grande desenvolvimento científico. Não só em maquinário, saúde, meios de transporte, produção química e teorias científicas. Não só a ciência, mas a história também começou a procurar novas perspectivas além da filologia. Diante deste contexto, a filosofia racial da história ganha força durante o período.

A história fomentada na doutrina cristã de um ancestral comum, não respondia as inquietações a respeito das diferenças raciais que começam a aparecer. Muitos não conseguiam acreditar como a mesma descendência poderia produzir raças tão diferentes e com capacidades artísticas e intelectuais desiguais. A resposta geralmente aceita pela sociedade está na degeneração⁸⁷. As crianças de ancestrais em comum teriam aos poucos alterado sua características ao longo que se espalhavam pelo planeta. Kant afirmava que as diferenças poderiam estar latentes nos pais. E que o ambiente fazia com que elas se manifestavam (HANDLIN, 1953, p.75).

Outras respostas para essas perguntas começaram a surgir antes do século XIX, mas durante esse período a ciência à procura de uma melhor compreensão das diferenças entre as raças ganha um novo espectro. Em 1842 Anders Retzius (1790-1860) inventou o index craniano, “um preciso numero de medidas cranianas, que pode classificar uma pessoa de acordo com sua raça apropriada” (HANDLIN, 1953 p.76). Usar medidas como aparato classificatório era utilizado em diversos ramos da ciência, da filologia à botânica. O método científico proposto inicialmente por Descartes ditava a coleção de dados, experimentação, e repetição. Apesar do refinamento sofrido nos anos seguintes, o método científico se

⁸⁷ Na época o termo era usado sem a conotação desfavorável que possui nos dias de hoje (HANDLIN, 1953, p.75).

baseou nessas premissas, dados, experimentação e repetição. Se esse método era amplamente aceito pelas ciências, nada faria mais sentido do que usar a mesma técnica para explicar a história humana (HAWKINS, 1997).

Outro trabalho que influenciou o pensamento científico da época foi o *Ensaio sobre as desigualdades humanas* escrito por Gobineau (1816-1882). Esse livro foi responsável pela classificação racial existente: “raças” Negros, amarelos, e brancos. O trabalho de Gobineau revelou um futuro agourento para raças, uma vez que, em sua concepção “a humanidade rumava para um inevitável declínio por causa da miscigenação” (GOBIENAU, *Essay in M. Biddiss, ed Gobineau select Political Writings p.175 apud HAWKINS, 1997, p.185*). A miscigenação seria a destruição da raça Ariana que os alemães e britânicos eram os sobreviventes. A mistura com raças inferiores acabaria com as raças mais desenvolvidas. O entendimento racial de Gobineau foi fortemente utilizado como argumento para barrar imigração.

A raça se tornou uma preocupação científica que amalgamou diversas áreas do conhecimento na tentativa de encontrar a pergunta para a resposta de quem somos nós, e se somos mesmos iguais. Franz Bopp (1781-1867) utilizou a linguagem para demonstrar que os europeus possuíam um ancestral comum. E concluiu que isso deveria acontecer com outros povos. Samuel George Morton (1799-1851) ganhou notoriedade por conseguir conciliar a questão teológica (ancestral comum) e a baseada em seus estudos (raças diferentes).

O argumento de Morton baseava-se no argumento de Charles Caldwell que apontava que a cronologia bíblica que o intervalo entre a criação e a queda do homem. “Permitiria as mudanças radicais na constituição humana, em caso de brancos e negros tivessem o um ancestral em comum” (HANDLIN, 1953, p.80). Morton utilizou como argumento a ideia de que raças diferentes não produziriam crias férteis para derrubar a teoria do ancestral em comum. Segundo o médico em alguns casos animais selvagens de raças diferentes conseguiam cruzar e produzir crias férteis, algumas carregavam consigo um poder de hibridismo latente. Desta forma, argumentou cientista natural:

O simples fato das diferentes raças da humanidade serem capaz de produzir crias férteis não significava que a existência de um ancestral em comum (MORTON, *Crania Aegyptiaca; or, Observations on Egyptian ethnography, derived from anatomy, history, and the monuments. Philadelphia: J. Penington, 1844. Apud HANDLIN, 1853 p.80*).

Uma ruptura dentro do pensamento científico foi publicação da origem das espécies de Charles Darwin (1809 -1889). A origem das Espécies lançado em 1859 gerou bastante zaragata em seu lançamento. Darwin rompia com a “convicção do ancestral comum, e dava bastante ênfase na noção de que alguns mecanismos hereditários ajudam uma espécie a manter sua existência” (HAWKINGS, 1997, p.4). A famosa frase atribuída ao Darwin a respeito da sobrevivência dos mais aptos foi cunhada por Herbert Spencer (1820-1909) e só anexada ao livro em sua quinta edição.

Para o nativismo norte-americano todas essas mudanças serviram como uma narrativa explicativa para exigir a exclusão de raças consideradas inferiores como sumariza Amaral Jr, (2010)⁸⁸.

O discurso racial nativista, além de ter sido amparado pela ciência e por parte do *mainstream* acadêmico do mundo ocidental, conseguiria apoiar-se nos temores sociais e na própria forma como a sociedade norte-americana se imaginava (AMARAL Jr, 2010, p39).

2.3.1. O medo do suicídio racial.

Se durante as décadas de 1880 e 1890 os argumentos contrario a imigração eram respaldados por motivos econômicos e sanitários. O século XX acrescenta a ameaça para americanidade em si.

A raça americana sempre assumiu que fosse anglo-saxã, a melhor raça das civilizações. E as América como seu maior e mais nobre lar. E por anglo-saxão, não precisa dizer protestante (SHARG, 2010 p.48).

O problema da imigração incomodava não apenas pelos números de imigrantes, mas pela origem desses imigrantes. Entre os preocupados com a presença de tipos diferentes de imigração está a figura de Harry Cabot Lodge (1850-1924). O senador de Massachusetts foi uma das figuras mais vocais sobre o assunto da imigração. Os argumentos de Lodge começaram criticando como a presença de imigrantes diminuía os salários e tornava as situações nas cidades cada vez piores.

⁸⁸ É necessário deixar claro que essas teorias não foram aceitas por todos os setores da sociedade, principalmente em regiões mais religiosas essas teorias eram vistas como blasfêmia. Um exemplo de como essas teorias eram má vistas é *The State of Tennessee v. John Thomas Scopes* (1926). Conhecido popularmente como o Julgamento do Macaco o estado do Tennessee processou um professor de ciências que falou sobre a teoria da evolução em sala de aula.

Em 1896 *Restriction on Immigration* publicado por Francis A. Walker (1840 -1897) adicionou mais uma questão em relação aos imigrantes. Em seu trabalho ele ligava a baixa taxa de natalidade dos nativos americanos a grande presença de imigrantes. Sob a justificativa que o nativo americano não gostaria que seus filhos tivessem que competir com imigrantes que trabalhavam por pequenas quantias e sob condições que nenhum verdadeiro americano deveria suportar. Uma vez que as taxas de nascimento de nativos americanos fossem tão baixas que levaria a extinção da raça anglo-saxã na América. A teoria de Walker ficou conhecida como “Suicídio Racial” e se tornou o *Shibboleth* os que desejavam a restrição de imigrantes.

A preocupação com o suicídio racial se popularizou quando o próprio presidente Theodore Roosevelt (1858-1919) engajou uma campanha para que mulheres nativas americanas tivessem mais filhos.

Apesar de ter simplificado a questão em um argumento contra o controle de natalidade... Suas tendências nativistas desejavam evitar o suicídio racial fazendo com que as mulheres garantissem o futuro da raça tendo mais filhos (HIGHAM, 2002, p.147).

Entretanto, apesar do receio do desaparecimento da raça, os restricionistas não conseguiram aprovar nenhuma lei que restringisse imigração, uma vez que, Roosevelt manteve a promessa de campanha de William McKinley (1843 -1901) de não promover nenhuma alteração significativa nas leis de imigração já aprovadas.

A *Immigration Restriction League* (IRL)⁸⁹ formada principalmente por estudantes da Universidade de Harvard, se tornou um importante grupo de pressão contra a imigração. Sua proposta era fundada em advertir sobre “os perigos e a necessidade de frear essa nova imigração” (SHARG, 2010, p. 71) O primeiro item da sua lista era o teste de alfabetização que, mesmo que não barrasse a imigração total retiraria os menos capacitados do país. Apesar da popularidade por volta de 1890s essa lei demoraria pelo menos 20 anos para ser aprovada.

Apesar de não ter produzido medidas concretas a propagação da ideia de suicídio racial serviu para “trazer para uma maior audiência o pessimismo racial antes restrito a um limitado grupo de intelectuais de classe alta” (HIGHAM, 2002, p.148). A única lei aprovada durante o período foi a *Anarquist Exclusion Act* em 1903, essa lei proibia a entrada de extremistas, mendigos e epiléticos.

⁸⁹ Liga de restrição à imigração

2.3.2. A Eugenia ganha os Estados Unidos.

Os estudos a respeito do tamanho craniano conduzido por Sir Francis Galton já tinham obtido grande sucesso ao fim do século XIX, entretanto, no começo do século XX que o cientista começou uma campanha para melhorar a humanidade. Em seu ponto de vista, para melhorar a humanidade “seria necessário procriar as raças superiores e restringir a cria das inferiores” (HIGHAM, 2002, p.150).

Uma teoria que estimulava as “raças superiores” reproduzir e pregava a que os não qualificados para a americanização “parassem de ter filhos”, parecia a solução perfeita para o problema do suicídio racial. Nos Estados Unidos o projeto de eugenia foi liderado por Charles B. Davenport (1866-1944). A agitação sobre eugenia nos Estados Unidos começou com a associação de fazendeiros que desejavam melhorar tanto o gado quanto a colheita. Em 1910 o país cria o Eugenics Record Office (ERO). A ERO tinha como objetivo fazer um cadastro da população americana e aconselhar pessoas ou localidades com problemas eugênicos. Entre outros membros notórios que participaram da ERO estão Madison Grant e Henry H Goddard. Goddard foi responsável pela tradução do teste de QI para o inglês. Goddard realizou uma série de testes com diversos homens de variadas idades. Os testes revelaram que “As mudanças nas regras que imigraram para o país e quem está vindo são os piores representante de cada raça” (SHARG, 2010 p.81).

A teoria eugénica representou um grande impulso para os nativistas. O desejo de impedir que imigrantes entrassem no país não era mais uma questão de tirar pessoas indesejadas baseados em critérios considerados subjetivos. Esses novos imigrantes representavam um risco a saúde da nação.

Do ponto de vista dos nativistas, a imigração era uma questão biológica, e admitir um plantel degenerado poderia ser considerado o pior pecado que a nação poderia cometer contra si mesma (HIGHAM, 2002 p.151).

Capítulo 3: Nativismo e Restrição.

O Caso dos Imigrantes Chineses e Japoneses Nos Estados Unidos.

Jean Pfaelzer relata em seu livro **Driven Out** o caso dos chineses que residiam na cidade de Chico estado da Califórnia durante o pânico de 1873. O pânico de 1873 é um desdobramento da depressão que atingia os Estados Unidos desde 1870, e teve como estopim o pedido de falência do banco *Joe Cook and Company* em Setembro daquele ano. Após a falência do banco um efeito cascata se alastrou pelo país levando uma série de bancos menores e de serviços interconectados.

Apesar da economia nacional em colapso, os chineses de Chico vendiam seus vegetais em carroças, lavavam e entregavam roupas, cozinhavam e limpavam, trabalhavam como babás, lavadeiras, jardineiros para mulheres brancas que nunca tiveram um servo antes (PFAELZER, 2008, ps.1450)^{lviii}.

A insistência de pessoas brancas em contratar e utilizar trabalho dos imigrantes chineses seria causa de mais uma proscrição desse grupo na Califórnia. Chineses foram gradativamente perseguidos por causa de sua etnia. A perseguição aos chineses não se baseou exclusivamente em períodos em que a economia estava em recessão, a vexação a esse grupo é foi uma constante desde que os primeiros imigrantes chegaram (SANDMEYER, 1991, p.10). Mas, assim como em outras partes do país, o ressentimento contra os imigrantes também chegaria à Califórnia. Sobre o sentimento dos americanos em relação aos chineses Pfaelzer explica:

A Suprema Ordem de Caucasianos, um grupo recém formado, utilizou de boicotes, incêndios e até assassinatos para alcançar seus objetivos. Um capítulo secreto da ordem no qual incluíam diversos advogados, muitos donos de lojas, e outros trabalhadores juraram aniquilar qualquer pessoa branca que não se juntasse ao grupo. Então publicaram uma lista de inimigos públicos que considerava: 1. Quem demitisse um homem ou mulher branco; ou um homem negro ou mulher negro (nascidos nos Estados Unidos) e o substituisse por um asiático; 2. Quem contratar uma enfermeira asiática; 3. Quem pagar fiança a um asiático; 4. Quem defender um asiático contra um homem branco perante a lei; 5. Qualquer proprietário de salão, restaurante, cafés, etc. que empregar asiáticos; 6. Aquele que ensinar a asiáticos qualquer tipo de traço ou arte da civilização ocidental (PFAELZER, 2008 ps. 1455, 1461)

O nativismo se manifestou das mais diversas formas durante o amadurecimento dos Estados Unidos. Cada um dos nativismos que proliferaram durante o século XIX no país teve como um grupo específico.

O caso dos asiáticos que residiam no país merece ser investigado por estudiosos do nativismo norte-americano pelo fato dos três principais nativismos terem se enquadrado tanto nos chineses quanto nos japoneses foram culpados por grupos americanos de ser um risco para a religiosidade, condições de trabalhos e para a raça americana como um todo. Todos os aspectos da vida asiática representavam, de alguma forma, um risco à americanidade. E os argumentos utilizados para evitar sua entrada no país, e, principalmente qualquer garantia constitucional foi utilizada pelos mais diversos grupos.

O movimento anti-asiático foi reafirmado por todos os traços identitários asiáticos, na interpretação dos nascidos nos Estados Unidos, ou imigrantes que adotaram sua

3.1. A imigração chinesa para a Califórnia.

O século XIX foi sem dúvida o século da imigração para os Estados Unidos. Durante esse período de tempo, milhares de pessoas vindas dos mais distantes e diferentes pontos do mundo chegaram ao país. Alguns foram bem recebidos, outros nem tanto, mas talvez nenhum outro grupo que chegou durante o século XIX obteve uma reação tão contrária quanto os chineses, principalmente se comparada seus números com a dos demais imigrantes classificados como indesejados.

Ao observar o processo migratório para o que viria a ser o estado da Califórnia, a despeito de os primeiros colonos terem chegado ainda na década de 1820 e da quantidade de terras disponíveis, poucos estavam dispostos a tentar a sorte em um lugar tão distante e inóspito. A localização foi um grande fator de repulsão de migrantes: situada na fronteira com o Pacífico, a região tentava atrair pessoas enquanto o Meio Oeste ainda era uma área selvagem. Além de longa, a travessia era perigosa, com constante temor de ataque de índios e a possibilidade de disenteria e cólera. Apesar das dificuldades, a descoberta de ouro por volta de 1849 na região de Sacramento tornou-se um fator de atração para a região antes mesmo de sua aprovação como parte da União – o estado da Califórnia seria oficialmente reconhecido em 9 setembro de 1850 – mas isso não impediu que pessoas tanto dos Estados Unidos quanto vindas de outros países fossem tentar a sorte em busca de metais preciosos.

Sua condição *sui generis* tornou a Califórnia do período *antebellum* de uma “pequena província de 13 mil habitantes para uma comunidade efervescente de aproximadamente 100

mil habitantes” (SANDMEYER, 1991, p.9). Diante disso, para dar conta da rápida transformação, toda mão de obra era bem vinda, até mesmo chinesa.

Os chineses começam a imigrar maciçamente para os Estados Unidos a partir de 1849, após a descoberta do ouro na região de Sacramento em 1848, e até a data da lei que proibia sua entrada, pouco mais de cem mil estaria vivendo no país (DÉCIMO CENSO dos Estados Unidos, I 382, 382,399 *apud* SANDMEYER 1991 p.17), dos quais 75% residiam na região da Califórnia. Assim como tantos outros *sojourners*, a maioria dos chineses que chegaram aos Estados Unidos durante esse período era composta por homens, jovens, que visavam ganhar dinheiro rapidamente e retornar para China, e a descoberta de ouro parecia ser a maneira ideal alcançar esse objetivo. A respeito da relação entre os chineses e os Estados Unidos, Daniels afirma que:

A identificação da Califórnia – e dos Estados Unidos – com ouro era tão forte no imaginário chinês, que os *kanjis* utilizados para escrever Califórnia também podem ser lidos como montanha de ouro (DANIELS, 2002, p. 239).

A maioria dos imigrantes que chegou entre 1849 e 1860 veio da província de Kwangtung, no sudeste da China, cuja principal cidade é Cantão, um dos poucos portos abertos para estrangeiros durante toda extensão do século XIX. Apesar de os estrangeiros não serem tão estranhos para os habitantes dessa região chinesa, os motivos que levaram a imigração em massa são mais internos do que externos.

Diferentemente dos primeiros imigrantes que vieram para a América procurando liberdade política e religiosa, os chineses que saíram de sua terra natal o fizeram em grande parte graças à superpopulação que afetava algumas áreas. Uma região superpovoada é extremamente suscetível a mudanças climáticas: secas, inundações, pragas, qualquer mudança no ecossistema levava milhares de chineses a passar fome. A já delicada questão alimentícia na China foi amplificada durante a Rebelião de TaiPing (1851-1864), a revolta iniciada por motivos religiosos que matou entre 30 e 50 milhões de chineses. Para muitos, morrer na jornada para outro continente ou morrer de fome em sua terra natal foi um forte motivo de expulsão populacional (SANDMEYER, 1991 pp. 12-14).

A despeito de a maioria dos imigrantes chineses serem homens jovens, solteiros ou que deixaram a família no país, algumas mulheres, mercadores, exilados políticos e estudantes também vieram para a América. Esses imigrantes muitas vezes buscavam recomeçar a vida nos Estados Unidos, e estavam dispostos a assimilar a cultura americana.

Durante o período da corrida do ouro na Califórnia, o estado era composto majoritariamente por homens jovens, mas, embora homens mais velhos também tenham resolvido se aventurar, poucos tiveram coragem de levar suas famílias. Além dos chineses, imigrantes italianos, franceses e canadenses também partiram para a região de Sacramento, todos atraídos pela perspectiva de enriquecer rapidamente. “A corrida do ouro permitiu que muitos americanos se aventurassem e apostassem o destino de uma forma que eles nunca imaginaram antes” (**American Experience**. 2014, min:0:00:38).

A cidade de São Francisco não acompanhou o rápido crescimento populacional ocorrido nos anos cinquenta do século XIX: bares, cassinos improvisados e prostíbulos eram os centros comerciais mais proeminentes em uma sociedade composta por homens com energia para gastar. Além de centros de diversão, outro comércio que floresceu no oeste foi o de material para mineração e armamento.

Os chineses que chegaram na Califórnia encontraram um lugar que cresceu mais rápido que o governo estadual era capaz de suportar em termos de infraestrutura básica. Na falta de autoridades oficiais, leis eram feitas e executadas por milícias, roubo de outro minerador era infração punível com enforcamento. Hotéis de todos os tipos recepcionavam os recém-chegados. Havia mapas com indicação de locais onde ficavam as melhores minas.

A realidade da corrida do ouro em 1848 foi uma história de sucesso, um tempo absolutamente maravilhoso. Pessoas chegavam a encontrar entre \$75.00 e chegando até \$200.000 (duzentos mil dólares). Esses rumores não eram exagerados, e sim fatos reais. Os acontecimentos de 1848 nutriram, estimularam e justificaram o impulso para migrar para a Califórnia. (Holliday, 2014 *apud* American Experience, 2014 min:)

O ano de 1848 contou com uma relativa tranquilidade entre os mineradores: apesar de haver tantos grupos étnicos distintos, poucos conflitos ocorreram durante o período. Grande parte dessa calma se deu graças à desconfiança de parte da população em acreditar na existência de ouro na região. No entanto, após a confirmação do Presidente James Polk (1795-1849) que de fato havia sido descoberto ouro na Califórnia, o número de pessoas que partiram em direção ao local aumentou. O crescimento da população mineradora na região fez com que enclaves de nacionalidades aparecessem (**American Experience**. 2014 min).

O nativismo californiano é fruto desse período. O ouro descoberto na região atraiu nativos americanos, imigrantes naturalizados e imigrantes que vieram com o propósito de enriquecer. O nativismo desse período pode ser percebido por um dos mitos que formaram a sociedade americana: o Destino Manifesto. A descoberta do ouro era um sinal em um lugar

tão inóspito era sinal que Deus aprovara a guerra de conquista da região e uma recompensa pela provação de civilizar a área.

O primeiro sentimento contra imigrantes se manifestou contra qualquer tipo, naturalizados ou não, que ameaçasse o direito americano de enriquecer: os “verdadeiros americanos” sentiam que possuíam mais direito de explorar aquelas terras que qualquer outra raça. Estrangeiros, na visão dessas pessoas, estavam roubando o que lhes era de direito, de modo que eles não hesitavam em expulsar imigrantes – principalmente latinos – à base de armas, à base de armas, ameaças e roubo dos seus ganhos. Assassinatos de imigrantes também não eram fatos isolados, assim como a inexistência de investigação dos autores do crime. As mudanças ocorridas no na década de 50 são descritas por Antônio Francisco Coronel (1817-1894):

Os campos eram basicamente separados por nacionalidades. Um domingo surgiram notícias que todos aqueles que não fossem americanos deveria deixar o local em 24hs; e aqueles que não obedecessem seriam forçados a tal. Isso foi apoiado por um grupo de homens armados, prontos para fazer valer essa declaração. (CORONEL, 1849 *apud* **American experience: Gold Rush**)

A fama de São Francisco como um lugar de promiscuidade não ficou isolada na costa oeste. As altas quantias perdidas em apostas foram relatadas nos mais diversos locais do país, mas a sociedade encarava a devassidão daquela área como apenas uma faceta da aventura de buscar riqueza em um lugar tão remoto.

Não foram apenas os americanos que se aproveitaram da liberdade da cidade de São Francisco. Com uma crescente população masculina, a maioria das mulheres chinesas que imigrou para os Estados Unidos eram prostitutas, muitas delas escravas enviadas contra sua vontade. Em 1860, a proporção era de 18,6 homens para cada mulher chinesa (U.S Census data *apud* DANIELS, 1997, p.6). No caso da comunidade chinesa, esses traços eram vistos nos chineses como parte de sua moral.

Sobre o começo da imigração asiática para a América, Roger Daniels comenta:

Os visitantes da montanha dourada eram parte de uma diáspora começada muitos séculos antes com a imigração chinesa em larga escala para o sudeste asiático. No começo do século XIX, antes da abolição da escravidão (nos Estados Unidos), ocidentais liderados pelos britânicos, criaram o então conhecido como *coolie trade* que transportava centenas de milhares de asiáticos, em sua maioria, para trabalhar em plantações em várias regiões tropicais e subtropicais (DANIELS, 1997 pp.3-4).

O Estado chinês sabia das péssimas condições enfrentadas por esses trabalhadores e se opunha ao sistema, mas a falta de cónsules na maioria dos países impedia uma fiscalização

das condições de trabalho. “Junto do império britânico o governo exerceu uma pequena fiscalização” (SANDMEYER, 1991 p.27). Em 1874, o governo tentou regularizar a situação, permitindo a saída apenas de imigrantes livres, mas, mesmo assim, muitos chineses continuaram sendo levados para trabalhar sob as pesadas condições do coolie trade ou tráfico continuaram a ser levados para trabalhar sob as pesadas condições do *coolie trade* ou tráfico, uma vez que, além de ilegal, muitas vezes os trabalhadores nem sabiam que tipo de trabalho iriam fazer.

Apesar da palavra *coolie*⁹⁰ ter sido amplamente utilizada dentro dos Estados Unidos para identificar asiáticos que ali residiam, o governo norte-americano deixou claro às autoridades chinesas que não fazia parte do *Coolie Trade*, e alegava que, em seu entender, a imigração era feita por homens livres e de forma espontânea (DANIELS, 2002, p.240). Os primeiros imigrantes que chegaram ao país entre 1849 e 1855 à procura de ouro satisfaziam as condições de imigração livre.. E desses, os que conseguiram uma quantia – mesmo que pequena – resolviam retornar para a China (SANDMEYER, 1991, p.14).

Em 1864, antes do desfecho da Guerra Civil, o presidente Lincoln aprovou uma lei que facilitava a entrada de imigrantes no país. Autorizava os estados a montar comissões em outros países para atrair imigrantes e autorizava a autorizava os estados a montar comissões em outros países para atrair trabalhadores e autorizava sua entrada sob contrato de trabalho.

Bem vindos em um primeiro momento para suprir a terrível necessidade de mão de obra, eles logo se transformaram na fonte de todos os males que atingiam o estado. Esse sentimento se desenvolveu em uma definitiva vontade de se livrar dos chineses, ou pelo menos evitar que eles aumentassem de número. Durante todo o período eles raramente eram vistos de acordo com seus méritos, mas sempre pelo ponto de vista de sua contribuição para os problemas que afetavam as cidades. (SANDMEYER, 1991, p.11)

A construção das primeiras ferrovias transcontinentais foi mais um fator de atração de imigrantes chineses para os Estados Unidos. Sandmeyer explica a diferença do contrato de trabalho e da dívida feita por chineses para chegar ao país:

Enquanto os contratos feitos através do *Coolie Traffic* eram vendidos e o trabalhador não tinha escolha sobre quem ele iria servir, os agentes retinham os bilhetes de crédito dos imigrantes para a Califórnia. Em outras palavras, a obrigação do trabalhador era diretamente com o agente que lhe emprestou o dinheiro, enquanto no *coolie traffic* o empregador exercia uma forte supervisão do empregado. No sistema americano, o empregado era livre para trabalhar para quem quisesse, contanto que fizesse seus pagamentos mensais (SANDMEYER, 1991, p.28).

⁹⁰ Apesar de ter o significado de mão de obra não qualificada, essa palavra se tornou uma forma ofensiva de chamar os asiáticos que foram para os Estados Unidos.

A revogação da lei que permitia a entrada de imigrantes ligados a contratos de trabalho não diminuiu a entrada de chineses nos Estados Unidos. Como tantos outros imigrantes sem condições de pagar as passagens para a América, os interessados a trabalhar nos países conseguiam o dinheiro por meio de agiotas. Muitos pegavam empréstimos de aproximadamente 70 dólares, sendo 50 para a viagem e o restante para manter-se no país, esperando obter 400 dólares antes de voltar para a China, dinheiro suficiente para pagar o empréstimo, 200 dólares com juros, e ainda ser considerados ricos em seu País de origem (DANIELS, 2002 p. 241). Os altos empréstimos requeridos pelos chineses fazia com que precisassem trabalhar por longos anos até poderem retornar para seu país. Por essa razão, muitos acreditavam que esses imigrantes chegavam atrelados a longos e injustos contratos de trabalho.

Contingente de chineses nos Estados Unidos, 1870-1930⁹¹

Tabela 3.1

Ano	Estados Unidos	Califórnia	%	Outros na C. Oeste	%	Resto do U.S	%
1870	63.199	49.277	78,0	13.554	21,4	368	0,6
1880	105.465	75.132	71,2	26.970	25,6	3.363	3.2
1890	107.488	72.472	67,4	24.372	22,7	10.644	9.9
1900	89,863	45.753	51,5	21.976	24,4	22.134	24,6
1910	71.531	36.248	50,7	15.686	21,9	19.597	27,4
1920	61.639	28.812	46.7	9.792	15,9	23.035	37.4
1930	74.954	37.361	50.1	7,522	10,0	30.071	40.1

Os imigrantes que chegavam eram em sua maioria absorvidos pela ferrovia. Estima-se que em 1867 aproximadamente 10 mil chineses estavam trabalhando em algum ponto da *Central Pacific* (DANIELS, 2002, p.242).

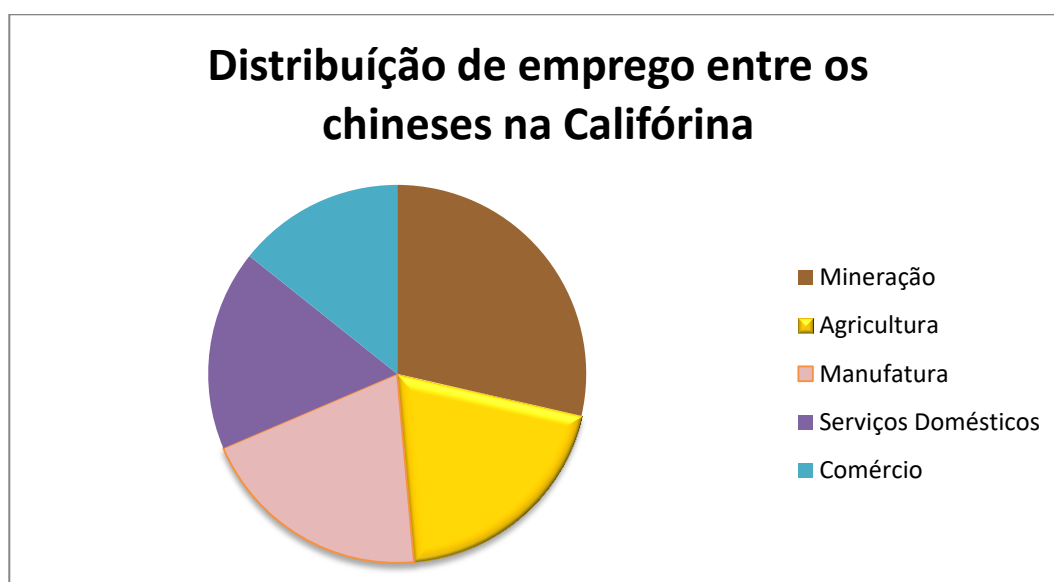
Assim como os irlandeses foram responsáveis por cavar canais e construir ferrovias na parte leste dos Estados Unidos, chineses fizeram muito pela parte oeste e Canadá. O trabalho na primeira ferrovia transcontinental incluía a difícil e perigosa tarefa de dinamitar através das High Sierras na Califórnia e Nevada (DANIELS, 1997, p.7).

Ao fim da construção, esses 10 mil chineses voltaram para a Califórnia, principalmente para São Francisco.

⁹¹ Para o sensu norte americano chinês era uma etnia, logo o sensu contabilizava tanto imigrante quanto seus descendentes.

Além de mineração e construção de ferrovias, os chineses também estavam engajados em outras atividades, como: agricultura, comércio, fabricação de roupas e sapatos, trabalhos domésticos e fornecimento de produtos típicos para seus pares que estavam no país. O porto de entrada para os chineses nos Estados Unidos foi a cidade de São Francisco, e muitos permaneciam nessa região: aproximadamente 1/5 dos imigrantes chineses e seus descendentes residiam na cidade. Foi em São Francisco que se formou a primeira Chinatown, local onde os chineses compravam, vendiam, se divertiam e socializavam. A China Town de São Francisco não se diferenciava de tantos outros enclaves que se formaram no país (DANIELS, 2002, p242).

Tabela 3.2



O que torna a experiência chinesa nos Estados Unidos tão peculiar não são as características de sua imigração, mas o forte racismo com que esse grupo foi tratado. Durante as últimas décadas do século XIX, diversas culturas eram consideradas inferiores e indesejadas pelos americanos, mas a única que contou com uma lei que os excluía de entrarem no país foi a chinesa. Segundo Higham, “nenhuma variedade de sentimento antieuropeu se aproximou da extrema violência que a agitação antichinesa acontecida entre 1870-1880” (HIGHAM, 2002 p.25).

Diferentemente dos irlandeses ou germânicos, acusados de não serem americanos por causa de sua religião, os chineses eram completamente “não americanos”. Eles não falavam inglês nem eram cristãos, vestiam-se de forma distinta e possuíam hábitos alimentares completamente diferentes.

Na visão dos americanos os chineses eram exóticos. Apesar das roupas, linguagem, higiene, hábitos de apostas, uso de ópio, tolerância a poligamia e prostituição. Os chineses também eram capazes de trabalhar por longas horas, sob terríveis condições que nenhum homem branco aguentaria. Esses hábitos eram considerados profundamente ofensivos e certamente não faziam parte de nenhuma versão da Cidade sobre a Montanha (SHARG, 2010 p.36).

Não há um evento específico que teria despertado o sentimento antichinês na costa oeste. Os chineses conseguiram aflorar sentimentos de preconceito, medo, receio e desconfiança em diversos grupos sociais. Chinatown era visto uma representação de tudo que os americanos acreditavam sobre eles: era como um ponto de promiscuidade, difusão de doenças, incêndios e pessoas aglutinadas em pequenos apartamentos.

“Na percepção americana todas mulheres eram prostitutas e os homens jogadores inveterados”. (SANDMEYER, 1991, p.36). Outros estigmas também foram atrelados aos chineses: a tolerância à prostituição era vista como uma ameaça à moral americana e também acreditava-se que chineses transmitiam doenças que os homens brancos não tinham. finalmente, o uso do ópio corrompia a população.

Sobre o ópio havia uma tolerância: enquanto o uso era restrito aos chineses, as autoridades não consideravam um problema, já que a droga os deixava “dóceis”. Porém, quando a população reconhecida por sua americanidade começou a usar a droga, as autoridades começaram a se preocupar. E somada a todos essas acusações, aos chineses eram atribuídos o roubo e diminuição dos salários dos “verdadeiros americanos”.

Originado em São Francisco, o movimento que visava proibir chineses de entrarem em solo americano logo ganhou força e se espalhou pela Califórnia e demais estados da costa oeste. O preconceito em relação aos chineses tinha raízes científicas, econômicas, culturais e religiosas. Em 1870 John Swinton (1829-1901), um importante líder sindical de Nova York, afirmou que: “chineses eram seres humanos inferiores, que traziam paganismo, incesto, sodomia além da ameaça da miscigenação para o litoral americano^{lix}” (DANIELS,1997, p.7).

Em 1850 a Califórnia não tinha poder para proibir imigração de um grupo em específico, mas isso não impediu a criação de leis locais que visavam dificultar a vida dos

imigrantes indesejados no estado. A primeira lei foi em 1850 e criava uma taxa de \$20,00 (vinte dólares) para licença de mineração para imigrantes. Apesar de ter sido criada para atingir...ter sido criada para atingir os mineradores chineses, ela também afetou mexicanos e outros estrangeiros não naturalizados. Pela dificuldade de fiscalização da vasta área de mineração, a lei foi revogada (SHARG, 2010 p.36).

A vontade de restrição dos chineses passou por momentos de ambivalência ao longo dos anos. Em 1852, o governador Democrata John Bigler (1805-1871) o governador rogou aos legisladores. O pedido do governador obteve pouco efeito, uma vez que o estado precisava de mão de obra, e a mão de obra chinesa era ideal para aqueles que construíam a cidade.

A mão de obra foi o argumento mais forte para aqueles que desejavam a manutenção dos chineses. Eles afirmavam que por receberem menos, os bens produzidos pelos chineses seriam mais baratos, além de permitir que os homens brancos adotassem empregos mais valorizados e que pagassem melhor. Apesar desses argumentos, o sentimento de intolerância só aumentou com tempo. Pois a mão de obra barata era apenas um dos problemas que esses estrangeiros representavam para a sociedade americana.

A noção de que chineses representavam uma ameaça aos valores americanos era compartilhada por outros setores além dos trabalhadores. Sandmeyer afirma que a “Nação chinesa possui uma das mais longas e contínuas identidades de toda existência”. Que séculos de invasões e guerras ajudaram a formar uma sociedade conservadora, fatalista e capaz de adaptar-se às mais diversas condições (SANDMEYER, 1991 p.23). A forte identidade cultural chinesa e a insistência dos imigrantes em manter esses hábitos, adotando poucas práticas americanas, aumentava ainda mais o sentido de desconfiança em relação a eles.

Os chineses eram fortemente ligados aos distritos no qual residiam, migrações entre províncias não eram comuns. Quando elas ocorriam os migrantes tendiam a se unir a pessoas da mesma província e forma uma guilda provincial. Na Califórnia existiam seis guildas. Com sede em São Francisco e conhecidas como “Seis Companhias Chinesas”... O controle estava na mão dos mercadores, e uma taxa de dez dólares era cobrada para todos que participavam, isto é, praticamente todos os chineses da costa (SANDMEYER, 1991, p.23).

A crise econômica que afetou o país entre 1873 e 1877 teve um importante papel no movimento contra os chineses. Até o começo da década de setenta, apesar de sofrerem forte preconceito dos mais diversos grupos sociais, os trabalhadores chineses ainda contavam, se não com apoio, com a simpatia do operariado norte-americano. Essa simpatia, contudo, acabaria após 25 chineses serem trazidos de São Francisco, Califórnia, para North Adams,

Massachusetts, com o intuito de substituir os trabalhadores grevistas de uma fábrica de sapatos (DANIELS, 2004, p.14). A União de trabalhadores, que até o momento acreditava que chineses que haviam chegado de forma livre no país mereciam a mesma proteção legal que os demais operários, passa a acreditar que sua presença seria nociva aos norte americanos.

Progressivamente, o movimento antichinês ganhou mais força no país: o que era inicialmente um problema californiano ganhou bastante visibilidade quando o próprio presidente Ulysses Grant (1822-1885) dirigiu o assunto da imigração chinesa no *State of Union* de 1874.

Grande parte dos chineses que chegavam ao país eram sob contratos involuntários, logo, eram imigrantes ilegais, - e ainda mais nocivas eram as mulheres chinesas, quase nenhuma realizava trabalho honroso, mas eram trazidas com propósitos vergonhosos. (DANIELS, 2004, p.17)

O presidente concluiu seu discurso afirmando que se alguma lei fosse criada para barrar essa prática maléfica, ele ficaria honrado em implementá-la. Vários motivos podem explicar a dificuldade que diversos grupos encontraram para legislar contra chineses.

Mesmo encontrando oposição dos mais diversos atores políticos, parte do congresso ainda não estava certo se deveria legislar de forma contrária à imigração, principalmente porque o próprio G.O.P havia apoiado e estimulado abertamente a vinda de imigrantes para o país. Em 1864 o partido republicano havia se declarado publicamente a favor da imigração, política que foi reafirmada em 1868 e 1872. Uma eventual proibição da entrada de chineses poderia preocupar outros grupos que chegavam ao país com capacidade de se naturalizarem e de votar. Grupos que sofriam discriminação por sua não americanidade poderiam acreditar que logo legislações semelhantes apareceriam contra eles. O G.O.P temia a perda do apoio desses imigrantes.

Somado ao receio de parlamentares em legislar sobre o assunto, muitos comerciantes pressionavam para que nenhuma lei fosse criada até que o tratado de Burlingame-Seward fosse revisado. Assinado em 1868, o texto estabelecia direito de reciprocidade entre americanos e chineses em relação à imigração e reforçava os tratados comerciais com a China sob o princípio da nação mais favorecida, além de garantir que os Estados Unidos não interfeririam nos problemas domésticos chineses. O tratado que visava, além de melhorar o comércio com a Ásia, trazer mão de obra barata para suprir a crescente demanda do país, acabou se tornando um dos mais importantes motivos da exclusão não ter acontecido antes.

3.1.1 O sentimento Anti-chinês

O que torna a experiência chinesa nos Estados Unidos tão peculiar não são as características de sua imigração, mas o forte racismo com que esse grupo foi tratado. Durante as últimas décadas do século XIX diversas culturas eram consideradas como inferiores e indesejadas pelos americanos, mas a única que contou com uma lei que os excluía de entrarem no país foi a chinesa. Segundo o historiador John Higham em seu livro *Strangers in the Land* “Nenhuma variedade de sentimento anti-europeu se aproximou da extrema violência que a agitação antichinesa acontecida entre 1870-1880” (HIGHAM, 2002 p.25).

Diferentemente dos irlandeses ou germânicos acusados de não serem americanos por causa de sua religião, os chineses eram completamente percebidos como “não americanos”. Eles não falavam inglês nem eram cristãos, vestiam-se de forma distinta, homens possuíam longas tranças, além de hábitos alimentares e comportamentais completamente diferentes.

Na visão dos americanos os chineses eram exóticos. Apesar das roupas, linguagem, higiene, hábitos de apostas, uso de ópio, tolerância a poligamia e prostituição. Os chineses também eram capazes de trabalhar por longas horas, sob terríveis condições que nenhum homem branco aguentaria. Esses hábitos eram considerados profundamente ofensivos e certamente não faziam parte de nenhuma versão da Cidade sobre a Montanha (SHARG, 2010 p.36).

Não há um evento em específico que teria despertado o sentimento antichinês na Costa-Oeste. Os chineses conseguiram foi aflorar sentimentos de preconceito medo, receio e desconfiança em diversos grupos sociais. *Chinatown* era visto uma representação de tudo que os americanos acreditavam sobre os chineses. Era como um ponto de promiscuidade, difusão de doenças, incêndios, pessoas aglutinadas em pequenos apartamentos.

“Na percepção americana todas as mulheres chinesas eram prostitutas e os homens jogadores inveterados”. (SANDMEYER, 1991, p.36). Outros estigmas também foram atrelados aos chineses; A tolerância a prostituição era visto como uma ameaça a moral americana, também acreditava-se que chineses transmitiam doenças que os homens brancos não tinham. O uso do ópio corrompia a população.

Sobre o ópio havia uma tolerância enquanto o uso era restrito aos chineses, as autoridades não consideravam o uso um problema, já que a droga deixava os chineses “dóceis” quando a população reconhecida por sua americanidade começou a usar essa droga,

as autoridades passaram a se preocupar. E somado a todos essas acusações, o chineses eram acusados de roubar e diminuir os salários dos verdadeiros americanos.

Originado em São Francisco, o movimento que visava proibir chineses de entrarem em solo americano logo ganhou força se espalhou pela Califórnia e demais estados da Costa-Oeste. O preconceito em relação aos chineses tinha raízes científicas, econômicas, culturais e religiosas. Em 1870 John Swinton (1829-1901) um importante líder sindical de Nova York afirmou que: “chineses eram seres humanos inferiores, que traziam paganismo, incesto, sodomia além da ameaça da miscigenação para o litoral americano” (DANIELS, 1997, p.7)^{lx}.

Em 1850 a Califórnia não tinha poder para proibir imigração de um grupo em específico, mas isso não impediu a criação de leis locais que visavam dificultar a vida dos imigrantes. A primeira lei foi em 1850 e criava uma taxa de \$20,00 (vinte dólares) para licença de mineração para imigrantes. Apesar de ter sido criada para atingir os mineradores chineses, essa legislação também afetou mexicanos, chilenos, argentino e outros estrangeiros não naturalizados. Pela dificuldade de fiscalização da vasta área de mineração a lei foi revogada (SHARG, 2010 p.36) (PFZAEZELER, 2008 ps. 1455)

A vontade de restrição dos chineses passou por momentos de ambivalência ao longo dos anos. Em 1852 o governador Democrata John Bigler (1805-1871) pediu para que os legisladores da Califórnia pedissem a exclusão dos chineses no congresso. O pedido do prefeito obteve pouco efeito, uma vez que o estado precisava de mão de obra, e a mão de obra chinesa era ideal para aqueles que construía a cidade.

A mão de obra foi o argumento mais forte para aqueles que desejavam a manutenção dos chineses. Eles afirmavam que por ter uma mão de obra barata, os produtos produzidos pelos chineses seriam mais baratos, além de permitir que os homens brancos adotassem empregos mais valorizados e que pagasse melhor. Apesar das tentativas de quem contratava os chineses o sentimento de intolerância só aumentou com tempo. A mão de obra barata era apenas um dos problemas que esses estrangeiros representavam para a sociedade americana.

A noção de que chineses representavam uma ameaça aos valores americanos era compartilhada por outros setores além dos trabalhadores. Sandmeyer afirma que a

Nação chinesa possui uma das mais longas e contínuas identidades de toda existência. Que séculos de invasões e guerras ajudaram a formar uma sociedade conservadora, fatalista, e capaz de adaptar-se as mais diversas condições (SANDMEYER, 1991 p.23).

A forte identidade cultural chinesa e a insistência dos imigrantes em manter seus hábitos, e adotarem poucas práticas americanas. Aumentou ainda mais o sentimento de desconfiança em relação a essas pessoas.

Os chineses eram fortemente ligados aos distritos no qual residiam, migrações entre províncias não eram comuns. Quando elas ocorriam os migrantes tendiam a se unir a pessoas da mesma província e forma uma guilda provincial. Na Califórnia existiam seis guildas. Com sede em São Francisco e conhecidas como “Seis Companhias Chinesas”... O controle estava na mão dos mercadores, e uma taxa de dez dólares era cobrada para todos que participavam, isto é, praticamente todos os chineses da costa (SANDMEYER, 1991, p.23).

A crise econômica que afetou o país entre 1873 e 1877 teve um importante papel no movimento contra os chineses. Até o começo da década de setenta, apesar de sofrerem forte preconceito dos mais diversos grupos sociais, os trabalhadores chineses ainda contavam com se não com apoio, com a simpatia do operariado norte-americano. Essa simpatia acabaria após 25 trabalhadores chineses serem trazidos de São Francisco, Califórnia, para North Adams, Massachusetts, com intuito de substituir o os trabalhadores grevistas de uma fábrica de sapato (DANIELS, 2004, p.14). A União de trabalhadores que até o momento acreditava que trabalhadores chineses que haviam chegado de forma livre no país mereciam a mesma proteção legal que os demais operários, passa a acreditar que a presença de chineses seria nociva aos trabalhadores norte americanos.

Progressivamente o movimento anti-chinês ganhou mais força no país, o que era inicialmente um problema californiano, ganhou bastante visibilidade quando o próprio presidente Ulysses Grant (1822-1885) dirigiu o assunto da imigração chinesa no *State of Union* de 1874.

Grande parte dos chineses que chegavam ao país eram sob contratos involuntários, logo, eram imigrantes ilegais, - e ainda mais nocivas eram as mulheres chinesas, quase nenhuma realizava trabalho honroso, mas eram trazidas com propósitos vergonhosos. (DANIELS, 2004, p.17)

O presidente concluiu seu discurso afirmando que se alguma lei fosse criada para barrar essa prática maléfica, ele ficaria honrado em implementá-la. Vários motivos podem explicar a dificuldade que diversos grupos encontraram para legislar contra chineses.

Mesmo encontrando oposição dos mais diversos atores políticos, parte do congresso ainda não estava certo se deveria legislar contrário a imigração, principalmente quando o próprio GOP havia apoiado e estimulado abertamente a vinda de imigrantes para país. Em 1864 o partido republicano havia se declarado publicamente a favor da imigração, essa política havia foi reafirmada em 1868 e 1872. Uma eventual exclusão da imigração chinesa

poderia preocupar outros grupos que chegavam ao país com capacidade de se naturalizarem e de votar. Grupos que sofriam discriminação por sua não americanidade poderiam acreditar que logo legislações semelhantes apareceriam contra eles. O GOP temia a perda do apoio desses imigrantes.

Somado ao receio de parlamentarem em legislar sobre o assunto, muitos comerciantes pressionavam para que nenhuma lei fosse criada até o tratado de *Burlingame-Seward* fosse revisado. Assinado em 1868, o texto estabelecia direito de reciprocidade entre americanos e chineses em relação a imigração, reforçava os tratados comerciais com a China sob o princípio da nação mais favorecida, além de garantir que os Estados Unidos não interferiria nos problemas domésticos chineses. O tratado que visava além de melhorar o comércio com a Ásia trazer mão de obra barata para suprir a crescente demanda do país, acabou se tornando um dos mais importantes motivos da exclusão não ter acontecido antes.

3.1.2 O caminho até a Restrição.

O governo da Califórnia tentou excluir os chineses de seu território assim que sua presença passou a ser perceptível: em 1850 foi promulgada uma lei que estabelecia taxa de 20 dólares para cada imigrante que quisesse trabalhar com mineração.

Em 1855 e 1859, o estado da Califórnia aprovou leis que proibiam a imigração de pessoas inelegíveis à cidadania. Em ambos os casos as leis foram consideradas inconstitucionais, já que somente o governo federal tem poder de legislar sobre o assunto.

Em 1852 a suprema corte da Califórnia decidiu que o testemunho de chineses não seria válido contra o de pessoas brancas no caso *people vs hall*⁹². A justificativa se baseou no fato de a Constituição não aceitar testemunho de negros ou índios, sendo assim, deveria aceitar apenas de pessoas que pudessem se naturalizar – pessoas brancas e livres. O texto da suprema corte continua com:

A mesma regra que admitiria o testemunho deles também admitiria a eles direitos iguais de cidadania, e logo nós os veríamos nas urnas, como jurados, nexercendo a função de juiz e nos corredores dos nossos legislativos.

A consequência dessa lei foi o aumento do roubo e violência contra os chineses envolvidos com mineração, pois se um homem branco não estivesse disposto a testemunhar em favor do imigrante, ele nada podia fazer contra seus agressores.

⁹² Decisão da suprema corte em *People Vs Hall* < http://www.cetel.org/1854_hall.html>

Apesar de não conseguir aprovar nenhuma lei que barrasse a entrada especificamente de chineses, em 1875 aqueles que desejavam maior restrição sobre a imigração conseguiram sua primeira vitória.

Assinado em 1875, o *Page Act* dizia que a imigração de asiáticos deveria ser feita por pessoas livres, proibia a entrada de pessoas que chegavam ao país sob contratos de trabalho, ou sem capacidade de se sustentarem, com antecedentes criminais (a não ser aqueles condenados por crimes políticos) e mulheres que visavam se prostituir. Apesar do texto não citar diretamente as mulheres chinesas, esse foi o grupo mais prejudicado pela lei, uma vez que, como expressado pelo próprio presidente Grant no discurso de 1874, a visão dos americanos sobre as mulheres chinesas não era positiva, e perdurava a crença de que elas chegavam no país, obrigadas ou de forma livre, com o intuito de se prostituir.

Apesar de nenhuma agência ter sido criada para aplicação da lei, e a corte federal insistir que deveria ser comprovado que as mulheres eram de fato prostitutas, é claro que a lei tornou mais difícil para mulheres chinesas entrarem no país, e fez com que muitas desistissem de tentar (DANIELS, 97, p.12).

As eleições do ano seguinte foram marcadas por forte movimento contra chineses. Ambos os partidos se comprometeram a legislar contra a presença asiática no país. “Além de posar como uma ameaça econômica aos trabalhadores americanos, chineses eram considerados universalmente como inassimiláveis” (Graham, 2001 p.96).

Em 1876 foi estabelecida uma comissão para averiguar o problema da imigração chinesa no país. Após questionar um grande número de pessoas na costa oeste, o comitê chegou às seguintes conclusões: era inegável que parte do progresso da região se deu graças aos trabalhadores asiáticos e que um grande número das pessoas que eram a favor da contínua vinda de imigrantes chineses eram capitalistas que tinha algo a ganhar ou com transporte dessas pessoas ou com a mão de obra barata que eles representavam. Alguns grupos religiosos também se consideravam a favor da vinda de chineses, uma vez que estariam realizando o trabalho de cristianização desse povo. Por outro lado, entre os que mais se opunham à presença chinesa no país estavam operários, mineradores e artesãos que reclamavam da perda de seus empregos para chineses, e de que estava cada vez mais difícil conseguir formas dignas de sobrevivência. O relatório da comissão seguia:

Mas não apenas trabalhadores se opunham a imigração chinesa, advogados, médicos, comerciantes, teólogos, juizes e muitos outros acreditavam que a aparente prosperidade derivada da presença chinesa seria temporária e nociva a classe

trabalhadora, além de promover o sistema de castas, os chineses seriam um perigo para instituições livre⁹³.

Vistos como uma sociedade de solteiros e heréticos, esse povo não conseguiria se adaptar ao que era entendido como americano: Religião, Idioma e Família. A falta de assimilação pelos americanos vai muito além da restrição legal de cidadania, muitos os consideravam uma raça inferior⁹⁴, com hábitos bárbaros que representavam um perigo à moralidade cristã e ao estilo de vida americano, que aceitava a trabalhar por quantias que nenhum americano conseguia competir, ou, segundo o relatório, “Chineses conseguem sobreviver onde americanos morreriam de fome”. Paganismo, poligamia e uso de drogas eram acusações recorrentes e muitos acreditavam que faltava a esse povo capacidade intelectual para conceber a ideia de um governo autônomo: nas palavras do próprio presidente Grant, não “há raça ariana ou europeia que não seja muito superior que a chinesa” (U.S. Congress, Senate, Report of the joint special Committee. Report 689 *apud* DANIEL, 2002, p.18). O relatório finalizado em 1877 foi fortemente contra a presença chinesa na costa oeste, e recomendou restrição à presença desses imigrantes.

Em 1879, uma lei que limitava a quinze o número de chineses permitidos em cada navio que entrasse no país foi aprovada, apesar de contrariar os preceitos estipulados pelo acordo de 1868. Ao aprovar a lei, o congresso norte-americano considerou que caberia ao presidente explicar ao governo chinês o porquê da quebra do acordo. O presidente Rutherford B. Hayes vetou a lei, e em sua justificativa para o veto afirmou que o país estava em negociação diplomática com a China para revisar o tratado Burlingame, o que deixaria claro para o congresso agir com sua aprovação. Em 1880 o tratado foi revisado, deixando os Estados Unidos livres para barrar a entrada de cidadãos do Império da China sem sofrer nenhum tipo de retaliação.

A questão antichinesa tornou-se um ponto importante durante a corrida presidencial de 1880, tendo ambos os partidos se pronunciado a favor da exclusão. Apesar do tom dos republicanos ser um pouco mais moderado que dos democratas, ficou claro que nenhum dos dois conseguiria apoio na costa oeste sem legislar sobre o assunto.

Assim, em 1881 uma lei que baniria trabalhadores chineses por vinte anos foi aprovada. Com receio de uma medida tão significativa prejudicar o país, o presidente Chester

⁹³ U.S. Congress, Senate, Report of the joint special committee to investigation Chinese immigration p. IV

⁹⁴ Apesar não se caracterizar asiáticos como raça hoje em dia, na época, a questão contra chineses envolvia exatamente essa palavra. Logo, para melhor compreensão da mentalidade da época, foi decidido pela manutenção da mesma.

A. Arthur vetou essa primeira lei, sob a justificativa de que uma experiência menos duradoura deveria ser feita. Em 6 de maio de 1882, a lei que excluía chineses de entrarem no país durante o período de dez anos foi aprovada.

A lei seria renovada por mais dez anos em 1892 e a exclusão se tornaria definitiva em 1902. Entre 1882 e 1902, diversos advogados contratados por grupos de asiáticos tentariam contestar a legitimidade do ato de exclusão chinesa.

A vontade dos litigantes chineses em confrontar o governo em uma sucessão de casos deu origem a uma delimitação mais clara dos limites da autoridade governamental e os direitos dos cidadãos e não cidadãos. Na defesa desses limites e direitos eles contribuíram mais para democracia e republicanismo sobre os quais seu país adotivo foi construído do que seus antagonistas (DANIELS, 1997 p.18).

Geralmente vista como a primeira grande vitória nativista no campo legislativo, o C.E.A. é a conclusão de anos de luta para os legisladores da Califórnia – e de toda costa oeste – para diminuir a entrada de chineses no país. Afora o forte apelo para restrição, a aprovação da lei em si não foi unânime, nem tampouco aprovada na sua primeira tentativa.

Entre os legisladores, os argumentos a favor da exclusão baseavam-se em fatores econômicos: chineses tiravam os salários e emprego de americanos e o dinheiro que recebiam não circulava de volta para a economia, uma vez que a maioria poupava ao máximo pra poder retornar para casa, e praticamente tudo que consumiam vinha da China. Outro argumento comum para os que defendiam a restrição estava no aspecto cultural dos chineses. Chinatown era vista como um amontoado de pequenos quartos de madeira, sem estrutura, suja e propícia a doenças “de chineses” que poderia passar para pessoas brancas.

A questão da falta da assimilação dos imigrantes chineses foi uma reclamação comum. Entretanto, os mesmos que reclamavam que os imigrantes não aceitavam a cultura americana não davam chances para que esses pudessem fazer parte entretanto, os mesmos que reclamavam que os imigrantes não aceitavam a cultura americana, não dava chance para que eles pudessem se inserir. O governo fez o possível para segregá-los. Antes da 14ª emenda, a segregação se dava na base da não naturalização pela cor. Com o advento dela, pessoas nascidas nos Estados Unidos eram cidadãos. Logo, apesar de pouca, havia uma pequena parcela de filhos de chineses com cidadania americana. Em 1896 *Plessy vs. Ferguson* oficializou a discriminação contra os orientais do país, pelo entendimento do “separados mas iguais”.

Havia aqueles que eram contrários à exclusão e apelavam para o argumento de que chineses eram bons trabalhadores, e que seus baixos salários permitiam que produtos mais baratos chegassem ao povo americano, o que permita que as indústrias pudessem investir em tecnologia o que não era pago em salários. Outro argumento comum para a manutenção do fluxo de imigrantes chineses se deu no fato de que esses chineses aceitavam trabalhos que os americanos rejeitavam

O representante Ezra Taylor (1823-1919) de Ohio argumentou em sessão do congresso que grande parte da dificuldade de interesse dos chineses em se americanizarem estava no fato de a própria lei do país impedir a sua naturalização. (Report of Joint Committee to investigate Chinese Immigration)⁹⁵.

A assimilação dos valores de um país que constantemente colocava seu povo em guetos sem contato com sua cultura se tornou uma tarefa árdua para os chineses da costa oeste.

Apesar do nome da lei ser *Chinese Exclusion Act*, ela não vetava efetivamente todo e qualquer chinês de adentrar no país: comerciantes, estudantes, professores, pessoas que estariam “viajando a passeio”, poderiam entrar. Entretanto, mesmo dentre o grupo que tinha direito à entrada na América, muitos eram vistos com desconfiança nos postos de imigração.

3.1.3 O que a restrição representou para a comunidade chinesa.

A lei foi, sem sombra de dúvidas, efetiva em sua premissa: diminuir o fluxo de chineses no país. Foi o primeiro ato do efetivo do governo federal para diminuir a imigração. Mesmo sendo limitada a um grupo específico, a aprovação da lei deu confiança aos grupos que exigiam uma maior restrição em relação aos imigrantes tidos como inferiores.

A aprovação do Ato de exclusão chinês teve um longo alcance. Seu impacto inicial foi sentido na comunidade sino-americana. Seu crescimento foi podado, e sua estrutura congelada. A população chinesa nos Estados Unidos passou a decrescer rapidamente a partir de 1890.

A predominância de imigrantes do sexo masculino, somado ao racismo americano e o conservadorismo chinês fez com que a população não se reproduzisse. Tornando a assim um

⁹⁵ Disponível em : < <https://archive.org/stream/reportofjointspe00unit#page/n9/mode/2up>> Acesso em 20/08/1916)

grupo cada vez menor e mais velho dentro do país. O número de chineses em território norte americano não diminuiu ainda mais graças as formas heterodoxas que encontraram para burlar a proibição. “Chineses não apenas cruzavam a fronteira ou pulavam de navios para entrar ilegalmente no país. Eles passaram a se aproveitar de desastres naturais para conseguir cidadania americana” (Daniels, 2002 p.16).

O primeiro grupo a entrar ilegalmente no país, se aproveitou maciçamente da destruição causada pelo terremoto e incêndios na cidade de São Francisco em 1906. Como grande parte da cidade foi destruída durante a catástrofe, e incluindo muitos documentos. Chineses passaram a forjar documentação que comprovava que eram nascidos no país. Uma grande quantidade de chineses se aproveitou para “forjar sua cidadania” e com isto, caso tivessem filhos, mesmo fora de território norte-americano, esses poderiam entrar livremente no país.

Essa característica legal foi responsável pelo fenômeno conhecido como filhos de papel. Muitos chineses que conseguiam se tornar cidadãos norte-americanos viajavam para china, e ao invés de trazer filhos, voltavam com primos, sobrinhos ou qualquer um disposto a comprar a vaga. A venda das vagas é em parte, responsável pela predominância masculina 87,4% na sociedade chinesa.

Essa predominância masculina é responsável pelo baixo crescimento populacional de chineses e seus descendentes. Poucas mulheres chinesas no país, somado ao fato que um cidadão americano pudesse trazer seus filhos, sua esposa não tinha o direito de entrar no país.

Para a comunidade chinesa a aprovação da lei deixava claro que eles não pertenciam nos Estados Unidos. Os chineses já presentes mantinham-se isolados em Chinatowns e evitavam ao máximo o contato com outros imigrantes.

A restrição também não significou que os chineses seriam deixados em paz.. Em muitos casos, cidades decidiram expulsar os chineses que lá viviam com uso de violência. Um exemplo é o de Takoma, Washington. Em 3 de Novembro de 1885 a população recebeu um aviso que teria dois dias para sair da cidade. Pessoas armadas foram garantir que seu desejo fosse obedecido. Os chineses saíram levando apenas aquilo que conseguiam carregar. Em 5 de Novembro a Chinatown de Takoma foi destruída (PFAELZER, 2008, ps, 220).

Ademais, muitos estados resolveram utilizar suas os *Black Codes* do sul para os imigrante indesejados do oeste. Deste modo, mesmo os cidadãos assegurados pela constituição continuavam como uma classe a parte. Quanto mais invisível melhor.

3.2 Então vieram os japoneses

A imigração japonesa, assim como a europeia e a chinesa, foi movida por forças políticas, econômicas, e mudanças sociais. Combinadas com oportunidade econômica decorrente do rápido desenvolvimento industrial dos Estados Unidos, o que atraía inúmeras forças de trabalho. Heuristicamente as leis propostas por Ravenstein também são aplicáveis a experiência da imigração japonesa. No caso do Japão os fatores de repulsão foram mais determinantes que os de atração. As transformações ocorridas durante a restauração Meiji tornaram a imigração a única saída para vários japoneses.

Um dos motivos para a imigração tardia dos japoneses se dá graças a uma lei que proibia de imigração de seus habitantes, ela só seria revogada em 1886 (NG, 2002 p.1). O país que tentou se manter fechado para os países ocidentais foi forçado a abrir suas seus portos para comércio quando o almirante Matthew Calbraith Perry (1794-1858) ameaçou o país em 1853. Este ato significou muito mais que forçar o país ao comércio, ele desencadeou todo período conhecido como Restauração *Meiji* (1868-1912). Marcado por um impressionante crescimento econômico, modernização e crescimento militar; numa tentativa de se equiparar às nações ocidentais.

Para financiar o crescimento do país diversos impostos foram aumentados e as regras de pagamento alteradas. As transformações nas taxas que incidiram sobre o campo tiveram impacto sobre o começo da imigração. Os impostos que durante o Período Tokugawa (1603-1868) podiam ser pagas em suplementos agrícolas, e que eram colocados sob a responsabilidade de uma pessoa ou de uma aldeia, passam a partir de 1778 a ser exigidas somente em dinheiro.

O valor do imposto que era calculado sobre o rendimento da terra, passou a ser cobrado pela capacidade de produção. As aldeias também não poderiam mais pagar seu imposto coletivamente. Isso fez com que muitos agricultores incapacitados de pagar seus impostos perdessem suas terras. A mudança nas regras de alistamento militar também foi um fator de repulsão para os japoneses. “A obrigação de alistamento tiraria homens das lavouras,

uma das formas de evitar o alistamento seria a imigração até o período onde ele não seria mais obrigado” (NG, 2002, p.2)^{lx}.

Concomitantemente com as transformações dentro da sociedade japonesa, os donos de canaviais no Havaí enfrentavam um verdadeiro problema de escassez de mão de obra. A população local que trabalhava nos canaviais diminuía enquanto a demanda por cana de açúcar aumentava. Esta situação fez com que os produtores procurassem por mão de obra disponível em outros lugares. A primeira tentativa de trazer japoneses para o Havaí se deu em 1868. Aproximadamente 150 japoneses foram para a ilha trabalhar sob contratos de trabalho estipulados pelo *Masters and Servants Act* de 1850⁹⁶. As péssimas condições impostas pelos proprietários de terra reportadas pelos jornais japoneses revoltaram a opinião pública. Por conta do fracasso da experiência no Havaí a imigração japonesa seria proibida até 1886 (DANIELS, 1977, p.4).

Apesar da proibição de imigração estar em vigor, a imigração japonesa para o Havaí volta a ocorrer em 1884. E dez primeiros anos aproximadamente 30 mil japoneses imigraram para o Havaí, a maioria sob contrato de trabalho (DANIELS, 1977, p.6). O *Chinese Exclusion Act* de 1882 diminuiu a oferta de mão de obra barata na Califórnia, e os donos de plantações que dependiam deste tipo de mão de obra, logo procuraram um substituto para a mão de obra chinesa. Em 1885 os primeiros imigrantes começam a se deslocar do Havaí para os Estados Unidos.

Assim como os chineses que chegaram quase meio século antes, os japoneses eram completamente não americanos. Também possuíam hábitos, língua, dieta religião e traços físicos completamente diferentes dos americanos. Outro ponto que congruência entre a imigração chinesa e a japonesa encontra-se na sua demografia. A maioria dos imigrantes era homem, jovens e dispostos a voltar para o Japão quanto obtivessem recursos para obter uma vida tranquila em seu país de origem.

Ao fim do século XIX a população da Califórnia não sabia diferenciar um chinês de um japonês, na concepção deles eram todos mongóis, vindos de uma raça inferior que representava uma ameaça a valores e instituições americana. Quando a imigração japonesa começa a se tornar visível nos Estados Unidos. As pessoas acreditavam que a imigração

⁹⁶ Os termos do contrato determinava que os japoneses trabalhassem por 36 meses no Havaí pelo valor de \$4 (quatro dólares) por homem por mês, metade do pagamento deveria ser retido até o fim do contrato. Aqueles que descumprissem o contrato poderiam ser presos.

japonesa era apenas a continuação da invasão mongol que pretendida tomar a Califórnia aos poucos.

Logo, todos os estereótipos negativos associados aos chineses foram sendo agregados aos japoneses. Na visão dos americanos, tanto os chineses quanto os japoneses não passavam de raças impuras que sujariam o país. Esse sentimento comum para muitos americanos pode ser sintetizado nas palavras de Samuel Gompers “Os Estados Unidos e o Canadá deveriam se manter um país de homens brancos” (DANIELS, 2005, p.18).

3.2.1 Novo alvo mesmo nativismo.

Durante a primeira década do século XX, chegaram um pouco mais de cem mil japoneses, sendo esse número bastante baixo se comparado ao total dos 8.8 milhões de imigrantes que entraram no país entre 1901 e 1910 (U.S Censos Data *apud* DANIELS, 2005 p.8).

A medida que os isseis se fizeram cada vez mais presentes no estado da Califórnia, o preconceito que os americanos já nutriam anteriormente pelos chineses foi sendo rapidamente transferido para os japoneses. Muitos americanos acreditavam que a entrada dos japoneses servia apenas como uma forma de contornar o *Ato de exclusão* de 1882, e preencheria o espaço deixado pelos chineses.

Assim como aconteceu como os chineses por volta de 1870, a associação de trabalhadores de São Francisco foi o primeiro grupo a considerar os japoneses um perigo para a sociedade. Eles alegavam que a entrada dos *coolies* de origem japonesa era uma representativa ameaça ao padrão de vida do trabalhador americano (SHARG, 2020, p.36) A associação de trabalhadores reclamava principalmente dos baixos salários e as longas jornadas aceitas por essa determinada mão de obra externa. A exemplo está o caso de 25 de julho de 1888, *The Coast Seaman's Journal*, quando o jornal trabalhista mais influente do oeste de Chicago e porta voz do conselho de importadores de São Francisco, alertou seus leitores acerca daquilo que ele chamou de “O Recente desenvolvimento de uma nova questão mongol” (DANIELS, 1997, p.7)

O primeiro grande debate sobre a questão japonesa se deu em 1900 e foi centrado em São Francisco, durante um debate sobre a continuação do *Chinese Exclusion Act* Assinada em 1882 pelo presidente Chester A. Arthur (1829–1886), esse ato proibia a entrada de trabalhadores chineses capacitados ou não por dez anos; em 1892 o ato foi renovado, e

suspendeu os poucos direitos que os chineses ainda possuíam. Parte dos principais políticos do Estado e de líderes trabalhistas desejavam que fosse incluído no texto da lei não só a exclusão de japoneses, mas que essa se estendesse a todos os asiáticos. Mais uma vez sob a justificativa de que proibindo a entrada desse grupo, salvaria milhares empregos norte-americanos, que poderiam ser aproveitados por cidadãos considerados honestos.

Zinn traça alguns motivos do por que as uniões de trabalhadores temiam tanto os imigrantes. Para Zinn, a entrada cada vez maior de imigrantes trazia um superávit na mão de obra, fazendo assim com que os salários pagos aos trabalhadores fossem cada vez mais baixos. Além disso, os imigrantes eram mais “controláveis” por estarem por conta própria sem ter em quem confiar ou contar em caso da perda de emprego. Assim, muito úteis para furarem greves e enfraquecer o movimento dos trabalhadores (ZINN, 2003 ps.203).

Muitos deputados da Califórnia eram a favor da inclusão dos japoneses no ato, mas havia um receio coletivo de que se o termo *asiático* fosse incluído poderia alterar o texto da lei de tal forma que o veto parcial dado em 1882 se tornasse total. E além de não poderem excluir os japoneses, corriam o risco de terem que lidar com a volta do problema chinês. Como em 1900 a questão dos japoneses incomodava principalmente os residentes de São Francisco, e por considerarem a questão muito pontual, os deputados acharam melhor não incluir a questão japonesa no debate na câmara.

A desvalorização dos salários dos trabalhadores pela maciça entrada de imigrantes era uma reclamação constante no começo do século XX das uniões de trabalhadores das principais cidades do país. Mas não há dúvidas que, no caso da Califórnia, um forte apelo racista foi responsável pela tentativa de inclusão dos japoneses no ato de exclusão de chineses. Para a grande maioria da população americana, todos os orientais eram parte de uma mesma raça inferior, que seus valores deturpados infectariam os valores do homem branco americano. O prefeito de São Francisco James Duval Phelan sintetizou esse pensamento das uniões trabalhistas em 07 de maio de 1900.

Os japoneses estão começando o mesmo tipo de imigração que nós achávamos que tínhamos cessado vinte anos atrás... Os Chineses e os Japoneses não são cidadãos idôneas. Eles não são feitos da mesma coisa que os americanos são... Pessoalmente nós não temos nada contra os japoneses, mas eles não conseguem assimilar nosso estilo, e a vida social deles é tão diferente da nossa, vamos mantê-los a uma distância respeitável (DANIELS, 1977 p.150)

Em um ponto, as palavras de McClatchy tinham verdade, os isseis nunca poderiam se tornar cidadãos norte-americanos. A décima quarta emenda da constituição, ratificada logo após a guerra civil, garantia a cidadania a todos os nascidos em seu território e o direito de se naturalizar a brancos e negros. Todos os “amarelos ou marrons” foram deliberadamente omitidos do texto. Então, mesmo os que vieram para o país com o intuito de torná-la sua nova pátria eram classificados como estrangeiros ilegíveis à cidadania. Tendo como consequência mais direta desse ato a incapacidade de votarem ou se elegerem a cargos públicos. A falta de representatividade dos asiáticos no poder legislativo fez com que seus interesses fossem, se não ignorados, não tratados com a mesma atenção daqueles que tinham direito a voto.

Após a aprovação definitiva da lei de exclusão de chineses, em 1902, os ânimos na Califórnia se acalmaram. Fato relacionado com a perspectiva de muitos que acreditaram logo em uma lei de exclusão contra japoneses e que ela seria aprovada. Mas esse período de relativa tranquilidade não durou muito.

3.1.2 O caminho para a restrição.

Em 1905 uma nova profusão de protestos contra os japoneses começou na Califórnia, e dessa vez, não se restringira as fronteiras da cidade de São Francisco. Em 23 de fevereiro, o jornal *The Chronicle* estampava a seguinte notícia: “A invasão japonesa, o problema do momento” (DANIELS, 1977, p.10) que aproximadamente cem mil dos “pequenos homens marrons⁹⁷” já viviam no país, o jornal assegurava que eles não eram melhores que os chineses, que vinham para o país com a missão de roubar trabalho dos brancos (DANIELS, 2005 p.13).

Inspirados no *the Chronicle*, diversos outros jornais passaram a fazer matérias sobre o perigo amarelo. As manchetes variavam entre as feitas para provocar raiva na população como: “Homens marrons, um mal dentro das escolas” (DANIELS, 1977, p.15), até as completamente fantasiosas dentro do estilo paranoico: “Como artesãos marrons conseguem roubar cérebro de brancos” (DANIELS, 1977 p.15).

As notícias tomaram um tom ainda mais alarmista quando a guerra entre o Japão e Rússia começou. Acreditando na supremacia da raça branca, os jornais de São Francisco apostavam em uma derrota rápida do Japão, e uma das consequências dessa derrota seria uma invasão de japoneses.

⁹⁷ Uma porção dos japoneses que migraram eram da província de Okinawa, onde eles são mais morenos que o restante dos japoneses por isso vemos a utilização do termo “marrom” ao se referir aos japoenses.

Uma horda de soldados maltrapilhos invadiria o estado com seu temperamento descomedido e sua raiva, dispostos a trabalhar por qualquer esmola, e assim diminuir o salário com o qual um homem branco dificilmente consegue se sustentar (DANIELS, 1977 p.)

Não demorou muito para que os políticos da Califórnia ouvissem os jornais, no começo de março e a assembleia legislativa aprovasse por unanimidade nas duas casas a primeira resolução antijaponesa. Essa resolução visava limitar e diminuir a entrada de japoneses e se fundamentava em alguns pontos que valem a pena serem transcritos nesse trabalho:

I ... Os trabalhadores japoneses por razões de hábitos da raça, modo de viver, disposição e características gerais são indesejáveis.

II ...[Japoneses] estão barrados de se naturalizarem, e não podem, mesmo se eles quisessem, o que eles não querem – se tornar cidadãos.

III ... Trabalhadores japoneses não possuem vontade, nem inclinação para assimilar com a nossa cultura ou se tornarem americanos.

Tabela Contingente de Japoneses nos Estados Unidos entre 1900 - 1930

Ano	EUA	Costa Pacífica	Percentual*	Califórnia	Porcentual
1900	24.326	18.262	75,1	10.151	41,7
1910	72.157	57.703	80,00	41.358	57,3
1920	111.010	94.490	85,1	73.912	66,6
1930	138.834	119.892	86,4	97.456	70,2

Apesar do desejo da lei de proibir a entrada definitiva de japoneses no Estado, essa prerrogativa cabia apenas ao Senado e cabível a veto presidencial, os legisladores californianos podiam aprovar leis que perseguiram e segregavam os japoneses, mas não uma lei que efetivamente os proibissem de entrar ou serem expulsos do Estado. Até a década de quarenta, a cada dois anos algum tipo de lei anti-nipônica foi aprovada pelo Estado da Califórnia.

O Estado da Califórnia estava procedendo com os japoneses da mesma forma que procedeu com os Chineses, começando com uma série de leis estaduais restringindo sua presença, deixando claro que eles eram considerados pessoas indesejadas no Estado, e esperavam apoio popular suficiente para os senadores californianos propusessem uma lei que restringisse de vez a entrada de japoneses no país. O único problema era que o Japão e a China eram países muito diferentes.

Enquanto um, após uma revolução interna, caminhava por se tornar uma potência regional, o outro sofria nas mãos das colônias imperialistas. A vitória japonesa sobre a Rússia mostrava o crescente potencial militar do arquipélago. Outra característica peculiar do império Japonês, ele acreditava que o tamanho de uma potência também era medido pela forma com que seus cidadãos eram tratados fora de seus domínios. Isso explica porque a questão dos alunos japoneses na Califórnia causou muito mais constrangimento para o governo federal dos Estados Unidos do que para o Estado da Califórnia, e os japoneses não aceitariam tão passivamente a exclusão de seus habitantes, como os chineses fizeram⁹⁸.

Baseada na decisão da suprema corte de 1896⁹⁹, o Estado da Califórnia já aplicava a lei de separados, mas iguais, para colocar crianças chinesas em escolas distintas das crianças brancas. A proposta de incluir as crianças japonesas nas escolas em *Chinatown* não era nova, já vinha se debatendo a ideia desde 1893, mas somente em Outubro de 1906 a lei foi efetivada. Este ato teve pouca repercussão dentro do próprio Estado da Califórnia, e não teria importância alguma nacional ou internacionalmente, se depois de alguns dias um jornal de Tóquio não tivesse reportado tal ato, como uma “total exclusão das crianças japonesas dentro dos Estados Unidos” (DANIELS, 1977, p.34).

Para os cidadãos norte-americanos a exclusão por raça era uma prática perfeitamente legal. E o caso do Conselho de educação, como esse problema ficou conhecido, envolvia duas questões. Os Nisseis, que como cidadãos americanos poderiam ser incluídos dentro da restrição, e os isseis que, como cidadãos japoneses, eram amparados pela lei da nação mais favorecida assinada em 1894; esses não poderiam ser excluídos.

Os japoneses consideravam essa separação uma ofensa, e os californianos, apenas mais uma lei que tentava separar os perigosos japoneses de suas crianças. O presidente Roosevelt foi pego no meio desse impasse. Da mesma forma que ele não desejava descontentar completamente os japoneses, com quem ele estava negociando o tratado de paz com a Rússia, ele também sabia que o Estado da Califórnia não aceitaria nenhuma lei que obrigasse os japoneses a irem à mesma escola que seus filhos. O presidente tinha consciência de que nenhuma medida que garantisse igualdade entre os japoneses e brancos passaria no

⁹⁸ Houve reclamação do embaixador chinês nos estados unidos quando no momento da exclusão, elas só foram ignoradas.

⁹⁹ Baseado no caso de *Plessy v Ferguson*, a suprema-corte exigia que os mesmos serviços básicos do Estados fossem providos, mas não haveria problema em restringir pra que grupo étnico o local seria servido. Por mais que essa lei fosse mais usada na questão da segregação entre negros e brancos, ela serviu como precedente para separação de qualquer minoria étnica que não deveria se misturar com brancos.

senado, uma vez que os Estados do Sul apoiavam completamente a lei de separados, mas iguais. Mesmo contra os protestos dos moradores da Califórnia, ele pretendia garantir os direitos dos Isseis.

Theodore Roosevelt sabia que a questão dos alunos era apenas a ponta do iceberg, e que constantes conflitos continuariam entre a comunidade nipônica e a californiana, os ataques a cidadãos japoneses se tornariam cada vez mais comuns, e ele temia que essa atitude isolada de um pequeno grupo pudesse levar a um acidente diplomático mais grave. A preocupação com o Japão em 1906 não era uma preocupação sem fundamento. O país asiático havia crescido econômica e belicamente, e num período de uma década havia travado duas guerras, uma com a China e a outra com a Rússia, em ambas saindo vitorioso. Theodore era pragmático o suficiente para saber que uma guerra com o Japão não era ideal, principalmente depois da perda de homens e de sua popularidade causada pela interferência nas Filipinas.

Em seu discurso anual ao congresso, o *State of Union*, ele gastou meia hora falando do meio século das relações pacíficas entre os Estados Unidos e o Japão. E demonstrou sua preocupação específica com a Califórnia em duas partes do discurso.

Mas aqui e ali um sentimento indigno tem se manifestado em relação aos japoneses [como] expulsá-los das escolas comuns de São Francisco [e] murmuram contra eles em um ou outro lugar por conta de sua eficiência como trabalhadores. Excluí-los das escolas públicas é um vil absurdo... Eu recomendo ao congresso um ato a ser passado especificamente permitindo a naturalização de japoneses que vem aqui para se tornar cidadãos americanos. A máfia de uma única cidade pode a qualquer momento fazer um ato de violência, que nos empurraria para uma guerra... é impensável que nós devemos continuar com uma política que permite crimes contra uma nação amigável (Notes and papers of president vol X *apud* DANIELS, 1977, p. 39).

Roosevelt queria evitar uma guerra contra o Japão o máximo que pudesse. E para isso ele sabia que deveria impedir que os moradores continuassem a agredir os japoneses, e a única forma de evitar isso seria impedindo a entrada de japoneses no território americano, por outro lado ele sabia que o governo japonês não aceitaria um simples ato de exclusão contra seus habitantes. Foi necessário quase um ano de negociação para que se chegassem ao *Gentlemen Agreement* (1907). No acordo, o governo japonês se comprometia a não emitir passaportes para trabalhadores, capacitados ou não. Seriam emitidos apenas para trabalhadores que já estiveram no país, assim como para os pais, filhos e esposas de trabalhadores residentes no País. E o governo da Califórnia se comprometia a não excluir os alunos japoneses, sob algumas condições: Os alunos Isseis mais velhos que apresentassem

dificuldade com a língua deveriam ser colocados juntos com outros alunos estrangeiros de faixa etária semelhante para melhor adaptação.

O que foi apresentado para o governo da Califórnia como uma lei de exclusão de japoneses não funcionou da forma esperada para os governantes do estado, na verdade, o que eles observaram é que o número de japoneses aumentava ao invés de diminuir. Grande parte disso pela brecha na lei que permitia que os isseis trouxessem suas esposas.

Essa brecha se deu muito mais pela falta de conhecimento do governo dos costumes japoneses, do que era visto pelos representantes da Califórnia como um plano de Washington e Tóquio para inundar Costa Oeste de japoneses (DANIELS, 2005). De 1907 até 1924, quando o governo americano iria excluir completamente a entrada de japoneses em seus territórios, aproximadamente vinte mil mulheres adultas entraram no país (DANIELS, 2005, p.255).

Poucas mulheres japonesas foram realmente deixadas por seus maridos no Japão. A grande maioria se casou com homens que viajaram para o Japão apenas para a realização da cerimônia. E outras, chamadas de “noivas de fotografia”, se casavam no Japão sem a presença do marido, e só viriam a conhecê-los quando chegavam ao território norte americano.

As “noivas de fotografia” era um costume bastante comum no Japão, mas pouco conhecido nos Estados Unidos. E foi interpretado como uma forma de ludibriar o governo da Califórnia. Além de manter ativa a imigração do Japão para os Estados Unidos, a vinda de esposas fez com que muitos japoneses temendo um ato de exclusão total se casassem. O que resultou em uma mudança na característica da presença nipônica no país.

Assim como os chineses no momento do ato de exclusão, ambas as comunidades eram formadas majoritariamente por homens com pouca presença feminina. No caso chinês, a pouca presença feminina, a dificuldade de casamentos fora da mesma etnia, e a impossibilidade de trazer esposas, fez com que a população encolhesse rapidamente. Já no caso japonês, além da manutenção do fluxo migratório, mesmo que visivelmente menor, as permissões do *Gentleman Agreement* deram uma característica nova ao perfil dos japoneses vivendo nos Estados Unidos, a mais significativa, a presença de crianças nascidas no país e que, por lei, cidadãos norte-americanos.

Acreditando que Washington havia falhado com sua promessa de limitar a imigração japonesa, o governo da Califórnia acreditou que não precisava cumprir sua parte no acordo. E

a perseguição contra japoneses mais uma vez voltou a tomar conta do Estado. A partir de 1909 a grande meta dos legisladores californianos seria a proibição de que japoneses pudessem adquirir terras.

Em 1909, os fazendeiros japoneses da Califórnia controlavam aproximadamente 150,000 acres de fazenda, e a agricultura era a fonte de sobrevivência de grande parte dos que residiam no país. A primeira lei, proposta em 1909 visava proibir que estrangeiros ilegíveis à cidadania pudessem ter terras em seus nomes, como também visava a proibição de outros cidadãos de arrendar terras para esse tipo estrangeiro¹⁰⁰. Os legisladores californianos alegavam que a constituição norte-americana era preconceituosa contra asiáticos, uma vez que lhes impedia a cidadania, e que o próprio Japão proibia que estrangeiros possuíssem terras em seu país. Isto dava ao Estado da Califórnia o direito de retribuir essa proibição¹⁰¹. Apesar dos apelos dos legisladores californianos, a lei não foi aprovada em 1909.

Apesar de não ser muito efetiva do ponto de vista prático, a *Alien Land Act* teve um importante papel no agravamento das tensões entre Estados Unidos e Japão. Em 17 de abril aproximadamente vinte mil japoneses, principalmente jingoístas e outros grupos mais radicais gritavam nas ruas de Tóquio exigindo que a frota imperial partisse para a Califórnia e garantisse os direitos dos cidadãos japoneses, e mantivesse a dignidade da nação. Apesar de não dar ouvidos aos protestos das ruas, o governo imperial reagiu fortemente à lei, alegando que era um afronta às regras dos tratados, enquanto Washington dizia que nenhuma discriminação era pretendida pelo Estado da Califórnia.

Apesar do governo da Califórnia ter dado sinais de que continuaria com a implementação das leis discriminatórias contra os asiáticos, entre 1913 e 1919 pouca atividade se deu no âmbito legal, apesar do aparecimento de grupos de pressão em todo Estado da Califórnia determinados em fazer campanha contra os japoneses. O desaparecimento das leis se deu em grande parte pelo fato do Japão ter declarado guerra contra a Alemanha.

As políticas antinipônicas voltariam a dominar a agenda dos políticos da costa oeste a partir da década de 20. No sétimo capítulo do seu livro *Politics of Prejudice*, o historiador Roger Daniels cita três fatores que influenciaram diretamente o crescimento das animosidades

¹⁰⁰ Assembly Bill 78 de 1909 em Journal Assembly

¹⁰¹ A lei japonesa se estendia a todo e a qualquer estrangeiro, sem restrição, mas permitia o arrendamento de terras por estrangeiros.

contra os japoneses dentro do território americano. O primeiro fator seria o forte crescimento da ideologia racista na década de 20, com forte influência do livro *Rising Tide of Color* de Theodore Lothrop Stoddard, que considerava a imigração dos “coloridos” um perigo universal que ameaçava cada parte do mundo branco.

A obra de Stoddard influenciou diretamente o pensamento norte-americano dos anos vinte, principalmente nas questões raciais, e nas leis anti-imigração que seriam propostas durante essa década, principalmente pelas ideias de eugenia e darwinismo social presentes em sua obra. Stoddard colocava negros, latinos e asiáticos como raças inferiores, e considerava a missão do homem branco liderar essas raças.

O “*tribal twenties*” como John Higham chama a década de vinte, foram marcados pela força que o nativismo obteve dentro da política norte-americana. Partindo da perspectiva nativista, pode-se justificar todo o início da política discriminatória contra imigrante, como por exemplos as leis de 1917, que passaram proibir a entrada de analfabetos, criminosos, ou pessoas que não alcançavam determinados aspectos morais, loucos, ou associados a ideologias radicais. Por nativismo entende-se toda medida e ação contra cidadãos não nascidos naquele determinado país. E nela se estabelece ainda o aparecimento de grupos de extrema direita, como os *Know Nothing*, que mesmo depois da extinção de seu partido, suas ideologias serviriam para embasar a formulação de leis que buscavam a diminuição, em alguns casos a total proibição, da entrada de imigrantes, principalmente os não caucasianos, em território norte americano no final do século XIX. Somado ao nativismo, as ideias de eugenia, ajudaram a reforçar um já existente sentimento de repúdio para com os povos que não se encaixavam aos padrões que elas acreditavam serem superiores.

O segundo fator apontado pelo historiador seria o crescimento bélico do Japão, chamado por membros mais alarmistas de a “Alemanha asiática¹⁰²”. Muitos cidadãos acreditavam que o Japão estava se preparando para anexar os territórios do Havaí e os estados da Costa Oeste. Essas ideias foram bastante influenciadas pelo deputado Hobson, veterano da guerra hispano-americana, o congressista começou sua campanha contra os japoneses ainda em 1908, quando ele já chamava atenção para o *perigo amarelo* que sondava a América. O deputado previa que “Após conquistar a china, o Japão logo seria capaz de comandar recursos militares de toda a raça amarela”. E que os japoneses “são a raça mais dissimulada no mundo

¹⁰² Termo utilizado pela primeira vez por V.S McClatchy em Roger Daniels Politics of prejudice, p. 77

e que eles estariam correndo para se preparar para guerra, e dessa vez a guerra seria contra a América” (DANIELS, 1977 p.47).

Apesar do discurso do congressista não ter sido levado a sério em 1908, no começo dos anos vinte, ele representava uma ameaça concreta e muito assustadora para uma parcela cada vez maior de cidadãos norte-americanos. Não pelas manchetes fantasiosas que foram noticiadas ao longo dos anos por jornais como o *San Francisco Chronicle* e o *Examiner*, mas pelas ações imperialistas do próprio Japão no pós-primeira guerra. Atos como a subjugação da Coreia, as exigências territoriais sobre os domínios alemães na Ásia, a questão Shandong e as vinte e uma demandas sobre a China, além da contínua insistência japonesa por igualdade racial levantada nos tratados de Versalhes e de Genebra.

O terceiro fator apontado pelo historiador é o forte crescimento da propaganda antijaponesa. Essas propagandas são reflexos dos dois fatores anteriormente listados. Em sua maioria feitas pela *Liga de exclusão de orientais da Califórnia*, criada em 1905 por um grupo de 67 trabalhadores¹⁰³, a liga foi crescendo à medida que os japoneses se tornavam cada vez mais expressivos na costa Oeste. E possuía cinco pontos bem especificados (DANIELS, 2005, p.51).

1. O cancelamento do *gentlemen agreement*.
2. A exclusão das “noivas de fotografia”.
3. A rigorosa exclusão dos japoneses como imigrantes.
4. A confirmação de que todos os asiáticos deveriam ser barrados para sempre de se tornar cidadãos norte-americanos.
5. Uma emenda na constituição federal que garanta que nenhuma criança nascida nos Estados Unidos possa ser garantida os direitos de cidadão americano, a não ser que ambos os pais possam ser elegíveis à cidadania.

Apesar de não ter todos os pontos atendidos num primeiro momento, a *Liga* foi um importante grupo de articulação entre os setores desgostos da classe operária, a classe média e os políticos norte-americanos, espalhando o medo do perigo amarelo principalmente para os residentes de classe média da região de Hollywood. Não só o crescimento da propaganda levou a um aumento nas atividades contra asiáticos na costa Oeste, mas serviu também para chamar atenção da costa Leste para o perigo que aquela supostamente estava correndo por conta da ameaça japonesa.

¹⁰³ Entre os objetivos declarados desse grupo estavam: Espalhar a propaganda e legislação anti-asiática com intuito de restringir a imigração desse grupo. Esse grupo teve papel ativo na questão do Conselho de Educação de São Francisco. Em 1908 essa liga possuía 231 organizações afiliadas, 195 deles sindicatos

3.3 Os Legislação anti-imigratória.

A lei geral de imigração assinada pelo presidente John Calvin Coolidge em 1924, é o resultado de um processo longo de discriminação contra os “Novos Imigrantes” começado ainda no século XIX. A Xenofobia e o nativismo foram abastecidos pela preparação para a guerra de 1917. A reação da sociedade a Revolução Bolshevik aumentou o radicalismo interno. Somado a isso a frustração de alguns setores da sociedade com os resultados ao fim da guerra e a breve, mas severa, recessão que elevou a taxa de desemprego a quase 12% fizeram com que o sentimento anti-imigrante chegasse ao seu pico.

Até de 1921 apenas 8 grupos eram proibidos por lei de entrarem nos Estados Unidos. Apesar dos números de imigrantes terem diminuído durante a guerra, a impressão na época era que o país estava prestes a ser invadido por uma horda de Europeus miseráveis. Grande parte da população acreditava que os americanos tinham direito de escolher quem eles queriam que entrasse em seu país. “Ser povoado por britânicos, alemães, e escandinavos, povos historicamente livres, energéticos e progressistas ou por eslavos, latinos e judeus, raças historicamente subjugadas e atávicas.”

A lei foi aprovada em 1924 reduzindo a cota de 1921 de 3 para 2% e utilizando os números de 1890. Diminuindo assim as cotas daqueles que eram considerados como os mais indesejáveis pelos americanos: Judeus, Italianos, Eslavos. A lei também terminou de vez com o acordo feito com o japoneses, limitando sua entrada a 100 pessoas por ano. Mesma cota já utilizada para outros asiáticos.

Apesar da severidade da lei, a quantidade de exceções que a lei permitia fez com que as taxas de imigração continuassem altas por toda década de 20. As mesmas só começariam a baixar durante a depressão, quando mais pessoas passam a sair dos Estados Unidos do que entrar.

Conclusão

O nativismo foi uma força transformadora na sociedade americana. ele protagonizou brigas internas e querelas trazidas de outro continente, mas não só isso, o nativismo é um ator político. Capaz de fazer pressão, de criar leis, de banir grupos de criar e adotar terias científicas para justificar os atos cometidos por seus simpatizantes.

Tão importante quanto a ideia de americanidade para formação do nativismo é o estilo paranoico. Ambos presentes ao longo da história dos Estados Unidos. Sempre houve alguém que desejasse destruir o estilo de vida americano. Sempre um inimigo para qual precise ter cuidado, alguma conspiração para destruir a democracia norte-americana.

Compreender o nativismo como um ator único, incapaz de ferir os próprios cidadãos americanos é um equívoco. O nativismo não é sobre cidadania. Não é apenas sobre quem é americano ou não por direito constitucional. Ele tem a ver com uma visão de americanidade criada no final do século XVIII início XIX, que desde então não apresentou muita alteração no seu projeto inicial.

O nativismo é um reflexo de como a sociedade americana, ou pelo menos como parte da sociedade americana quer se enxergar. A identidade nacional americana apesar de muito ter alterado etnicamente ainda persiste em uma visão de que os americanos são todos brancos. Protestantes e cristãos.

Isso pode ser percebido até hoje em fala de filhos de imigrantes, talvez já terceira geração nascida nos Estados Unidos, mas antes de se identificarem como americanos, eles são nipo-americano, chineses-americanos, ítalo-americanos. A marca de sua não americanidade continua seguindo essas pessoas apesar de possuírem todas as garantias e direitos da Constituição.

O nativismo não pode ser considerado um assunto finalizado. As leis que definiram os conceitos de imigrantes legais não fez com que os grupos que desejavam restrições se contentassem. Imigrantes diferentes ainda são motivo de suspeita, desconfiança e assédio verbal e físico. Na década de 40 japoneses nascidos nos Estados Unidos foram colocados em campos de concentração. No século XXI os muçulmanos são alvos de desconfiança. Outras religiões não cristãs passam pelo mesmo problema.

Algumas pessoas como o ator George Takei (1937 -) utilizam sua fama para tentar conscientizar as pessoas sobre o potencial destruidor do nativismo. Enquanto outros grupos usam o medo do fim da americanidade para lançar leis, se candidatarem ou ganhar fama. O Ato patriótico foi uma amostra de como o medo de outros grupos pode afetar uma sociedade. Em contrapartida, outros grupos levam o ditado de Theodore Roosevelt de sempre aproveitar uma boa crise ao pé da letra, e utilizam do medo para ganhos próprios.

Os Estados Unidos continua um gigante americano ainda é esquizofrênico, e os lados de sua psique ainda não reentraram em contato entre si. Enquanto os americanos colocam a liberdade como seu valor e a democracia seu legado para o mundo. Internamente grupos de refugiados ou de cidadãos tem medo de sofrer ataques em plena luz do dia, e a democracia americana elege deputados e senadores que não representam grande parte de sua população.

Até esse gigante se olhar no espelho e perceber que ele não é mais o protestante, branco de valores liberais que chegou no Novo Mundo em busca de um recomeço. O nativismo continuará como mais uma característica da sociedade americana.

Bibliografia

Fontes Primárias:

1917 Immigration Act, disponível em: <

<http://library.uwb.edu/guides/usimmigration/39%20stat%20874.pdf>>

Scott v. Stanford (decisão da suprema corte) disponível em <

<https://supreme.justia.com/cases/federal/us/60/393/case.html>

Chinese Exclusion Act (1882). Disponível em:

<<http://www.ourdocuments.gov/doc.php?flash=old&doc=47> >

Constituição dos Estados Unidos: National Archives and Records Administration.

Disponível em: < <http://www.archives.gov/exhibits/charters/constitution.html> >

Census oficial dos Estados Unidos disponível para consulta em <

<http://www.census.gov/prod/www/decennial.html>>

Dawes Act (1887), Disponível em: <

<http://www.ourdocuments.gov/doc.php?flash=true&doc=50>>

Immigration Act (1924) Disponível:< [https://history.state.gov/milestones/1921-](https://history.state.gov/milestones/1921-1936/immigration-act)

[1936/immigration-act](https://history.state.gov/milestones/1921-1936/immigration-act) >

Décima quarta emenda constitucional norte americana ratificada em 1868 em

<http://www.ourdocuments.gov/doc.php?flash=true&doc=43>

Executive Order 8400 em

<<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=60837&st=&st1=> >

Executive Order 8953 em <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=60924> >

Naturalization Act 1790 <

<http://library.uwb.edu/static/USimmigration/1%20stat%20103.pdf>>

National Archives. Disponível em: <<http://www.archives.gov/>>

Our Documents. Disponível em: < <http://www.ourdocuments.gov/>>

Fontes Bibliográficas.

ANDERSON, Benedict, **Comunidades Imaginadas** : reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo, São Paulo: Companhia das Letras, 2008 .

BECKER, Jules, **The Course of Exclusion, 1882 - 1924**: San Francisco newspaper coverage of the Chinese and Japanese in the United States, Berkley, Berkley Press, 1986. (versão digital)

BENNETT, David, **The Party of Fear**: the American Far right from Nativism to the militia movement. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1988.

BROGAN, Hugh, **The Penguin History of the United States of America**. New York: Penguin Books, 2ed, 2001. (versão digital)

BILLINGTON, Ray Allen, **The Protestant Crusade; 1800-1860**: A Study of the Origins of American Nativism: Quadrangle Paperbacks, 3ed, 2000. (versão digital.)

CAMPOS, Maria da Conceição Oliveira. **O Princípio das Nacionalidade nas Relações Internacionais**. Belo-Horizonte: Del Rey, 2003.

CASHMAN, Sean, **America in the Gilded Age**; From the death of Lincoln to the rise of Theodore Roosevelt. New York: New York University Press, 3ed, 1993.

CREVECOEUR, J.Hector Saint John. **Letters from an American farmer**, London : J. M. Dent & sons, 1782 4 ed 1926.

CRUNDEN, Robert M. **Cultura Americana**, Uma breve história, Rio de Janeiro: Nordica, 1994

DANIELS, Roger, **Coming to America**: A history of Immigration and ethnicity in american life. Princeton: Harper Perennial, 1991 2°ed 2002.

_____. **Guarding the Golden Door**: American Immigration Policy and Immigrants Since 1882. Farrar: Straus and Giroux, 2005.

_____. **Not Like Us**: Immigration and minorities in America, 1890-1924. Chicado: Ivan R.Deer, 1997

_____. **The Politics of Prejudice**, the anti-japanese movement in California and the Struggle for Japanese exclusion, Berkley: University of California Press, 1977.

_____. **Prisoners Without a Trial**: Japanese American in World War II. New York: Hill and Wang, 2004.

DEL PRIORI, Mary. **Do outro lado: A História do Sobrenatural e do Espiritismo São Paulo:** Planeta, 2014.

ELIAS Nobert e John L. Scotson **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. (versão digital)

GRAHAM, Otis. **Debating American Immigration: 1882- Present,** Maryland: Rowman & Littlefield publishers, 2001.

GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism** , Ithaca: Cornell University Press, 1983

GREENFELD, Liah. **Nacionalismo: cinco caminhos para modernidade:** Publicações Europa-América, LTDA, Portugal, 2008.

HANDLIN, Oscar. **Race and nationality in American life.** Boston: Little Brown, 1953.

_____. **Uprooted.** 2. ed. Boston: Atlantic Monthly Press Book, 1973

HIGHAM John, **Strangers in the Land: Patterns of American Nativism, 1860-1925.** London: Rutgers University Press, 3^o ed 2002

HAWKINS, Mike. **Social Darwinism in European and American Thought 1860-1945:** Nature as a model and nature as threat. Cambridge : Cambridge University Press, 1997.

HOBSBAWM, Eric. **Nations and Nationalism Since 1780: Programme, Myth, Reality.** Cambridge, University Press, 1990

HOFSTADTER, Richard. **Paranoid style in American politics** and other essays(the). New York: Vintage, 1967

HUNTINGTON, Samuel P. **Who Are We: The Challenges to America's National Identity.** New York:Simon & Shuster, 2005

JOHNSON Paul, **A History of the American People.** London: Phoenix, 2000 Kindle Edition (Kindle Edition)

JANSEN, Marius, John Whitney Hall, Marius Jansen, Madoka Kanai,. **The cambridge history of japan. V.5** Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KUZNICK, Peter, and STONE, Oliver. **The Untold story of the United States**, New York: Gallery Books. 2012. (Kindle Edition)

LENS, Sidney. **A fabricação do Império Americano**: da revolução ao Vietnã: uma história do imperialismo dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MALKIN, Michelle **In Defense of Internment**: The Case for Racial Profiling in World War II and the War on Terror. Washignton DC: Regnery Publishing, 2004 Kindle Edition (Kindle Edition)

MURRAY, Robert. **Red Scare**: A Study in National Hysteria, 1919-1920, Minnesota: University Of Minnesota Press, 1955 (Kindle Edition)

NG, Wendy. **Japanese American Internment During World War II**, A history and reference Guide. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 2002. (versão digita PDF)

OTIS L. Graham, Jr. **Immigration Reform and America's Unchosen Future**, Indiana, Bloomington, 2008

OXX Katie **The Nativist Movement in America**: Religious Conflict in the 19th Century. New York: Routledge, Kindle Edition, 2013 (Kindle Edition)

ÖZKIRMLI, Umut, **Theories of Nationalism**, New York: Palgrave McMillian, 2010 (versão digital PDF)

PFAELZER Jean. **Driven Out**: The Forgotten War against Chinese Americans. California: University of California Press, 2008. (Kindle Edition)

POCOCK, J. G. A. **Political thought and history**: essays on theory and method. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2009.

RAPAHÉL, Ray. **Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos**: A Verdadeira História da Independência Norte-Americana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro, 2006.

PORTES Alejandro; RUMBAUT, Ruben G. **Immigrant America**: a portrait. 3d ed. Berkeley: University of California Press, 2006

SCHRAG, Peter. **Not Fit for Our Society**: nativism and immigration. Berkeley: University of California Press, 2010

SYRETT, Harold C. (org) **Documentos Históricos dos Estados Unidos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1960

TICHENOR, Daniel J. **Divine Lines**: The Politic of Immigration Control In America. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2002.

WEGLYN. Michi. **Years of Infamy**: The Untold Story of America's Concentration Camps. 3 Ed. Seattle. First University of Washington. 2003

ZINN, Howard. **A History People of the United States**. New York: Harper Perennial Modern Classics, 2003 e (Kindle Edition)

Artigos:

BARRY, Colman J. *Some Roots of American Nativism* The Catholic Historical Review, Vol. 44, No. 2 (Jul., 1958), pp. 137-146

BERGQUIST, James M. **The Concept of Nativism in Historical Study Since "Strangers in the Land**. American Jewish History Vol. 76, No. 2 Dez. 1986, pp. 125-141

CHAMBERS, Henry L. **Slavery, Free Blacks And Citizenship** Constitution and the Sectional Conflict Rutgers University School of Law–Camden Camden, New Jersey, April 12, 2001

FONSECA, Carlos. **"Deus está do nosso lado"** Excepcionalismo e Religião nos EUA. *Contexto Internacional. Rio de Janeiro Vol. 29 n°1*, janeiro/julho 2007, p.149 -185

GREGORY W. Streich. **Discourses of American national identity**: echoes and lessons from the 1910s–1920s, *Citizenship Studies Vol. 13*, No. 3, Jun 2009, 267–287

GORN Elliott J. **"Good-Bye Boys, I Die a True American"**: Homicide, Nativism, and Working-Class Culture in Antebellum New York City. *The Journal of American History*, Vol. 74, No. 2 Set., 1987, pp. 388-410.

KAUFAMANN, Eric.

GUIA, Aitana, **The Concept of Nativism and Anti-Immigrant Sentiments in Europe**. EUI Working Paper, *European University Institute*, 2016

RAVENSTEIN, Georg. **The Laws of Migration.** *Journal of the Statistical Society of London*, Vol. 48, N° 2.

SEYMOUR Martin Lipset **Affirmative Action and the American Creed**, *The Wilson Quarterly* (1976-), Vol. 16, No. 1 pp. 52-62

Dissertações e teses:

ADAMEC, Martin. A formação da identidade nacional Brasileira: um projeto ressentido, Tese de doutorado em ciência política: Brasília, UnB. 2014.

Fontes Alternativas:

Podcasts:

Hardcore History: American peril, 25 Julho, 2013

Não Obstante: Nietzsche e o Ressentimento, 2014

Open Yale Courses: the civil war and reconstruction era, 1845-1877 (2009)

Documentários:

American Experience: American Gold Rush. Direção: Randall MacLowry
Produção: Randall MacLowry and Laura Longswort, c2014 Documentário, 119min
Disponível para acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v7PhUMOR99U>> Acesso em: 17/08/2016

Reconstruction: The Second Civil War. Direção: Llewellyn M. Smith Produção: Llewellyn M. Smith (c) 2004 WGBH Educationl Foundation Documentário: Disponível para acesso em:

Civil War. Direção: Ken Burns, Produção: Ken Burns 1990. Minissérie em 09 episódios.

ⁱ The origins of this approach can be traced to the early progressive "race" theorists of the 1920's and 30's, with their belief that "Racial hatreds, national hatreds, group hatreds have always rooted deeply in man's fight against man for the means of subsistence and display.

ⁱⁱ It would not be until the 1920s when scholarly attention turned to the subject; the study of nativism had to wait until the late 1930s to become an acceptable subject in the top universities

ⁱⁱⁱ Patrick J. Buchanan or the Republican California governor Pete Wilson, made immigration restriction a centrepiece of their bids for office and California voters backed nativism by adopting Proposition 187, which severely limited state assistance to undocumented immigrants. Its use subsided for a few years, only to re-emerge again with Arizona's draconian anti-immigration legislation in 2010

^{iv} Despite these limitations, nativism is a useful concept to understand majority nationalism under conditions of mass migration in both imperial settler territories, such as Canadian New Brunswick in the 1840s (See 1993) and liberal democratic countries, such as the USA (Higham 1988; Tatalovich 1995; Anbinder 2006), Australia (Blackton 1958), Argentina (McGee Deutsch 1999) at various times in the nineteenth and twentieth centuries, or the Netherlands since the 1980s (Lucassen and Lucassen 2015). It can also be applied to minority nationalism in regions such as Flanders since the late 1970s (Ceuppens 2006) and Quebec in the last few decades (Puttagunta 1998). Nativism can also be found in postcolonial settings, such as the Spanish cities of North-Africa in the mid-1980s (Guia 2014).

^v Nativism a consequence of immigration and the ethnic diversification of American citizenry. Some are more concerned with the context of American Life, and the particular fears that led to its development.

^{vi} To describe persons, organizations, and movements that oppose immigration or the amount of immigration on whatever grounds.

^{vii} While drawing on much broader cultural antipathies and ethnocentric judgments, nativists translates them into a Zeal to destroy the enemies of a distinctively American way of life.

^{viii} Church Adherents seemed dangerously foreign agents in the Nation's life.

^{ix} The common vision of alien intruders in the national community because of their religion or ethnicity.

^x Since the enshrinement of Enlightenment ideas of equality and inclusiveness in the founding documents of the new nation, to be a nativist in this country was to be in conflict with this fundamental ideals

^{xi} Pennsylvania was becoming a colony of aliens, who will shortly be so numerous as to germanise us instead of us anglifying them and will never adopt our language or customs any more than they can acquire our complexion.

^{xii} Immigrants from foreign monarchies who will infuse into American legislation their spirit, warp and bias its direction render it a heterogeneous, incoherent, distracted mass.

^{xiii} Is that they run almost directly counter to the nation's founding ideals.

^{xiv} His sense that his political passions are unselfish and patriotic, in fact, goes far to intensify his feeling of righteousness and his moral indignation.

^{xv} Its style has to do with the way in which are believed and advocated rather than with the truth or falsity of their content

^{xvi} The spokesman of the paranoid style finds it directed against the nation, a culture, a way of life whose fate affects not himself but millions of others.

^{xvii} It is imperative to thoroughly assess their appeal, power, and consequences.

^{xviii} Is as indispensable as it is unclear. It is manifold, hard to define and evades many ordinary methods of measurement.

^{xix} Only in extreme social situations. Such battles in war may temporarily eradicate all other group affiliation, but one

^{xx} People make their identity, under varying degrees of pressure, inducements, and freedom.

^{xxi} Identities are imagines selves: they are what we think we are and what we want to be.

^{xxii} People are relatively free to define their identities in practice as they wish, although they may not be able to implement those identities in practice.

^{xxiii} Competition leads to antagonism and the broadening of what may have started as the perception of narrow differences into more intense and fundamental ones. Stereotypes are created, the opponent is demonized, the other transmogrified into the enemy.

^{xxiv} This version of equality is one of five related elements in the American Creed, including liberty, individualism, populism (the rule of the people), and laissez faire

^{xxv} This 'American Creed' extends and guarantees equal rights, liberties, and opportunities to all citizens (Hartz 1955, Schlesinger 1998). Instances where the US failed to live up to these ideals – whether in the form of chattel slavery, Jim Crow segregation, or the subjugation of women – are construed as aberrations, anomalies, or exceptions to the rule. Racial inequality is, for Lipset, the 'great exception' to the American Creed, but he

treats this as a matter of hypocrisy that does not cast any doubt on the fundamental validity of the American Creed

^{xxvi} Always, the stat was the village. “I was born in such a village in such a parish” – so the peasant invariably began the account of himself. Thereby he indicated the importance of the village in his being; this was a fixed point by which he knew his position in the world and his relationship with the humanity.

^{xxvii} What attachment can a poor European emigrant have for a country where he had nothing? The knowledge of a language, the love of a few kindred as poor as himself, were the only cord that tied him: his country is now that which gives him land, bread, protection and consequence: *Ubi panis ibi patria* is the motto of all emigrants.

^{xxviii} Tempted by the prospect of princely rewards for their efforts, they ventured to tear themselves away from the ancestral village, to undertake the unknown risks of transplantation. The movement of such men was the first phase of what would be a cataclysm transfer of population.

^{xxix} Many Europeans new comers found no hospitality or kindness waiting to greet them. Conflict rages between the “chosen people and outsiders long before the Know Nothing crusaders of mid-nineteenth century. Antialien enmity was part of the heritage of the colonial experience.

^{xxx} No such demands came from the continental colonies. On the contrary, the calls were for skilled white labor, with the preference for those most like the first settlers and ranging from the Scots and Welsh to Irish, French and Italians. Least desired were the unskilled, utterly strange Negroes

^{xxxi} students of Puritanism, many of whom have developed the peculiar habit of claiming Puritan thought to be the key to understanding the unfolding of American history.

^{xxxii} No nation, in the true sense of the word, could be born without war... no self-conscious community could establish itself as a new and independent actor on the world scene without an armed conflict or the treat of one. People developed their sense of national identity as they fought to differentiate themselves from other people with different language, religion, history or location.

^{xxxiii}

^{xxxiv} More recent studies of nativism are correct in not equation it with anti-catholicism as has, perhaps, been done too often in earlier studies for reason that one of the most obvious, consistent, and dramatic evidences of the phenomenon was directed against the catholic immigrants.

^{xxxv} He is an American, who leaving behind all his ancients prejudices and manners.

^{xxxvi} In a land where wars against France and Spain had led to new rumors of a Catholic conspiracy and images of phantom Catholic armies mobilizing in Canada and Florida, it was not difficult to see the papist as an enemy agent.

^{xxxvii} o guard your Religion, the pure Religion of Jesus, streaming uncorrupted from the sacred fountain of the Scriptures; the most excellent, rational and divine religion that ever was made known to the sons of Men; to guard such a precious Religion (my heart grows warm while I mention it) against Ignorance, Superstition, Idolatry, Tyranny, over Conscience, Massacre, Fire, and Sword, and all the Mischiefs, beyond Expression, with which Popery is Pregnant--to keep from the cruel Hands of Barbarians and Papists your Wives, your Children, your Parents, your Friends--to secure the Liberties conveyed to you by your brave Fore-Fathers, and bought with their blood,

^{xxxviii} First, anti-Catholicism along in the colonial period based on the English Protestant tradition along with the historical fears of the Spanish and French emperies, and in the national period a complex religious, social and economic resentment against immigrants; second, a fear of foreign radical in the beginning in the 1790's; third, a positive doctrinal concept of anglo-saxon or anglo-american superiority extending throughout our history and implying the inferiority of other peoples.

^{xxxix} “Pope Night” festivals depicting the Devil in the league with the Catholics and fireside games like “break the pope’s neck”.

^{xl} The dissidence of American Protestantism, manifested first in Puritanism and congregationalism, reappeared in subsequent centuries in Baptist, Methodist, pietist, fundamentalist, evangelical, Pentecostal, and other types of Protestantism. These movements differed greatly. They were, however, generally committed to an emphasis on the individual’s direct relation to God, the supremacy of the Bible as the sole source of God’s word, salvation through faith and for many the transforming experience of being “born again”

^{xli} The era that is called the “Enlightenment” also had a distinct affect on the relationship between church and state during the colonial period, although it resulted not in religious fervor, but rationalism. Many prominent thinkers were influenced by European deists and applied those ideas to the situation in the colonies.

^{xlii} The era that is called the “Enlightenment” also had a distinct affect on the relationship between church and state during the colonial period, although it resulted not in religious fervor, but rationalism. Many prominent thinkers were influenced by European deists and applied those ideas to the situation in the colonies.

^{xliii} Secret and systematic means have been adopted and pursued with zeal and activity, by wicked and awful men, in foreign countries to undermine the foundations of this religion [Christianity], and overthrow its Altars, and thus to deprive the world of its benign influence of society...

^{xliiv} The sins of these enemies of Christ, and Christians, are of numbers and degrees which moch account and description. All that take the malice and atheism of the Dragon, the cruelty and rapacity of the Beast, and the fraud and deceit of the false Prophet, can generate, or accomplish, swell the list. No personal or national interest of man has been uninvaded; no impious sentiment, or action, against God has been spared... Shall we, my brethren, become partakers of these sins? Shall we introduce them into our government, our schools, our families? Shall our sons become the disciples of Voltaire, and the dragoons of Marat; or our daughters the concubines of the Illuminati?

^{xliv} Although the Irish were a crucial source of labour for the nation's expanding industries, the proper people, who then called themselves "native Americans," saw "that the Irish ... posed problems in housing, police, and schools; they meant higher tax rates and a heavier burden in the support of poorhouses and private charitable institutions. ... They seemed drunken, dissolute permanently sunk in poverty."

^{xlvi} (...) men and women who, in their drinking and debauchery, seemed to have no respect for the Puritan mores around them (whiskey for the Irish, as the cartoonists portrayed it, beer for the Germans).

^{xlvii} In *The Awful Disclosure*, the innocent Maria, a Protestant convert to Catholicism, was told by her mother superior that her duty "was to obey the priests in all things; and this I soon learnt, to my utter astonishment and horror, was to live in the practice of criminal intercourse with them." The priests weren't allowed to marry and sacrificed their worldly pleasure for the faith, she was told. Thus it was the nun's duty, in this clerical harem (she said it was housed in a great gothic edifice with secret doors and hidden passageways, including one from the priest's seminary nearby), to sacrifice for them. After being impregnated by a priest, she said, she escaped from the Hotel Dieu with her baby and fell into the welcoming arms of some New York Protestants.

^{xlviii} (...) Protestant mobs burned homes and two churches and in which scores of people were badly beaten and several killed. Two months later, on July 4, there was yet another nativist demonstration, staged by a crowd estimated at between five thousand and thirty thousand

^{xlix} The Irish were slowly winning the battle for the city against the Protestant lower class by sheer force of numbers. But those numbers didn't check the nativist politics of the American Party, the American Republic Party, the fraternal Order of the Star Spangled Banner, the Order of United Americans, the American Patriot Party, and the various other orders, clubs, and publications that were part of the Know-Nothing Movement of the 1850s.

^l Know-Nothings (...) were pledged to resist "the insidious policy of the Church of Rome, and all other foreign influence against our republican institutions and to place in all offices of honor, trust, or profit, in the gift of the people, or by appointment, none but native-born Protestant citizens".

^{li} Transatlantic migration was resumed in force when the war ended and the throngs who came found the way prepared and the place waiting for them.

^{lii} Between the civil war and 1900, steam and electricity replaced human muscle, iron replaced wood, and steel, iron replaced wood, and iron replaced wood (before the Bessemer process, iron was hardened into steal at the rate of 3 to 5 ton as day, now the same amount of can be processed in 15min) Machines could now drive steel tools. Oil could lubricate machines and light homes, streets, factories.

^{liii} The growth of farming profoundly altered the geography and demographics of the United States. Though the country was industrializing at a breakneck speed in the second half of the 19th century, agriculture held its own as main source of wealth and work

^{liv} In 1868 the central pacific advertised that it would employ all the labor that may be offered. In construction work at \$30 a month.

^{lv} The end of the Civil War solved the problem of slavery and started the problem of the blacks, which is with America still. Everyone, from Jefferson and Washington onwards, and including Lincoln himself, had argued that the real problem of slavery was not ending it but what to do with the freed blacks afterwards. All these men, and the overwhelming majority of ordinary American whites, felt that it was almost impossible for whites and blacks to live easily together.

^{lvi} That in the management and control of said apprentices, said master or mistress shall have the power to inflict such moderate corporal chastisement as a father or guardian is allowed to inflict on his or her child

^{lvii} Witnessed some of the bloodiest labor struggles in the nation's history

^{lviii} Yet even as the national economy collapsed, the Chinese in Chico sold vegetables from their wagons, washed and delivered laundry, cooked and cleaned, and worked as low-paid nannies, private laundries, and gardeners for white women who had never had an servant before.

^{lix}

^{lx}

^{lxi} Japanese males could avoid military service by leaving the country and staying away until they had reached the age at which they were no longer eligible for military duty. All of these were reasons for emigration abroad.